

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM FILOSOFIA**

FELIPE BELTRAN KATZ

**CONTRA A CORDIALIDADE:
ANÁLISE DO CONCEITO DE *HOMEM CORDIAL*
NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**

DOUTORADO EM FILOSOFIA

SÃO PAULO

2018

FELIPE BELTRAN KATZ

**CONTRA A CORDIALIDADE:
ANÁLISE DO CONCEITO DE *HOMEM CORDIAL*
NA OBRA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA**

DOUTORADO EM FILOSOFIA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Filosofia, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio José Romera Valverde.

SÃO PAULO

2018

BANCA EXAMINADORA

AGRADECIMENTOS

Gostaria de externar minha gratidão a todos que, por ações ou palavras, colaboraram em todo o processo do trabalho. Agradecer a todos não é tarefa fácil, pois devo a muitos. Mas não posso deixar de mencionar alguns agradecimentos especiais.

Agradeço ao Professor Antonio José Romere Valverde, pela orientação, pelas palavras de encorajamento e incentivo e os quase dez anos de amizade.

Agradeço aos professores Gabriela Resende Ferreira e Miguel Wady Chaia, membros da banca do Exame de Qualificação, pela ajuda na pesquisa e sugestões e críticas para o aprimoramento do trabalho.

Agradeço ao professor Marcelo Perine, pela colaboração na elaboração e nas primeiras etapas do trabalho.

Agradeço a todos os membros do Programa de Pós-graduação em Filosofia da PUC-SP, coordenadores, professores e colegas, pela convivência e troca de experiências.

Agradeço a todos os meus colegas do Centro Regional Universitário de Espírito Santo do Pinhal - UNIPINHAL, pelo incentivo e colaboração não só neste presente trabalho, mas na minha vida nos últimos seis anos.

Agradeço à ajuda de Gustavo Ferreira e Karina Cobo, pela impecável colaboração na correção e revisão deste trabalho.

Agradeço a todos os amigos, em especial ao Fabio Moraes, pela troca de experiências excepcionais de uma convivência que parece de uma vida toda, ao Flávio Costa, pelas trocas verdadeiramente existenciais de uma convivência diária que dura quase três anos, ao Nelson Mendes, ao Fábio Augusta, à Monique Vieira,

à Marina Figueiredo, o conjunto de uma verdadeira família escolhida que todo fim de semana, desde 2007, se reencontra e se refunde pela força do amor.

Finalmente, agradeço a meus familiares, especialmente minha mãe, meu irmão, meu avô, minha avó, pela colaboração e incentivo durante a pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho pretende discutir as contribuições das análises de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) como pensador do Brasil. O foco deverá ser o conceito de *homem cordial*, espécie de síntese de caráter brasileiro. O *homem cordial* não é benevolente nem pacífico, como o próprio nome sugere, ele só é capaz de agir através do *coração*, expressa-se pela emoção, em detrimento da razão. Assim sendo, o *homem cordial* é incapaz de seguir os códigos necessários para o estabelecimento de uma conduta objetiva e impessoal.

Segundo Sérgio Buarque, o comportamento do *homem cordial* impede que no Brasil haja uma definição clara entre as esferas públicas e privadas. O Estado brasileiro, muitas vezes, torna-se extensão dos interesses dos poderosos, que o conduzem de maneira a satisfazer os caprichos de suas famílias estendidas. Aqueles que não são reconhecidos como partes dessa família são abandonados ou perseguidos.

Sérgio Buarque afirma que é preciso abandonar essa conduta cordial, para que a democracia chegue plena ao Brasil. O Estado deve ser impessoal e coletivo, não deve submeter-se aos caprichos de poucos, deve ser inclusivo. Abandonar a cordialidade é colocar o Estado acima dos interesses das paixões particulares e democratizar as instituições.

Palavras-chave: Sérgio Buarque de Holanda, pensamento brasileiro, homem cordial.

ABSTRACT

The present work tries to discuss the contributions of Sérgio Buarque de Holanda's (1902-1982) analysis as a thinker of Brazil. The focus shall be the concept of the *heartily-man*, a kind of synthesis of the Brazilian character. The *heartily-man* is neither benevolent nor peace-loving, as the word suggest, he is only capable of action through the *heart*, he expresses himself through emotions at the expense of reason. Therefore, the *heartily-man* is incapable of following the necessaries codes to the establishment of an impersonal and objective conduct.

For Sergio Buarque, the conduct of the *heartily-man* prevents that, in Brazil, a clear definition between the public and private spheres exists. The Brazilian state, sometimes, becomes the extension of the interest of the powerful, who manage it to satisfy the whims of their extended families. Those that they not recognize as part of this extended family are abandoned or persecuted.

Sérgio Buarque affirms that this heartily conduct needs to be abandoned, so democracy can arrive fully in Brazil. The state must be impersonal and collective, it must not submit itself to whim of the few and it must be inclusive. To abandon the heartily conduct is to put the state interests over the passions of the particulars and democratise the institutions.

Keywords: Sérgio Buarque de Holanda, brazilian thought, heartily man.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – A SEMENTE DO <i>HOMEM CORDIAL</i>	30
CAPÍTULO II – AS RAÍZES DO <i>HOMEM CORDIAL</i>	59
CAPÍTULO III – OS RAMOS DO <i>HOMEM CORDIAL</i> : O CONCEITO EM PERSPECTIVA.....	93
CONCLUSÃO.....	128
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	148

"O homem que é isolado, que é incapaz de dividir os benefícios da associação política, ou que não possui necessidade de dividir, pois ele já é autossuficiente, não é parte da cidade, e, portanto deve ser um animal ou um deus."

Aristóteles

INTRODUÇÃO

Frei Vicente Salvador (1583-1639), notável observador do Brasil, relata um caso curioso que ocorreu com seu colega, o bispo de Tucumán da Ordem de Santo Domingo, que, visitando a cidade da Bahia, deparou-se com os hábitos peculiares da sociedade brasileira em formação. O pobre bispo, cansado e faminto da longa viagem para o continente americano, pediu que comprassem para ele um frangão, quatro ovos e um peixe para comer. No entanto, nenhum desses mantimentos foi encontrado nem na praça nem no açougue. O bispo pediu então que buscassem os mantimentos nas casas particulares, onde todos foram encontrados, e o bispo pôde saciar sua fome. Frei Vicente relata que, intrigado com o ocorrido, o bispo de Tucumán teria exclamado:

[...] então disse o bispo verdadeiramente que nesta terra andam as coisas trocadas, porque toda ela não é república, sendo-o cada casa; e assim é, que estando as casas dos ricos ainda que seja a custa alheia, pois muitos devem quanto têm providas de todo o necessário, porque tem escravos, pescadores, caçadores, que lhes trazem a carne e o peixe, pipas de vinho e de azeite, que compram por junto: nas vilas muitas vezes se não acha isto a venda. Pois o que é fontes, pontes, caminhos e outras coisas públicas é uma piedade, porque atendo-se uns aos outros nenhum as faz, ainda que bebam água suja, e se molhem ao passar dos rios, ou se orvalhem pelos caminhos, e tudo isto vem de não tratarem do que há cá de ficar, senão do que hão de levar para o reino.¹

O relato de Frei Vicente sobre as desventuras do bispo de Tucumán já foi lembrado diversas vezes. Ele procura sugerir um aspecto importante do Brasil: a dificuldade que existe entre nós de discernir o que é público e coletivo daquilo que é

¹ SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil: 1500-1627**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965, p.59.

individual e privado. Essa parece ser uma questão latente e muitas vezes anunciada como um problema fundamental na *formação* do Brasil. Dos muitos autores que se debruçaram sobre essa questão, talvez nenhum tenha sido mais aguçado e original nas suas análises que Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), estudioso de renome que muitas vezes tem sua fama ofuscada pela de seu próprio filho, Chico Buarque (1944), outro homem de admirável genialidade.

Sérgio Buarque de Holanda nasceu na cidade de São Paulo em 1902, filho de um farmacêutico pernambucano. Com 19 anos mudou-se para o Rio de Janeiro e ligou-se ao movimento modernista; em 1925 formou-se em Direito pela Universidade do Brasil (atual UFRJ).² Articulista talentoso, contribuiu com ensaios para o semanário carioca *Fon-Fon* e ajudou a fundar a revista literária *Estética*, que publicaria somente três números.³ De certa forma, Sérgio Buarque participou do movimento de renovação estética do *modernismo brasileiro*, mas não foi um de seus protagonistas.⁴

Em junho do ano de 1929, a convite do diário carioca *O Jornal* (de propriedade de Assis Chateaubriand), fez uma viagem para a Alemanha para cobrir os acontecimentos naquele país, além da missão de visitar a Polônia e a Rússia. Acabou ficando em Berlim e fez uma curta visita à Varsóvia.⁵ Essa estada na Alemanha, apesar de curta, pois durou até dezembro de 1930, marcou profundamente a obra de Buarque, e aponta-se a sua obra mais conhecida, *Raízes do Brasil* (1936), como produto da influência intelectual que adquiriu no país germânico. Em Berlim frequentou alguns cursos de Friedrich Meinecke (1862-1954),

² BARBOSA, Francisco de Assis. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.14.

³ Ibidem, p.17.

⁴ PRADO, Antonio Arnoni. *Raízes do Brasil* e o modernismo. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p.71.

⁵ CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, op. cit., p.119.

historiador de influência hegeliana e conhecido pelo seu antissemitismo, e leu algumas obras de Werner Sombart (1863-1941), economista expoente da chamada *escola histórica* de economia; Ferdinand Tönnies (1855-1936), sociólogo responsável por introduzir os escritos de Thomas Hobbes (1588-1679) na Sociologia; e Max Weber (1864-1920), sociólogo que teorizou acerca da influência da religião na conduta humana e as suas consequências, além de analisar a gênese e formação da burocracia estatal.⁶

De volta ao Brasil, talvez devido à experiência de ter testemunhado a ascensão do nazifascismo em primeira mão, colocou-se em oposição a Getúlio Vargas e seu governo instalado após a chamada *Revolução de 1930*. Assim sendo, posicionou-se a favor do movimento paulista de 1932 contra o governo getulista, sendo por isso detido pela polícia.⁷ Foi politicamente muito atuante durante o período da ditadura varguista, em 1942 participou da fundação da Associação Brasileira dos Escritores, que, além de defender os interesses dos escritores do país, foi uma das mais eficientes formas de oposição ao Estado Novo brasileiro. Em 1945, no primeiro congresso da Associação, onde Sérgio Buarque era um dos delegados pelo Rio de Janeiro, fez um manifesto a favor do restabelecimento das liberdades democráticas. Censurado pelos jornais, o manifesto foi lido no Teatro Municipal de São Paulo.⁸

Pouco depois, Sérgio Buarque integrou o grupo *Esquerda Democrática*, que em 1947 se transformou no Partido Socialista Brasileiro, e lá permaneceu até a sua extinção, em 1965 (devido ao bipartidarismo imposto pela ditadura civil-militar),

⁶ CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.123.

⁷ CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p.81-82.

⁸ *Ibidem*, p.82.

inclusive concorrendo a um cargo legislativo por São Paulo.⁹ Em 1958 assumiu a cátedra de *História da Civilização Brasileira* da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Mesmo após a instauração da ditadura civil-militar com o golpe de 1964, a atuação política de Sérgio Buarque de Holanda não esmoreceu.

No ano de 1969 se desligou da Universidade de São Paulo, solidarizando-se com os colegas que, por perseguição política do Estado, foram sumariamente aposentados.¹⁰ Em pleno governo do General Emílio Médici (1969-1974), o mais sangrento e repressor da ditadura civil-militar, Sérgio Buarque se articulou contra a perseguição a Oscar Pedroso Horta (1908-1975), um dos deputados oposicionistas mais combativos ao regime. O manifesto, organizado por Sérgio Buarque numa brecha do regime de exceção, pôde ser publicado nos jornais paulistas da época.¹¹ Em 1980, alguns anos antes de sua morte, já bastante debilitado, tornou-se um dos membros fundadores do Partido dos Trabalhadores.

Sérgio Buarque de Holanda foi um intelectual politicamente bastante atuante, para além de sua atividade como historiador e pensador do Brasil. A sua obra mais original, *Raízes do Brasil*, é o resultado dessa sua inquietação com a grande problemática da desigualdade e da falta de democracia inerentes à trajetória (ou tragédia) histórica do Brasil. Para o já saudoso pensador Antonio Candido (1918-2017), a vida e a obra de Sérgio Buarque se confundem. Lembrando o velho intelectual, já de bengalas, sendo ovacionado na sua filiação ao PT, ele afirma:

⁹ CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.128.

¹⁰ CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p.83.

¹¹ *Ibidem*, p.83.

Simbolicamente era como se houvesse uma ligação profunda entre a aclamação de agora e aquele texto de 1936, segundo o qual só a transferência de poder às camadas espoliadas e oprimidas poderia quebrar o velho Brasil da iniquidade oligárquica.¹²

Sem dúvida alguma é em *Raízes do Brasil* que a proposta de transformação social de Sérgio Buarque de Holanda se apresenta de maneira mais evidente. O foco do presente trabalho, entre outros objetivos, é apontar o caráter original dessa obra e suas contribuições para o entendimento do que seria a *realidade* brasileira. *Raízes do Brasil* possui um contexto, é produto de uma época e de uma temática:

No decênio de 1920 e 1930 houve grande interesse pelo que pode chamar de “explicações do Brasil”, interesse simbolizado de certo modo por uma iniciativa editorial de grande importância, a coleção *Brasilianas* da Companhia Editorial Nacional, organizada e por muitos anos dirigida por Fernando de Azevedo. Essas “explicações” se concentravam sobretudo no passado e podem ser exemplificadas por duas obras de enorme influência: *Populações Meridionais do Brasil* (1920), de Oliveira Vianna, e *Casa-Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. *Raízes do Brasil* (1936) é menos ambicioso e se distingue por um traço peculiar: parece escrito pensando no presente e deságua numa reflexão política de singular atualidade.¹³

Segundo Antonio Candido, das obras elaboradas na mesma época de *Raízes do Brasil*, nenhuma teria atingido um grau de perspicácia tão singular como o trabalho de Sérgio Buarque ao tratar de uma *explicação* do Brasil e apontar para *soluções*. No entanto, é preciso ter em mente que *Raízes do Brasil* é mais um trabalho que se debruça sobre o Brasil. A temática das peculiaridades do país é bastante antiga para os intelectuais brasileiros. A aparente tradição ocidental do

¹² CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.129.

¹³ CANDIDO, Antonio. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998, p.84.

Brasil, estabelecida num ambiente não europeu, sempre foi uma questão para os pensadores do país, começando pela literatura e expandindo-se para os ensaios sociológicos.

Desde o início, quando os primeiros europeus aportaram nas praias brasileiras e se deram conta de que a natureza dessas paragens não era a mesma do velho continente, pois era mais frondosa e exuberante, o caráter peculiar do Brasil na sua pretensa inserção no ocidente foi estabelecido. Na visão desses primeiros europeus, o país se apresenta como um paraíso, uma terra virgem e idílica, pronta para ser cristianizada e explorada: “O Brasil se desdobra como um portento de glórias nos três reinos da natureza, enquadrando a glória do homem – que converte o gentio, expulsa o herege e recebe como salário as dádivas vegetais e minerais, a cana e o ouro.”¹⁴

Com o passar dos séculos, a colonização vai se enraizando, as instituições europeias vão se estabelecendo em território brasileiro e a questão de ser ou não ser Europa se torna latente entre os intelectuais brasileiros. O século XVIII marcou o nascimento do nativismo “voltado, agora, não apenas para a transfiguração do país, mas para a investigação sistemática de sua realidade e para os problemas de transformação de seu estatuto político”¹⁵. Dessa maneira, passa ser de fundamental entendimento para os pensadores nativistas do Brasil a especificidade do país como um lugar de *natureza* peculiar, mas que, para ser compreendido na sociedade ocidental, necessita do arcabouço teórico europeu:

No caso brasileiro, esses pensadores se manifestaram frequentemente pelo desejo de mostrar que também nós tínhamos capacidade para criar uma expressão racional da

¹⁴ CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000, p.87.

¹⁵ *Ibidem*, p.89.

natureza, generalizando nosso particular mediante as disciplinas intelectuais aprendidas com a Europa. E que havia uma verdade relativa às coisas locais, desde a descrição nativista das suas características, até as buscas por normas justas, que deveriam pautar o nosso comportamento como povo.¹⁶

O nativismo marcaria certa consciência de que existem peculiaridades específicas do Brasil: sua diversidade étnica, sua desigualdade, sua natureza exuberante, seus conflitos. Segundo Antonio Candido, o poema épico *Uruguai* (1769), de Basílio da Gama (1740-1795), seria uma primeira síntese desse entendimento do nativismo. Esse épico apontaria para temáticas posteriores como o encontro das culturas nativas e europeias, a valorização do indígena como símbolo nacional, uma das questões-chave do Romantismo brasileiro, a distinção entre um Brasil urbano, que procura emular a tradição europeia, e um Brasil rural, rústico, mais *próximo* das idiosincrasias locais – esses dois Brasis que muitas vezes se encontram, com resultados quase sempre violentos –, e o descrédito do Brasil *rústico*, tal como aconteceu em *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909).¹⁷

Em 1825, com a independência política do Brasil já estabelecida, Ferdinand Denis (1798-1890) publicou *Résumé de l'Histoire Littéraire du Brésil*. Nessa obra, o intelectual francês apelou para a necessidade de o novo país americano desenvolver sua própria literatura, distinta daquela que era produzida em Portugal, um apelo para todos os intelectuais brasileiros, de todas as correntes, para que mais uma vez percebessem a distinção entre o seu país e a Europa. Denis sugeria a direção dessa distinção, temáticas já apontadas anteriormente, mas que agora estariam colocadas numa moldura romântica: a natureza específica dos trópicos

¹⁶ CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000, p.90.

¹⁷ *Ibidem*, p.92.

(mais uma vez) e os temas indígenas. “Um verdadeiro convite ao exotismo, que cabia na mentalidade romântica, e que os nossos escritores aceitaram com entusiasmo.”¹⁸ Logo, o Romantismo brasileiro foi o grande salto para a tentativa, nem sempre concisa, de se estabelecer um verdadeiro entendimento das peculiaridades brasileiras. O êxito desse empreendimento foi variado, talvez não logrando os resultados esperados, mais seria uma primeira tentativa de empenho.

De maneira imprecisa, os pensadores românticos brasileiros atenderam aos pedidos de Denis, grande parte do trabalho intelectual do país (notadamente na literatura) durante esse primeiro período de vida política autônoma foi dedicado aos aspectos da *nacionalidade* associados com a natureza tropical e a herança indígena (idealizada e distinta da experiência histórica dos povos autóctones locais). No entanto, a ambiguidade se impôs, pois os modelos e as categorias utilizados por esses intelectuais, mais uma vez, eram importados do próprio continente europeu:

Sob outro aspecto, a vida intelectual brasileira repete, embora em tom menor, o conflito entre clássicos e românticos que dominou grande parte da literatura europeia. Entende-se: na literatura brasileira, o conflito se deu entre o universalismo, que para nós quase sempre se confundiu com o europeu, e a expressão de vida nacional ou regional. Na Europa, o conflito referia-se à luta entre o clássico – fundamentalmente o grego – e o romântico nacional. Enquanto que na Europa os românticos criticavam a imitação do grego, no Brasil criticava-se – e talvez ainda se critique – a imitação do europeu.¹⁹

A forma de abordagem das questões brasileiras durante o Romantismo foi dinâmica, iniciou-se de maneira idílica e acabou por procurar denunciar as mazelas e contradições que afligiam o país.²⁰ Analisando esse processo, é possível sugerir

¹⁸ CANDIDO, Antonio. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2007, p.43-44.

¹⁹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.25

²⁰ Ibidem, p.176.

algumas temáticas relevantes, como a já mencionada natureza tropical em contraponto com a natureza europeia. “Esse esquema será repetido indefinidamente, acentuando-se a grandeza da natureza tropical, a primavera eterna, a variedade de flores, a grandeza dos rios e montanhas; quanto aos países de clima temperado, acentua-se o frio, a neve, a névoa constante.”²¹ Foi um tema vinculado à fase mais otimista, quase ingênua, do Romantismo brasileiro. Outro tema desse momento, também já mencionado, foi a herança indígena:

Se todo o nacionalismo precisa de história ou de passado, o nacionalismo brasileiro logo depois da independência precisava encontrar um passado independente da História Colonial, pois esta era comum com Portugal. E Portugal era, na época, o inimigo, a nacionalidade de que a brasileira precisava distinguir-se. Compreende-se, assim, que logo depois da Independência alguns brasileiros trocassem nomes portugueses por nomes indígenas e que estes fossem proclamados os donos da terra, opostos aos invasores portugueses.²²

No Romantismo brasileiro prevaleceu a concepção do indígena como o genuíno representante da nacionalidade, o habitante original da terra, bem como a ideia de que a história do Brasil é muito mais antiga do que sua inserção na história ocidental. Existe nessa concepção ufanista do indígena romântico algumas questões bastante positivas acerca das peculiaridades do Brasil: “[...] amor à liberdade, apego à terra e a valores individuais. Além disso, as lutas entre índios e portugueses poderiam mostrar a autenticidade da oposição que se estabelecera no século XIX, dando-lhe a consagração do tempo.”²³

²¹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.181.

²² Ibidem, p.182.

²³ Ibidem, p.182-183.

Um dos mais notáveis pensadores desse período idílico do Romantismo brasileiro foi o romancista José de Alencar (1829-1877), que como poucos, em sua prosa, conseguiu sintetizar os valores otimistas, mas não muito autênticos, da natureza e do passado brasileiro:

Em José de Alencar, que é o maior indigenista da prosa, as ideias românticas sobre o índio e a natureza aparecem explicitadas. A natureza do Novo Mundo é perfeita, e não apenas cria homens fortes e corajosos, mas também permite a recuperação de pessoas idosas que a procuram. O amor dos índios é puro e mais digno que os dos brancos. Peri tem por Cecília uma dedicação exemplar, até que, no fim do romance, Alencar sugere que poderiam casar-se; em *Iracema* é a índia que revela a pureza do amor selvagem.²⁴

No entanto, existem algumas consequências diretas dessa visão paradisíaca do passado brasileiro. A questão é que muito do caráter de valorização do indígena como personagem do início do Romantismo está vinculado ao fato de que ele acabou por mitigar uma grande peculiaridade brasileira do século XIX: o trabalho escravo. O índio ideológico do passado não apresentava nenhuma ameaça à ordem vigente. Além disso, o ufanismo indianista contribuiu para estabelecer o entendimento de que o indígena não teria se adaptado à escravidão e, portanto, serviu como uma das justificativas da escravidão africana. Ideologia maligna que ressoa até os dias atuais.²⁵

Se num primeiro momento os intelectuais românticos brasileiros fingiram não enxergar a peculiar instituição nacional da escravidão, os pensadores posteriores trouxeram-na para o centro das discussões. A partir do meio do século XIX, a questão torna-se latente e tem no poeta baiano Castro Alves (1847-1871) seu maior

²⁴ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.184.

²⁵ *Ibidem*, p.183.

expoente. Sua poesia “decorre do contraste entre a imagem da pátria criada e aceita pelos poetas anteriores e a denúncia da injustiça ou do crime”²⁶.

A partir de 1870, novos paradigmas vindos da Europa modificaram de forma significativa a maneira de pensar o país entre os intelectuais brasileiros. Seguindo aquilo que parecia se descortinar já na última fase do Romantismo, essas novas concepções se voltavam para as questões sociais emergentes, seja para confirmá-las ou negá-las. O fato é que, a partir de 1870, os pensadores brasileiros passaram a incorporar em suas análises as categorias e o vocabulário das ciências modernas.²⁷ Os valores das ciências positivas penetraram os temas literários e ensaísticos de forma contundente. Talvez mais como pretensão do que como prática sincera das ciências.

Juntamente com esses novos paradigmas vindos de Europa, as décadas posteriores à de 1870 transformaram significativamente o panorama brasileiro. Dois são os eventos marcantes desse período: o fim por decreto da escravidão, através da chamada Lei Áurea de 1888, e o conseqüente fim do regime imperial em 1889. Se do ponto de vista das mudanças sociais profundas esses eventos tiveram pouco impacto, no cenário intelectual isso acabou por causar alguma ruptura. Tudo isso somado parece ter alterado a forma de pensar as peculiaridades brasileiras:

Foi de fato uma transformação cheia de modernidade, que pôs em xeque o idealismo romântico e as explicações religiosas, questionando a legitimidade das oligarquias, propondo explicações científicas e interpretações de cunho relativista e comparativo, inclusive pela mudança profunda nos estudos de Direito, que formavam o centro da cultura acadêmica.²⁸

²⁶ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.188.

²⁷ *Ibidem*, p.192.

²⁸ CANDIDO, Antonio. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2007, p.63.

Nesse novo período começa a ocorrer um distanciamento entre os literatos e os ensaístas. Não mais como na época colonial ou no alvorecer da independência, os poetas e ficcionistas brasileiros que teriam a preocupação e a missão de desatar os nós do Brasil. Nesse novo momento aparecem autores dispostos a lançar um olhar mais *científico* sobre as questões intrigantes do país. Surgem ensaístas como o intelectual sergipano Silvio Romero (1851-1814), que se torna um dos primeiros de uma *literatura de divulgação*, pretendendo assinalar, através de uma abordagem pretensamente científica, uma explicação *elementarista* para as questões brasileiras:

Pois bem, foi essa literatura de divulgação que se difundiu no Brasil e é ela que, em grande parte, explica o uso – e o abuso – do conceito de Ciência, em Silvio Romero e em seus contemporâneos. Como para autores europeus que imitavam. Ciência era frequentemente uma palavra de prestígio, capaz de garantir a verdade do que afirmavam. Outras vezes era um programa que se propunham, embora não tivessem recursos para cumpri-lo.²⁹

Essas explicações ditas *elementaristas* estão no cerne do movimento que ocorreu nas ciências durante a segunda metade do século XIX, quando muito da linguagem das Ciências Naturais migrou para as chamadas Ciências Humanas³⁰, notadamente o *evolucionismo*, teoria originária da biologia e que foi levada para a antropologia pelas mãos de Herbert Spencer (1820-1903), intelectual britânico bastante difundido no Brasil da época.³¹ Assim sendo, criou-se a ideia de que o homem e os animais têm poucas diferenças sob o ponto de vista científico, e a de que categorias associadas à biologia podem ser expandidas para a psicologia e a

²⁹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.193.

³⁰ Ibidem, p.192.

³¹ CANDIDO, Antonio. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2007, p.63.

sociologia³², numa busca pelas questões *elementares* do homem como espécie ou de grupos de homens, como as nações.

Mas nem todos os pensadores dessa época se agarraram com tanta fé no discurso *científico*, um autor que pode ser considerado bastante lúcido nesse período é Machado de Assis (1839-1908). Diferente de seus contemporâneos que estavam buscando explicações sobre o Brasil, Machado parece apenas disposto a apontar as mazelas do seu tempo:

Portanto, há nele um elemento fugido, que provoca perplexidade e é uma de suas forças. Ele parece, por exemplo, contemplar com cepticismo a vida do seu tempo, e de fato assim é. No entanto, nos refolhos da frase, no subentendido das cenas, no esforço aparentemente casual da descrição, estão escondidos o interesse lúcido pela realidade social e o sentimento das suas contradições.³³

Os paradigmas elaborados durante o final do século XIX ganham complexidade e variedade no século seguinte. Antonio Candido identifica no processo da história da reflexão sobre as peculiaridades do Brasil dois momentos decisivos: o Romantismo, já abordado, e o chamado Modernismo, movimento cultural que desponta no início século XX.

Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética do local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente [...]. O particularismo se afirma agora contra todo o academismo, inclusive o de casa, que se consolida no primeiro quartel do

³² LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.193.

³³ CANDIDO, Antonio. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2007, p.67.

século XX, quando chegaram ao máximo o amanciamento do diálogo e a conseqüente atenuação da rebeldia.³⁴

O movimento Modernista representou outra mudança de paradigma, seu grande marco é a chamada Semana de 1922, que articulou ao seu redor os expoentes do movimento nos âmbitos da literatura, pintura, música e ensaio.³⁵ Esses novos protagonistas passam metodicamente a incorporar os temas brasileiros, e aquilo que antes era tido como deficiência do Brasil passa, de certo modo, a ser superioridade:

A filosofia cósmica e superficial, que alguns adotaram em certo momento [...] atribui um significado construtivo, heroico ao cadinho de raças e culturas localizado numa natureza áspera. Não se precisaria mais escrever [...] que tudo é aqui belo e risonho: acentuam-se a rudeza, os perigos, os obstáculos da natureza tropical. O mulato e o negro são definitivamente incorporados como temas de estudo, inspiração, exemplo. O primitivismo é agora fonte de beleza e não mais de empecilho à elaboração da cultura. Isso, na literatura, na pintura, na música, nas ciências dos homens.³⁶

Expoente na literatura desse período é o escritor paulista Mario de Andrade (1893-1945), conhecido por ter mergulhado no *Brasil profundo* e ter verificado autenticidade naquilo que era considerado *cultura popular* e desprestigiado na academia. O intelectual paulistano:

[...] compendiou alegremente lendas de índios, ditados populares, obscenidades, estereótipos desenvolvidos na sátira popular, atitudes em face do europeu, mostrando como cada valor aceito na tradição acadêmica e oficial correspondia, na tradição popular, um valor recalcado que precisa adquirir estado de literatura.³⁷

³⁴ CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000, p.103.

³⁵ Ibidem, p.108.

³⁶ Ibidem, p.110.

³⁷ Ibidem, p.111.

Em consonância com as inovações na poesia e na prosa ficcional, a partir da década de 1930, uma quantidade imensa de ensaístas começaram a elaborar trabalhos sobre o Brasil. Longos ensaios históricos e sociológicos que, reavaliando os valores nacionais, elevados pelos modernistas na arte, analisam o Brasil de maneira distinta. “Todos esquadriham, tentam sínteses, procuram explicações.”³⁸ Alguns autores ainda permanecem com as análises do final do século XIX, carregadas de tendências *científicas* e eurocêntricas, mas novas abordagens mais originais e locais começam a despontar.

Destacados ensaios desse período são o de Gilberto Freyre (1900-1987), *Casa Grande e Senzala* (1933), que estudou com livre fantasia, bem ao gosto dos modernistas, os papéis do afrodescendente, do indígena e do colonizador no meio tropical e na economia baseada no latifúndio; o trabalho de Caio Prado Júnior (1907-1990), *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), analisando através de uma metodologia materialista em voga na época as questões brasileiras; além de, obviamente, *Raízes do Brasil* e seu entendimento perspicaz das peculiaridades brasileiras.

Os ensaios desse gênero se multiplicam, nesse decênio de intensa pesquisa e interpretação do país. Ajuntam-se a uma tendência secular, o pensamento brasileiro se exprime, ainda aí, no terreno predileto e sincrético do ensaio não-especializado de assunto histórico-social.³⁹

Nesse contexto é que a obra mais importante de Sérgio Buarque de Holanda se insere, não diretamente vinculada com o Modernismo brasileiro, mas um produto das suas reflexões. Toda a análise acumulada ao longo da história do Brasil acerca

³⁸ CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000, p.113.

³⁹ *Ibidem*, p.114.

do próprio país também contribuiu para a elaboração de *Raízes do Brasil*. A obra pode até ser datada, mas suas abordagens, como sugerirá este trabalho, ressoam além de sua época.

Raízes do Brasil é original porque, de certa forma, propõe que bases do Brasil estão assentadas em elementos bastante antidemocráticos. Em vez de buscar soluções louvando o passado brasileiro ou a própria estrutura, a ruptura com essas *raízes* deveria ser o ponto fundamental para rearranjar o país numa sociedade mais justa e equânime. Poucos autores haviam pensado dessa maneira. “Trata-se de liquidar o passado, adotar o ritmo urbano e propiciar a emergência das camadas oprimidas da população, únicas com capacidade para revitalizar e dar um novo sentido à vida política.”⁴⁰

Outro aspecto bastante peculiar de *Raízes do Brasil* são as diversas tipologias que utiliza para trabalhar os aspectos particulares da *formação* do Brasil. Isso, provavelmente, tem relação direta com a influência que o autor recebeu de Max Weber.⁴¹ De todas essas tipologias, aquela que parece mais original e precisa é a do *homem cordial*, uma espécie de síntese das propostas de *Raízes do Brasil*, certo *caráter* brasileiro que não consegue distinguir com clareza as esferas públicas e privadas da sociedade, impregnando de caprichos pessoais o espaço público, que necessita de impessoalidade e isonomia. Nesse sentido, torna-se impossível para o *homem cordial* qualquer tipo de comportamento que não seja o emotivo, que não valorize suas predileções.

⁴⁰ CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.19.

⁴¹ Ibidem, p.13.

Importante ressaltar o fato de que *cordialidade*, para Sérgio Buarque de Holanda, não é o mesmo que bondade e benevolência:

O “homem cordial” não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras nem profundas, que se opõem aos ritualismos e polidez. O “homem cordial” é visceralmente inadequado às relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários.⁴²

Expor as *raízes do Brasil* é a forma de Sérgio Buarque apontar a necessária crítica à *cordialidade* brasileira e a sua negação, como esforço para tornar a sociedade deste país mais justa e democrática.

A perspicácia de Sérgio Buarque de Holanda em apontar que grande parte do problema brasileiro de não distinção entre o espaço coletivo e público e o familiar e privado é de responsabilidade da *cordialidade* é suficiente para identificar esse pensador como um dos que melhor compreenderam as questões latentes do país. Todos esses apontamentos são justificava para que esse conceito de *homem cordial* seja destrinchado. Esse é o objetivo deste trabalho, procurar sugerir a importância da questão do *homem cordial* para a compreensão do Brasil passado e do atual. Além disso, apontar a grande originalidade de Sérgio Buarque de Holanda e seu aguçadíssimo senso intelectual na longa tradição dos pensadores das questões brasileiras.

Sérgio Buarque era um autor que trabalhava de maneira original com as metáforas. Elas tinham um papel importante na concatenação das ideias apresentadas em *Raízes do Brasil*:

⁴² CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.17.

Em *Raízes do Brasil* as metáforas são elementos de forte conotação literária, mas funcionam, ao mesmo tempo, como imagens históricas criadas, para dar compreensão ao passado. E essas imagens históricas, que são, por sua vez, metáforas, estão saturadas de passado.⁴³

Assim sendo, para melhor compreensão do desenvolvimento do trabalho, uma metáfora será elaborada, uma figura de linguagem orgânica para associar uma característica peculiar do Brasil apontada nas diversas interpretações do país ao longo dos séculos: a natureza distinta em comparação com a europeia, notadamente sua flora. Logo, a metáfora escolhida é a da *árvore-conceito* do *homem cordial*.

Assim será estruturado o trabalho. A primeira parte, intitulada *A semente do homem cordial*, tem como foco o diálogo que Sérgio Buarque de Holanda manteve com a tradição filosófica, sugerindo quais foram os insumos filosóficos que adubaram o chão onde a semente do conceito do *homem cordial* germinou. Sérgio Buarque foi original, porque abandonou muitas das teorias positivistas e evolucionistas de seu tempo e propôs uma interpretação não teleológica, mas sim amparada nos fatos históricos. Com essa perspectiva, aproximou-se de Giambattista Vico (1668-1744), como bem lembra a professora Maria Odila Leite da Silva Dias. Esse não foi o único diálogo que manteve com a tradição filosófica, Sérgio Buarque conheceu o pensamento marxista, mas não o adotou, preferiu deixar-se influenciar pelas suas contribuições, principalmente as mais originais, como as de György Lukács (1885-1971). Plantada em solo filosófico, a semente do *homem cordial* germinou e criou raízes.

⁴³ DECCA, Edgar Salavador de. Decifra-me ou Te devoro: as metáforas em *Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.210.

A segunda parte, *As raízes do homem cordial*, busca apontar os aspectos que enraizaram o *homem cordial* em solo brasileiro. Procura estabelecer uma relação entre os temas identificados por Sérgio Buarque como as ideias formativas desse conceito: a *personalidade ibérica*, fruto da herança dos colonizadores europeus que aqui desembarcaram, e a *herança rural*, consequência da maneira escolhida pelo colonizador para explorar a nova terra conquistada. Além disso, o próprio conceito de *homem cordial* também será analisado sob uma ótica weberiana. Com raízes firmemente estabelecidas no solo brasileiro, o conceito do *homem cordial* desenvolve-se, deita seus ramos e torna-se uma frondosa árvore na mata exótica dos pensares sobre o Brasil.

Na terceira parte do trabalho, *Os ramos do homem cordial: o conceito em perspectiva*, busca-se empreender uma análise comparativa. Afinal, outros autores contemporâneos também *plantaram suas árvores*. No entanto, os ramos da árvore de Sérgio Buarque parecem ser os mais bem podados, pois, como sugeriu Antonio Candido, tem um caráter mais democrático nos apontamentos e nas conclusões.

Sérgio Buarque de Holanda é um pensador que merece ser conhecido no âmbito do pensamento filosófico. Acerca da questão sobre se o pensamento produzido no Brasil era filosófico, o professor João Cruz Costa (1904-1978) escreveu que: “O pensamento é sempre produto da atividade de um povo e, assim, é para a nossa história, nas suas relações com a história universal, que devemos voltar-nos para apreender nossa própria significação, o sentido de nosso espírito.”⁴⁴

⁴⁴ COSTA, João Cruz. **Contribuições à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.4.

Para além de uma dicotomia entre pensamento *universal* e *local*, é preciso compreender que há uma relação profunda entre essas duas categorias. A originalidade de Sérgio Buarque está no fato de que ele parece ter compreendido essa questão.

CAPÍTULO I – A SEMENTE DO *HOMEM CORDIAL*

Comparando o ofício do poeta com o do historiador, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) afirmou certa vez: “[...] a poesia contém mais filosofia e circunspecção que a história; a primeira trata de coisas universais, enquanto a segunda cuida do particular.”⁴⁵ Aristóteles passou para a posteridade como um pensador de frases categóricas. No entanto, ao refletir sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, é possível sugerir que esta, até certo ponto, contradiz a máxima aristotélica. “A obra de Sérgio Buarque de Holanda é erudita, é interpretativa, é objetiva, é eminentemente literária e artística.”⁴⁶

O modo peculiar como Sérgio Buarque desenvolveu seu ofício de historiador permitiu que sua obra assimilasse muitas contribuições advindas do pensamento filosófico. E, assim sendo, manteve esse extraordinário pensador um constante diálogo com essas teorias e seus autores, marcadamente com os pensadores oriundos da crítica à contemporaneidade. No entanto, parece que a maior contribuição do pensamento filosófico na obra de Sérgio Buarque veio de um pensador de uma época mais distante. Estudando a obra do filósofo italiano Benedetto Croce (1866-1952), Sérgio Buarque tomou contato com Giambattista Vico (1668-1744), profícuo pensador napolitano.⁴⁷ A obra de Vico é vastíssima e tem um componente original na busca por compreender os aspectos propriamente humanos do processo histórico.

⁴⁵ ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p.47.

⁴⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985, p.9

⁴⁷ Idem. Negação das negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.324.

Vico debruça-se sobre o que há de mais flexível e contingente no pensar histórico, aquilo que não tem fixidez. Ele pergunta se é possível alcançar um padrão na história. Se não, de que maneira difere um lugar ou período de outro? Como e por que ocorrem as mudanças sociais? Assim sendo, é possível afirmar que:

Enquanto permanecermos interessados em questões como estas, as reflexões de Vico não deixarão de ter importância atual. Sua abordagem comparativa, sua recusa a se confinar em qualquer disciplina e o esforço da imaginação que fez para entender as outras culturas, tudo isso força a admiração e merece ser imitado, na medida em que fomos capazes disto.⁴⁸

Nesse sentido, Vico está se esforçando para se contrapor às tendências filosóficas de seu tempo, que valorizavam os aspectos mais sólidos e duradouros do conhecimento. Evitavam caminhos que levassem ao diverso e ao volátil. Descartes (1596-1650), figura que domina o horizonte intelectual no período, fez um apelo contra a diversidade na abordagem filosófica:

Nada direi da Filosofia, a não ser que, vendo-a cultivada pelos mais célebres espíritos de muitos séculos e, não obstante isso, nela nada ainda se encontre insuscetível de discussão, e, conseqüentemente, de dúvida, eu não posso ter vaidade bastante para esperar que nela encontre mais que os outros. E que, considerando que tantas opiniões diferentes sobre igual matéria podem ser sustentadas pelos doutos sem que, entretanto, nunca mais que uma possa ser verdadeira, eu reputei quase como falso tudo que fosse apenas aparentemente verdadeiro.⁴⁹

Dito de outra maneira, é possível sugerir que, diante da multiplicidade humana, Descartes preferiu abandonar toda a certeza e agarrar-se naquilo de que

⁴⁸ BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.21.

⁴⁹ DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Ícone, 2006, p.33-34.

podia ter certeza: a matemática e a crença em Deus.⁵⁰ O mundo cartesiano não é nada mais que matéria e movimento. Matematizado, calculável e previsível. O que se apresentar de maneira distinta, deve ser esquecido. Não há espaço para *escala humana*:

Extensão e movimento. Ou matéria e movimento. Extensão sem limites e sem fim. Ou matéria sem fim nem limites: para Descartes, é estritamente a mesma coisa. E movimento sem tom nem som, movimentos sem finalidade nem fim. Deixa de haver lugares próprios para as coisas: todos os lugares, com efeito, se equivalem perfeitamente; todas as coisas, de resto, se equivalem igualmente. São todas apenas matéria e movimento [...] O Universo não está ordenado para o homem: não está sequer “ordenado”. Não existe à escala humana, existe à escala do espírito. É o mundo verdadeiro, não o que os nossos sentidos infieis e enganadores nos mostram: é aquele que a razão pura e clara que não se pode enganar reencontra em si mesma.⁵¹

Contraopondo-se a esse entendimento reduzido do que pode ser a investigação da filosofia, Vico pretende abranger a questão. Para ele, a filosofia (ou metafísica) deve mergulhar nas contradições propriamente humanas, “a fim que a Metafísica conheça a Deus providente nos fatos morais e públicos, isto é nos costumes civis, mediante os quais surgem no mundo as nações e nele se conservam”⁵². Vico não somente propõe que a filosofia dedique boa parte de suas energias ao entendimento das questões do passado da humanidade, como também crê que é essencial que ocorra um debate com as fontes mitológicas, religiosas e poéticas das diversas sociedades para que essa empreitada seja frutífera. Lembrando-se dos antigos gregos, ele afirmou:

⁵⁰ KOYRÉ, Alexandre. **Considerações sobre Descartes**. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p.40.

⁵¹ Ibidem, p.67-68.

⁵² VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.7.

A partir disso tudo, e em decorrência de outros princípios de mitologia aqui revelados, e que vão logo a seguir a outros princípios de poesia aqui percebidos, se irá demonstrar que as fábulas corresponderam a verdadeiras e conspícuas histórias dos costumes das antiquíssimas gentes da Grécia.⁵³

Aqui está resguardada a atualidade de Vico e sua influência no estabelecimento de um entendimento filosófico de um tipo de reflexão histórica que leve em consideração a mudança, o fluido, o diverso. Sua preocupação em valorizar um tipo de produção cultural eminentemente humano e contingente: o mito e a arte, como fontes legítimas de conhecimento, fazem dele, notadamente em sua época, um contraponto da razão cartesiana. “Numa época em que a separação entre abordagens literárias e científicas para o entendimento da sociedade está tornando-se um abismo, temos muito que aprender com Vico.”⁵⁴ O pensador napolitano prefere que a filosofia de seu tempo abandone a busca por doutrinas totalizantes que procurem suplantar os *fatos* e as questões propriamente humanas. Nesse sentido, apela que a filosofia se aproxime de *filologia*, que pense sobre a variedade dos falares, costumes e pensares do humano e que abandone a aridez do racionalismo extremo:

[...] por isso mesmo há de aqui a filosofia haver-se com a filologia, que é a doutrina, de todas as coisas que dependem do humano árbitro, quais, por exemplo, toadas as histórias das línguas, dos costumes e dos fatos pacíficos e bélicos dos povos. Com tal doutrina, por efeito da lamentável obscuridade de seus motivos e da quase infinita variedade de seus efeitos, a filosofia como que sentia um horror em racionalmente entreter-se.⁵⁵

⁵³ VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.8-9.

⁵⁴ BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.21.

⁵⁵ VICO, op. cit., p.9.

Assim sendo, Vico sugeriu elaborar uma *Ciência Nova*, título de sua principal obra, publicada pela primeira vez no ano de 1725, e posteriormente reavaliada e republicada em 1744. Buscava dar caráter de reflexão filosófica a tudo aquilo que pertencesse ao *humano árbitro*, destacando a influência que o mito e a arte (notadamente a literatura) têm na elaboração das reflexões propriamente humanas. Para Vico, a matemática e a busca pela compreensão das leis naturais eram válidas, mas a exacerbação desses conhecimentos como *únicos* caminhos para a verdade mitigava o potencial que a fluidez dos *atos humanos* tem como caminho para a indagação filosófica. De certa forma, a obra de Sérgio Buarque de Holanda foi influenciada pela de Giambattista Vico:

Aderia à filosofia historicista, que apreendia as relações humanas no seu devir e nunca em esquematismos fixos, fosse sob forma de lei ou explicações sociológicas determinantes. Nessa linha de pensamento, que remonta Vico, no século XVIII, o processo histórico envolvia a interação assíduo e alternativa de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, ora preponderando um, ora outro, conforme as vicissitudes de uma conjuntura histórica específica.⁵⁶

Buscando retroceder dos esquematismos, Sérgio Buarque seguiu o caminho de Vico na busca por compreender a história por uma via múltipla que refletisse o *desenvolvimento interior* de uma determinada sociedade. “Esta ênfase no desenvolvimento interior de uma sociedade ou cultura, de preferência as mudanças introduzidas de fora, é um dos aspectos centrais do pensamento de Vico.”⁵⁷ O entendimento de um processo histórico complexo que combinava nas explicações elementos internos e externos no devir de uma sociedade ou cultura. Marcas de Vico que agradaram a Sérgio Buarque:

⁵⁶ DIAS, Maria Odila Leite da Silva (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985, p.18.

⁵⁷ BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.70.

A sensibilidade do autor da *Scienza Nuova* para a urdidura complexa de relacionamentos entre aspectos da vida de todo dia, costumes, cultura material, rituais de religiosidade, arquitetura das cidades, turbulências entre os laços afetivos, os hábitos de trabalhar a terra e as Leis do Estado agradou à Sérgio Buarque de Holanda.⁵⁸

Outro aspecto importante destacado por Vico e contemplado por Sérgio Buarque foi a questão do *curso* e *recurso* da história (*corso* e *ricorso*). Para o pensador napolitano, a história, independentemente do local do globo onde ela ocorre, segue uma sequência (*corso*), que muitas vezes pode sofrer uma espécie de recorrência (*ricorso*). Vico sustenta como exemplo que o período medieval europeu teria sido um *ricorso* em relação ao período do Império Romano.⁵⁹ Esse movimento, de certa forma *dialético*, entre o curso e o recurso da história parece ter chamado a atenção de Sérgio Buarque:

Um aspecto importante do estilo de Vico, que animava sua narrativa, era o recurso aos movimentos dialéticos de oposição, às vezes de superação, mais frequentemente de impasses do processo histórico. A interpretação desses momentos de retrocessos ou de *negativas disciplinares*, como escrevia o autor de *Raízes do Brasil*, era uma das maneiras de Sérgio Buarque de Holanda discernir sobrevivências arcaicas da sociedade colonial que via como resultado da distância entre política e sociedade no Brasil.⁶⁰

Em *Raízes do Brasil*, prevalece em Sérgio Buarque a ideia, herdada de Vico, de que o curso da história não seria *linear*, mas *espiral*, tornando-se o tempo histórico “em parte reversível”⁶¹. Nesse sentido, é possível apontar alguns pontos

⁵⁸ DIAS, Maria Odila Leita da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.325.

⁵⁹ BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.68.

⁶⁰ DIAS, op. cit., p.328.

⁶¹ MELO, Antônio Moreira Barbosa de. Palavras preliminares. In: VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.

marcados na obra de Sérgio Buarque que sugeririam essas *negativas disciplinares*, ou seja, momentos em que as *sobrevivências arcaicas* da *formação* do Brasil apresentam-se como uma espécie *ricorso* de algo que está em *corso*:

Certas frases de Sérgio Buarque de Holanda evocam a maneira de Vico expor à volta repetitiva de certos padrões que explicavam a recaída, o retrocesso, às sobrevivências arcaicas do passado que insistiam em reaparecer nos costumes de um povo.⁶²

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque aponta vários aspectos desse processo. Como um dos exemplos, Sérgio Buarque recorda que a formação da grande lavoura agrícola no Brasil estava muito aquém dos métodos empregados na Europa na época:

Numa produção de índole semicapitalista, orientada sobretudo para o consumo externo, teriam de prevalecer por força critérios grosseiramente quantitativos. Em realidade, só com alguma reserva se pode aplicar a palavra “agricultura” aos processos de exploração da terra que se introduziram amplamente no país com os engenhos de cana. Nessa exploração, a técnica europeia serviu apenas para fazer ainda mais devastadora os métodos rudimentares de que se valia o indígena em suas plantações [...] A verdade é que a grande lavoura, conforme se praticou e ainda se pratica no Brasil, participa, por sua natureza perdulária, quase tanto de mineração quanto da agricultura. Sem braço escravo e terra farta, terra para gastar e arruinar, não para proteger ciosamente, ela seria irrealizável.⁶³

Nesse trecho, Sérgio Buarque ressalta certa *sobrevivência arcaica* na grande lavoura implantada no Brasil Colônia – na sua gênese, muito distante das formas *semicapitalistas* existentes na Europa –, baseada numa forma predatória e

⁶² DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.330.

⁶³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.49.

perdulária do uso da terra, assim como na condenável mão de obra escrava. Segundo sugestão de Buarque, o *arcaísmo* da *agricultura* brasileira deitou raízes profundas, e seus vícios são praticados ainda hoje. O *padrão arcaico* de alguns aspectos da *formação* do Brasil não é completamente produto da forma de exploração desenvolvida aqui pelos colonizadores, mas também da própria dificuldade de transpor para um ambiente diverso as técnicas originárias da Europa:

Se a técnica agrícola adotada aqui pelos portugueses representou em alguns casos, comparada às da Europa, um retrocesso, em muitos pontos verdadeiramente milenar, é certo que para isso contribuíram as resistências da natureza, de uma natureza distinta da europeia, não menos que a inércia e a passividade dos colonos.⁶⁴

Outro apontamento de Sérgio Buarque sobre o retorno dos *arcaísmos* num momento de aparente *modernização* do sistema político é a passagem da Monarquia para a República:

E justamente a esse respeito não é exagero dizer que nossa República foi, em mais de um ponto, além do Império. Neste, o princípio do Poder Moderador, chave de toda a organização política e aplicação da ideia de *pouvoir neutre* [...] definia a verdadeira posição do chefe de Estado constitucional, corrompeu-se bem cedo, graças à inexperiência do povo, servindo de base para a nossa monarquia tutelar, compreensível onde dominava um sistema agrário patriarcal. A divisão política, segundo o modelo inglês, em dois partidos, menos representativos de ideias do que de pessoas e famílias, satisfazia nossa necessidade fundamental de solidariedade e luta. Finalmente o próprio Parlamento tinha uma função precípua a cumprir dentro do quadro da vida nacional, dando a imagem visível dessa solidariedade e dessa luta.⁶⁵

⁶⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.50.

⁶⁵ *Ibidem*, p.167.

Novo *arcaísmo* presente que aponta como a aparente *modernidade* do sistema parlamentar no Brasil, fosse na monarquia, fosse na república, acaba por demonstrar verdadeiro divórcio entre política e sociedade na *formação* do país. O sistema agrário patriarcal acabou por mitigar as características democráticas do sistema parlamentar, um espaço de aparente debate entre ideias conflitantes sobre os rumos da nação, e por reduzi-lo a um lugar de disputas e solidariedade entre grupos unidos por afinidades pessoais e familiares. A falsa fachada *moderna* de um sistema parlamentar aos moldes europeus, na realidade, resguardava a *sobrevivência arcaica* das disputas pessoais das poderosas famílias agrárias nacionais e seus dependentes.

De maneira geral, os *arcaísmos* atravessam quase todo o período de existência do Brasil, seja na época colonial ou de sua existência como nação independente. Sérgio Buarque aponta que a longa duração do regime de escravidão no país foi a marca desse eterno *ricorso*. A sua abolição gradual, entre a lei que proibia o tráfico de escravos, em 1850, até o fim oficial da instituição, em 1888, significou um passo importante para a diminuição das *negativas disciplinares*. No entanto, esse movimento, para Buarque, como já havia apontado Vico, é dinâmico e fluido:

Durante esse intervalo de quarenta anos, as resistências não de partir não só dos elementos mais abertamente retrógrados, representados pelo escravagismo impenitente, mas também das forças que tendem à restauração de um equilíbrio ameaçado. Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas.⁶⁶

⁶⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.78.

Assim como Vico, Sérgio Buarque percebe o processo de mudança que caminha de modo não retilíneo, mas de maneira espiral, apontando, por meio de um movimento quase *dialético*, as transformações que se apresentam quase que como seguindo um *curso*, mas muitas vezes *retornando* a um início ou algum momento anterior, descartando uma espécie de progresso. As características específicas do Brasil como país e as peculiaridades próprias de sua formação são o objeto de estudo de Sérgio Buarque de Holanda. Valorizar o mutável e o distinto, não a rigidez analítica, na busca de compreender os assuntos *verdadeiramente* humanos é questão que une Sérgio Buarque a Vico:

Podemos ensaiar a organização de nossa desordem segundo esquemas sábios e de virtude provada, mas há de restar um mundo de essências mais íntimas, que, esse, permanecerá sempre intacto, irreduzível e desdenhoso das invenções humanas. Querer ignorar esse mundo será renunciar ao nosso próprio ritmo espontâneo, à *lei do fluxo e do refluxo*, por um compasso mecânico e uma harmonia falsa.⁶⁷

O caráter narrativo de *Raízes do Brasil*, o pleno uso das metáforas, o entendimento de certo *movimento* da história, que flui e reflui, são sugestões do quanto o pensador brasileiro inspirou-se no pensador napolitano:

A conceituação e a própria construção narrativa de *Raízes do Brasil* evidenciam o entusiasmo de Sérgio Buarque e Holanda, pela capacidade interpretativa de Vico, por sua imaginação histórica dos meandros de seu modo de escrever, pelo qual, sempre que possível, contornava conceitos racionais demais, para substituí-los pela descrição e reconstituição narrativa. Sérgio Buarque também preferia descrever os processos dos devir, mais do que afirmar conceitos abstratos.⁶⁸

⁶⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.188 (grifos do autor).

⁶⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.329.

Sérgio Buarque parece que discordava dos excessos de *ismos* empregados por muitos dos pensadores sociais.⁶⁹ Além da influência do estilo de Vico, assim como o entendimento dos conceitos históricos que o pensador napolitano exaltava, parece que Sérgio Buarque acabou por incorporar em sua obra alguns apontamentos viquianos sobre as diversas *passagens* da humanidade. O apego de Vico ao conceito de *corsi* e *ricorsi* produziu no filósofo a ideia de um fluir histórico que seguiria características específicas. Vico “afirmava que a natureza humana havia mudado ao longo do tempo de maneira radical, e que portanto ‘três tipos de natureza’ correspondiam a três idades”⁷⁰. Essas três idades marcam boa parte do entendimento de Vico sobre o *fluir* da história. Elas, acrescenta o pensador napolitano, ocorreriam em todos os povos humanos, mas não de maneira progressiva, pois, como já se sugeriu antes, pode haver algum tipo de *refluxo*. Essas idades seriam as chamadas: *divina*, *heroica* e *humana*.⁷¹

O conceito das três idades é essencial para a compreensão do pensamento de Vico. De certa forma, existe um grupo de indícios que sugere que Sérgio Buarque também tenha se apropriado dessa inovação viquiana e que o conceito de *homem cordial* teria sido elaborado, entre diversas outras influências teóricas⁷², a partir das leituras do intelectual brasileiro da *Ciência Nova*. Para que isso possa ser esclarecido, torna-se necessário observar essa relação de conceitos e ideias que existem na obra de Vico e acabaram também por penetrar a obra de Sérgio Buarque. Já foram sugeridos anteriormente alguns pontos em comum marcantes, mas a *questão* do *homem cordial* ainda não tinha se apresentado.

⁶⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985, p.23.

⁷⁰ BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.66.

⁷¹ VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.667-668.

⁷² Ressalta-se o fato de que este trabalho tem entre seus objetivos apontar e analisar as diversas relações teórico-metodológicas que se associam ao *conceito* de *homem cordial*. No entanto, essa relação entre Vico e Buarque de Holanda parece essencial para a compreensão do engendramento de tal conceito.

Assim sendo, retomando o fluxo argumentativo, um ponto de inflexão na influencia de Vico no engendramento do *homem cordial* parece ser a questão das três idades viquianas. Cada uma dessas idades se caracteriza por algumas questões comuns. A primeira idade, chamada de *divina*, tinha uma natureza peculiar:

Essa natureza foi dos poetas teólogos, que foram os mais antigos sábios de todas as nações gentias, quando todas elas foram fundadas com base na crença que tiveram de certos deuses, próprios de cada uma delas. Por outro lado era uma natureza totalmente feroz e imane; mas, devido àquele mesmo erro da fantasia, esses temiam pavorosamente os deuses que eles próprios haviam imaginado.⁷³

Assim sendo, essa idade era dominada pela figura dos *deuses* que tudo eram e faziam.⁷⁴ Nessa idade, o homem estava prostrado pela vontade divina e tudo era submetido à vontade de tais deuses. Portanto, havia pouco espaço para a expansão do gênio humano, que necessitava sempre da chancela divina para as suas realizações. Marcadamente, segundo Vico, esse período legou duas *propriedades*: “[...] uma, que a religião é o único meio poderoso para refrear a ferocidade dos povos; a outra que, então, as religiões são bastante convenientes quando aqueles que elas presidem, esses mesmos, interiormente as reverenciam.”⁷⁵ No entanto, o que interessa para este trabalho não é a descrição e apontamentos acerca da idade *divina* de Vico, mas a relação das idades *heroica* e *humana* com a obra de Sérgio Buarque.

⁷³ VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.669.

⁷⁴ Ibidem, p.673.

⁷⁵ Ibidem, p.669.

Depois de tratar das questões pertinentes à idade *divina*, Vico parte para analisar os aspectos da idade *heroica*. Nessa idade quem governa são os *heróis*, os *príncipes da raça humana*, nobreza de comando:

Nobreza natural da qual eles se vangloriam, sobre aqueles que, da infame comunhão bestial, para se salvarem das disputas que essa comunhão produzira, se tinham posteriormente retirado para os seus refúgios.⁷⁶

A idade *heroica* marca um novo momento da organização das sociedades. Na idade *divina* os homens organizavam-se sob uma orientação religiosa, existente num mundo não tangível, temendo o castigo dessa *lei* que tudo vê, mas não pode ser vista. A idade *heroica*, por outro lado, é, segundo Vico, o momento em que a orientação não dá parte de um lugar intangível, mas o poder organizacional tem expressão física. Ela está nas mãos dos *heróis*, homens resolutos que, através da força, ordenam uma sociedade inteira. Como assinala Vico, nesse momento toda a razão está colocada na ponta de uma lança.⁷⁷

Nessa nova etapa, os esforços desses *heróis* estão em demarcar seu poder não pelo uso das palavras de convencimento, mas pelo uso indistinto do árbitro forçoso da violência:

A idade dos heróis era heroica apenas num sentido ambíguo ou irônico, uma vez que Vico a definiu como uma idade em que a força era o direito. [...] Quanto à idade heroica de Roma, era um tempo, escreveu ele, em que os nobres tratavam o povo com “impiedosa crueldade”.⁷⁸

⁷⁶ VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.670.

⁷⁷ Ibidem, p.673.

⁷⁸ BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.67.

Os *heróis* são poucos e governam para si próprios, os demais, aqueles que não têm a *dignidade* heroica, observam bestializados os acontecimentos. Colateralmente, a sociedade é organizada em acordo com as vontades dos heróis.

Como de costume, Vico relembra o período romano como exemplo para explicitar seu entendimento das diversas *idades*. Segundo o pensador napolitano, na idade *heroica* romana:

[...] os senadores heroicos e, acima de todos, o romano, muitíssimo sábio nos tempos, quer da liberdade aristocrática, nos quais a plebe era, de fato, excluída de tratar das coisas públicas, quer da popular, durante todo o tempo em que, nos assuntos públicos, o povo se fez regular pelo senado, o que durou até aos tempos dos Gracos.⁷⁹

Durante a idade *heroica* prevalecia os caprichos de alguns sobre a vontade de muitos. No entanto, ela não é eterna, “pretendem as ordens reinantes dos nobres abusar da liberdade senhorial sobre os plebeus, e passam à servidão das leis, que estabelece a liberdade popular”⁸⁰. Eventualmente, a idade *heroica*, com o seu despotismo e crueldade, pode ceder e dar lugar à temperança e ao árbitro da concórdia entre *todos* os membros de uma comunidade. Essa é a chamada idade dos *homens*: “inteligente, portanto modesta, benigna e razoável, a qual reconhece por leis a consciência, a razão e o dever”⁸¹. Nesse terceiro momento haveria o primado da lei, nenhum capricho sádico poderia se opor à vontade geral:

[...] devido à igualdade dessa natureza inteligente, que é a própria natureza do homem, todos são igualizados pelas leis, porquanto todos nascem livres nas suas cidades, igualmente livres e populares, onde todos, ou a maior parte, constituem

⁷⁹ VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.690.

⁸⁰ Ibidem, p.844.

⁸¹ Ibidem, p.670.

essas forças justas da cidade, forças justas pelas quais são esses os senhores da liberdade popular [...] todos os sujeitos com suas leis e, detendo apenas eles em suas mãos toda a força das armas, se distinguem unicamente na natureza civil.⁸²

Durante a idade *divina* a lei e a condução da sociedade estavam contidas em instruções fora da vida tangível, respondiam aos mandamentos de uma força exterior, identificada por Vico como religião. Na idade *heroica* a organização social passa às mãos de alguns eleitos, de existência corpórea, que comandam a comunidade de acordo como seus caprichos e necessidades. Se a comunidade tiver a sorte de ser conduzida por um *herói* virtuoso, tanto melhor, mas pode sofrer o infortúnio de ser submetida a um senhor, ou senhores, desinteressado(s) na felicidade geral. São ditames da vida, na idade *heroica*, prevalece a vontade de poucos.

Já na idade *humana*, finalmente ocorre o encontro entre as necessidades próprias de uma comunidade inteira e a sua condução. O arbítrio é coletivo e, portanto, torna-se lei, nem divina nem caprichosa, mas vinculada às necessidade da diversidade de um coletivo. Novamente, o período da Roma Antiga presta-se para Vico como exemplo de sua teoria. Sobre a passagem da idade *heroica* para a idade *humana* entre os antigos romanos, Vico afirma:

[...] os tribunos da plebe, a partir da base em que tinham sido criados, de lhes proteger a liberdade natural, conduziram-se pouco a pouco de modo a conseguir-lhes toda a liberdade civil [...] daí em diante, não mais se pagasse privadamente aos nobres, mas ao erário, para que o erário subministrasse as despesas de guerra aos plebeus – a partir da base da liberdade senhorial, acabou por si próprio.⁸³

⁸² VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.676.

⁸³ Ibidem, p.97-98.

De maneira gradual, a aura dos *heróis* passa a ser rompida e compreende-se que a comunidade não deve ser conduzida pela escolha de alguns, pois todos são iguais:

Mas, com o passar dos anos, desenvolve-se cada vez mais as mentes humanas, as plebes dos povos mudaram finalmente de opinião em relação à vaidade de tal heroísmo, e entenderam serem eles de natureza igual à dos nobres; pelo que pretenderam eles também ter entrada nas ordens civis da cidade. Pelo que, ao cabo de algum tempo, devendo esses povos ser soberanos, a providência permitiu que as plebes, durante muito tempo a seguir, competisse com a nobreza na piedade e na religião nas contendas heroicas, a fim que a nobreza tivesse de transmitir aos plebeus os auspícios, para alcançarem que lhes fossem transmitidos todos os direitos civis públicos e privados e que se consideravam subordinações [...] no que o povo romano superou todos os outros do mundo e, por isso, foi o povo senhor do mundo.⁸⁴

Como sugere Vico, a comunidade que tiver sucesso em transpor a idade *heroica* e abrir a condução humana às leis, e não ao árbitro de alguns poucos, será bem-sucedida como foram os antigos romanos.

Semelhante à condução do poder em Roma na idade *heroica* foi a forma como essas questões foram conduzidas no Brasil. Uma elite dirigente que governava para si e conduzia os demais através da “ponta de uma lança” com “impiedosa crueldade”:

No Brasil, desde a formação colonial surgira um antagonismo entre sociedade e política que dificultava a formação espontânea da nacionalidade entendida como um elo entre as relações sociais, cidadania e política. As classes dominantes, desde os tempos da colonização, eram arbitrariamente despóticas, amoldadas em tradições autoritárias como a Inquisição ou o absolutismo da Coroa; almejando poder imediato e satisfação de interesses adquiridos.⁸⁵

⁸⁴ VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005, p.838.

⁸⁵ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.322.

Notadamente, existe uma relação, apontada por Sérgio Buarque, que será analisada sob muitos aspectos neste trabalho, na semelhança entre a chamada idade *heroica* viquiana e a forma como o Brasil se encontra presentemente. O apelo de Sérgio Buarque pelo fim de certa idade *heroica* brasileira é um dos objetivos de *Raízes do Brasil*. Talvez inspirado por Vico, Sérgio Buarque teria enxergado a necessidade da chegada de uma verdadeira idade *humana* na sociedade brasileira, como meio de estabelecer uma comunidade verdadeiramente democrática. A vitória da *plebe* sobre os *heróis*. Uma das conclusões de *Raízes do Brasil* aponta para isso:

Essa vitória nunca se consumará enquanto não se liquidarem, por uma só vez, os fundamentos personalistas e, por menos que o pareçam, aristocráticos, onde ainda assenta a nossa vida social. [...] Em palavras mais precisas, somente através de um processo semelhante teremos finalmente revogado a velha ordem patriarcal colonial, com todas as consequências morais, sociais e políticas que ela acarretou e continua acarretar.⁸⁶

A passagem supracitada, escrita em 1936, ainda repercute no cotidiano brasileiro atual. Prevalece ainda o divórcio entre política e sociedade, mesmo que em alguns brevíssimos momentos ocorresse uma articulação entre essas forças. Os *heróis* brasileiros comportam-se ainda como seus assemelhados romanos da antiguidade:

As oligarquias no poder, em nome de interesses afins, de cordialidade e de manipulações de bastidores políticos, não refletiam o país enquanto sociedade plural, dividida de si mesmo, dispersa, onde as tensões sociais não chegavam a exprimir-se em articulações políticas. O Estado não abarcava nem pretendia abarcar as disparidades sociais e a diversidade dos regionalismos e das classes sociais que cindiam a sociedade.⁸⁷

⁸⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.180.

⁸⁷ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.322.

Passagem escrita num tempo verbal do passado, mas condizente com a atualidade. Os apontamentos sugeridos têm por finalidade identificar a relação existente entre aquilo que foi descrito por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* como aspectos notáveis da *formação* do Brasil e a vinculação que muitas dessas ideias e descrições tem com o pensamento de Giambattista Vico. Explicitamente foi sugerido que essa vinculação existe e que, assim sendo, coloca Sérgio Buarque em diálogo com a tradição filosófica no seu senso estrito. Poder-se-ia dizer que *Raízes do Brasil* é uma *Ciência Nova* da *formação* do Brasil? Isso seria bastante temerário. Afinal, toda afirmação que totaliza é imprudente. Mas, de fato, a vinculação existe.

De certa forma, a vinculação entre a *Ciência Nova* e *Raízes do Brasil* é sintomática naquilo que foi sugerido anteriormente. Sérgio Buarque, na sua ânsia de abordar o passado brasileiro de maneira original, teve de abandonar esquematismos muito fixos e observar as questões de maneira que pudesse estabelecer um entendimento mais claro de alguns *pormenores significativos*. Tal como fez Vico:

Esse aspecto do modo de interpretar a história através da reconstituição de urdiduras de inter-relacionamentos iluminava a obra de Vico, para o qual conhecer uma sociedade e sua cultura pressupunha um paciente configurar, pelo historiador, de constelações de pormenores significativos.⁸⁸

Assim sendo, Sérgio Buarque está disposto, como Vico, a trabalhar com a fluidez dos fatos e tentar retirar deles possíveis relações que apontem para as questões fundamentais. Os antagonismos entre a diversidade dos fatos é

⁸⁸ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.325-326.

fundamental para *Raízes do Brasil*, nisso também o pensador brasileiro acompanha o filósofo napolitano:

Outras passagens evocativas de Vico aparecem nos momentos que Sérgio Buarque de Holanda opõe dois princípios fundamentais antagônicos: espírito e vida, família e Estado, particularismo e leis abstratas.⁸⁹

O recorrente uso de metáforas procura evidenciar a tentativa de abarcar a multiplicidade dos fatos, como também o uso de oposições marca, como sugerido anteriormente, a apropriação de Sérgio Buarque dos conceitos de *corsi* e *recorsi*. Sobressai-se o entendimento de que a fluidez da história é constante, sendo possível verificar durante alguns períodos as contradições de uma época, como no caso do Brasil do século XIX, sociedade pretensamente liberal, mas baseada na mão de obra escrava.⁹⁰

Não que exista um sentido direto para o percurso da história, mas justamente é essa multiplicidade de momentos que aponta a complexidade de *Raízes do Brasil*. A identificação de uma questão fundamental na *formação* do Brasil está em apontar as contradições e compreender que no país prevalecem elementos sociais díspares convivendo juntos, num constante fluxo e refluxo. Marca da desigualdade perpétua e do divórcio entre sociedade e política:

Nenhum arroubo, nenhuma ruptura caracterizou a obra colonizadora dos portugueses no Brasil, pois preferiram em suas atividades manter um ritmo pausado, de compasso repetitivo, a implementar projetos racionais. A dificuldade de

⁸⁹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.329.

⁹⁰ Esse tema, o da escravidão, será recorrente ao longo do trabalho, pois expõe uma das questões fundamentais da metáfora do *homem cordial*.

transformar-se, após a independência, num país moderno devia-se justamente a esses momentos de impasse e estagnação, aos quais Vico se referia em sua obra *Scienza Nuova*. Pretendia-se à tendência da sociedade de conservar sobrevivências arcaicas e manter, no presente, costumes do passado, como o da escravidão.⁹¹

A manutenção de uma *plebe* sem amparo de lei. Uma sociedade ordenada e mantida para o privilégio de poucos. Uma comunidade inteira submetida aos caprichos de alguns. Essa situação complexa exige a elaboração de uma metáfora para que seja mais palatável para a reflexão. Assim gostaria Giambattista Vico. Num sentido bastante viquiano, Sérgio Buarque de Holanda pensa em uma metáfora que, de certa forma, pudesse apontar de maneira mais problematizada a desvinculação quase total no Brasil entre as contingências políticas e as necessidades da comunidade: surge a semente do *homem cordial*.

Assim, em *Raízes do Brasil* aparece a metáfora do homem cordial como a indicar um processo em que a persistência do uso costumeiro, de facções familiares e de particularismos dificultava a consolidação do Estado e do domínio das leis gerais. [...] as passagens indicam a admiração do historiador pelo pioneiro napolitano.⁹²

A metáfora do *homem cordial*, foco principal deste trabalho, teria grande parte de sua gênese no diálogo que Sérgio Buarque de Holanda mantinha com a tradição filosófica no seu senso estrito. Obviamente que essa não é a única origem desse *conceito*, como será apontado mais adiante. O diálogo com outros pensadores também facilitou a elaboração da metáfora do *homem cordial*, ele possui diversas raízes, mas a semente está na filosofia, e não só na influência de Vico.

⁹¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.332.

⁹² *Ibidem*, p.330.

Raízes do Brasil também parece aproximar-se, em muitos apontamentos, com a obra de György Lukács (1885-1971), pensador húngaro, vinculado com a tradição marxista:

A marca do método dialético na obra de Sérgio Buarque de Holanda condiz com uma admiração reiterada pela obra de Georg Lukács e com uma afinidade constante, vida afora, pelas inovações do revisionismo marxista, principalmente no que dizia respeito à reelaboração dos valores culturais, nas interpretações do materialismo dialético. Entretanto, embora cultivasse afinidades, jamais aderiu ao marxismo de modo sistemático e ortodoxo, mostrando-se eminentemente crítico de mecanicismos esquemáticos entre historiadores adeptos do dogma da preeminência dos fatores econômicos.⁹³

Sérgio Buarque, parece, nutria certa simpatia pelas especulações de influência marxista, como a dialética e o materialismo histórico, mas pretendia aceitar aquelas análises mais abertas, talvez mais sóbrias, do passado e das explicações do presente. Nesse sentido, o diálogo com Lukács pareceu oportuno.

O pensador húngaro pode ser apontado com um dos pioneiros na luta contra o *dogmatismo* do pensamento marxista. Sua própria biografia revela diversos momentos em que rompeu com o monólito da teoria marxista praticado pelos países socialistas da Europa oriental. Discordou do caminho traçado pela breve experiência socialista húngara (República Soviética Húngara) de 1919; como também manteve divergências profundas com o regime imposto ao seu país pela URSS após a Segunda Guerra, inclusive participando ativamente do levante antissoviético de 1956.⁹⁴ O que Lukács busca argumentar é que o entendimento efetivo das condições de uma determinada época não deve estar fixado em uma teoria imutável:

⁹³ DIAS, Maria Odila Leite da Sila (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985, p.19.

⁹⁴ NETTO, José Paulo. Lukács: Tempo e Modo. In: NETTO, José Paulo (Org.). **Lukács**. São Paulo: Ática, 1981, p.38.

O que é o marxismo ortodoxo? Esta questão, na verdade muito simples [...] Mas o problema não é nem nunca foi fácil. Porque, se se supusesse, mesmo sem o admitir, que a pesquisa contemporânea provou a inexatidão “de fato” de todas as afirmações particulares de Marx, um marxista ortodoxo sério poderia reconhecer incondicionalmente todos esses novos resultados e rejeitar totalmente algumas teses singulares de Marx, sem, entretanto e só por um momento, obrigar-se a renunciar à sua ortodoxia marxista. O marxismo ortodoxo não significa, pois, adesão acrítica aos resultados de Marx, nem “fé” numa ou noutra tese marxiana ou a exegese de um texto “sagrado”. A ortodoxia, em matéria de marxismo, refere-se ao contrário e exclusivamente ao *método*.⁹⁵

Num entendimento original do que seria um *marxismo ortodoxo*, Lukács aponta para o fato de que a rigidez teórica das interpretações marxistas não está de acordo com a proposta de *método* elaborada por Marx. Parece que Lukács está tentando sugerir que as análises marxistas vão muito além do que propõem os teóricos.

O que o pensador húngaro parece ter em vista é a questão da *práxis*, uma categoria de reflexão que pretende a união entre teoria e prática, entre a rigidez da teoria e a fluidez das questões apresentadas no presente. A ação da *práxis* de ser contínua e dialética:

Para o proletário, a sua situação de classe só é compreensível no interior do conhecimento da sociedade total e suas ações têm por condição prévia e insubstituível este conhecimento. A unidade da teoria e a práxis, portanto, é a outra face da situação social e histórica do proletariado: do ponto de vista do proletariado, conhecimento de si mesmo e conhecimento da totalidade coincidem.⁹⁶

Lukács é um pioneiro no esforço de dinamizar o método dialético marxista, que, segundo ele próprio, foi deturpado em nome de uma miséria da pura teoria. No

⁹⁵ LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p.63-64.

⁹⁶ Ibidem, p.97.

entanto, seu horizonte inicial ainda é a vanguarda proletária, é sobre ela que as reflexões ainda devem se debruçar. Mas esses apontamentos têm grandes potencialidades:

A essência metodológica do materialismo histórico não pode, pois, ser separada da “atividade crítica prática” do proletariado – ambas são momentos do mesmo processo de evolução da sociedade. Assim o conhecimento da realidade operado pelo método dialético não pode ser desvinculado do ponto de vista da classe do proletariado.⁹⁷

Lukács parece pedir que a condução do entendimento teórico marxista não seja estreita. Que compreenda a *realidade total* das forças sociais, e que isso seja utilizado em benefício da classe do proletariado. Assim sendo, de certa forma, Lukács aponta para novas abordagens teórico-mitológicas da teoria marxista que vão além das meras análises econômicas, a cultura, na sua ampla definição, também fará parte de suas investigações. O estudo da estética é um caminho seguido pelo pensador húngaro na abertura dessas análises.⁹⁸ Nesse âmbito é que Sérgio Buarque admite certa influência dos pensadores marxistas, especialmente de Lukács e daqueles que vieram depois dele:

Mas até mesmo entre os teóricos marxistas vem sendo de há muito denunciado o tratamento primário e simplificador das relações entre base e superestrutura, que consiste em apresentá-las sob a forma de uma influência unilateral, eliminando, assim, quaisquer possibilidades de ação recíproca. Ao lado da interação da base material e da estrutura ideológica, e como decorrência dela, não falta quem aponte para a circunstância de que, sendo as ideias fruto dos modos de produção ocorridos em determinadas sociedades, bem

⁹⁷ LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2012, p.98.

⁹⁸ Obras como *A Alma e as Formas* (1910), mesmo não sendo uma obra marxista, e *A Teoria do Romance* (1920), muitas vezes reelaborada, são exemplos da busca de Lukács por alargar suas análises no campo da arte e da cultura.

podem deslocar-se para outras áreas onde não preexistem condições perfeitamente idênticas.⁹⁹

Nesse sentido, é possível perceber o diálogo constante que prevaleceu entre o autor de *Raízes do Brasil* e toda uma tradição de análise marxista de história. Sérgio Buarque se coloca como um pensador original que busca interpretar o Brasil de maneira muito distinta de seus contemporâneos e assumindo uma série de novas tendências teóricas, que muitas vezes escapavam aos autores e pensadores brasileiros.

Já foi mencionado anteriormente que Sérgio Buarque de Holanda parece manter um diálogo constante com vários autores, para além do campo da reflexão sociológica, sugerindo que esse autor possui diversas aproximações com a disciplina do pensamento filosófico. Assim sendo, parece importante apontar, de maneira breve, a sua posição no amplo diálogo da *história da filosofia* no Brasil.

“A filosofia foi, no Brasil, desde os tempos da colônia um luxo de alguns senhores ricos e ilustrados”¹⁰⁰, sugeriu o professor Cruz Costa. Atividade eminentemente elitista, num país de desigualdades absurdas, a reflexão filosófica no Brasil é ainda uma questão de debate. Tradicionalmente, mas não exclusivamente, a exposição desse pensamento pareceu representar os anseios de uma elite. O pensamento de Sérgio Buarque aproxima-se e distancia-se desse paradigma, resultando numa maneira distinta de pensar as questões brasileiras.

De todas as expressões filosóficas do pensar, talvez a que mais profundamente deitou raízes no Brasil foi o *positivismo*, notadamente a partir do final do século XIX. Fruto do alargamento do acesso da educação superior a uma

⁹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** São Paulo: Brasiliense/ Publifolha, 2000, p.XIX.

¹⁰⁰ COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Ideias no Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.7.

camada da elite liberal, e não mais somente aos aristocratas latifundiários, o positivismo pareceu representar os anseios dessa *nova burguesia*:

A partir de 1870, essa *nova burguesia*, assume papel de importância, sobretudo no setor intelectual. É essa burguesia, formada por militares, médicos e engenheiros – mais próximos das ciências positivas, graças à índole de suas profissões – que formar o movimento positivista no Brasil. [...] São homens que se voltam para a ciência e que nela creem encontrar respostas satisfatórias e soluções definitivas para todos os problemas.¹⁰¹

De certa forma, foi essa doutrinação positivista que criou os quadros que dariam impulso ao estabelecimento da República no Brasil (1889). Na elaboração do novo regime os conceitos positivistas foram preponderantes. Conceitos esses que refletiam muito do caráter da elite dirigente do país: um desapego marcante das ideias democráticas. Miguel Lemos (1854-1917), um dos fundadores da *Sociedade Positivista Brasileira*, queixou-se do excesso de democracia existente na primeira constituição republicana (1891), o que contrariava as doutrinas de seu mestre Auguste Comte (1798-1857):

Renunciando à esperança de fazer adotar desde já a organização ditatorial sistematizada pelo nosso Mestre, porque ela repugna aos preconceitos democráticos da maioria dos chefes políticos, concentramos nossos esforços em fazer aprovar pela Constituinte tudo quanto, ao nosso, servisse para fundar em nossa pátria o regime da mais ampla liberdade.¹⁰²

¹⁰¹ COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.127-128.

¹⁰² LEMOS, Miguel. 10ª Circular Anual do Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro, 1892, p.15. Apud: COSTA, João Cruz. **Panorama da História da Filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960, p.48.

Os propagadores do *pensamento filosófico* no Brasil mantiveram estreito compromisso com a manutenção dos privilégios das classes dominantes. Para além da influência do positivismo, o evolucionismo espenceriano e aquele pensado na Alemanha da época também foram fontes importantes para os intelectuais brasileiros que *namoravam ideologias pelo telégrafo*¹⁰³:

Filosofia própria para encantar a autodidatas ela estava fadada a ter sucesso. Desprovidos de uma formação histórica e filosófica adequada, os bacharéis autodidatas brasileiros, curiosos e sôfregos de respostas definidas e definitivas sobre os problemas do Universo e do Homem – vício inculcado por uma formação escolástica e formalista – voltaram-se agora para as novas ideias que a Alemanha – considerada nesse tempo pelo fulgor da sua ciência como a própria sede do Saber – nos enviava.¹⁰⁴

O cientificismo característico do final do século XIX e início do século XX penetrou os ideais e as mentes desses intelectuais brasileiros. O arcabouço teórico que ajudaria a fundar o novo regime republicano também foi utilizado para tentar explicar o Brasil e a distância que o país mantinha em relação aos *centros de conhecimento* da época.

José Estelita Monteiro Tapajós (1859-1912), considerado pelo professor Cruz Costa um dos expoentes da filosofia evolucionista no Brasil¹⁰⁵, publicou em 1898 *Ensaio de Filosofia da Ciência*. Nesse trabalho Estelita Tapajós reforça a tendência de seus contemporâneos de demonstrar o *atraso* que vivia o país diante das civilizações mais *modernas* da Europa. *O cérebro dessa nação*, no que se refere ao progresso humano, apontava Tapajós, estava *parado ou em estado de*

¹⁰³ O professor Cruz Costa atribui essa metáfora ao intelectual paulistano Mário de Andrade (1893-1945). COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.386.

¹⁰⁴ Idem. **Panorama da História da Filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960, p.50.

¹⁰⁵ Idem, op. cit., 1967, p.334.

retrogradação.¹⁰⁶ A solução seria “a instrução e a imigração das velhas raças da Europa. Uma, a primeira, atua diretamente como elemento de cultura que é a ontogêneses metamórfica daqueles indivíduos [...] A segunda força – as migrações – é a grande regeneradora humana”¹⁰⁷. A saída para as questões latentes no país passam, principalmente, pelo acolhimento não somente de valores europeus, como de parcelas da população daquele continente. Não há por parte desses intelectuais nenhum tipo de abordagem que leve em consideração a extrema desigualdade do país. “São frequentes casos como este e, infelizmente, ainda hoje eles aparecem enfeitados de roupagem tão pedante como oca.”¹⁰⁸

Não foi somente o professor Cruz Costa que percebeu o caráter inócuo do pensamento filosófico do Brasil da primeira metade do século XX, Sérgio Buarque de Holanda foi bastante crítico de seus contemporâneos:

É frequente, entre os brasileiros que se presumem intelectuais, a facilidade com que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes e com que sustentam, simultaneamente, as convicções mais díspares. Basta que tais doutrinas e convicções se possam impor à imaginação por uma roupagem vistosa: palavras bonitas ou argumentos sedutores.¹⁰⁹

O ponto a ser ressaltado é que as formas de refletir sobre as questões brasileiras durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX ignoravam os problemas latentes: a herança da escravidão, a pobreza extrema e a falta de representação política da maioria. As doutrinas positivistas e evolucionistas nada mais faziam do que reforçar as contradições do país e justificar as

¹⁰⁶ COSTA, João Cruz. **Contribuição à História das Ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.335.

¹⁰⁷ TAPAJÓS, Estelita. *Ensaio de Filosofia e Ciência*. São Paulo: Tipografia Paulista, 1898, p.10-11. Apud: COSTA, op. cit., p.335.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p.335.

¹⁰⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.155.

desigualdades. “Não existiria, à base dessa confiança no poder milagroso das ideias, um secreto horror à nossa realidade?”¹¹⁰, perguntou Sérgio Buarque. No seu esforço por romper paradigmas existentes no seu tempo acerca das reflexões sobre o país, Sérgio Buarque buscou novas abordagens e novas fontes de inspiração:

Focalizar a ação transformadora do tempo parecia uma alternativa promissora para a visão de um passado excessivamente preocupado com as forças de permanência e conservação; propunha-se libertar a historiografia de valorizações épicas e das distorções de um paroquialismo patrioteiro e apologético [...] Em contrapartida, elaborou estudos sobre os obstáculos que se opunham à renovação das elites dirigentes no Brasil colonial e no Império, dando nova abordagem ao papel dos figurantes mudos da história do Brasil – vadios, remeiros das monções, mamelucos, homens pobres, anônimos.¹¹¹

Nesse sentido, Sérgio Buarque esforçou-se por dialogar com novos pensares, novas formas de abordagem, para elaborar uma obra em que pudesse concatenar, de maneira peculiar, suas reflexões de maneira efetiva. Talvez tenha se aproximado de Vico, pelo mesmo caminho seguido por Croce, numa tentativa de desvinculação com o positivismo e o evolucionismo, extremamente impregnados dos jargões das ciências da natureza e da crença da divindade do progresso.¹¹² Por isso também incorporou algumas categorias da teoria marxista, notadamente apontada por Lukács, buscando dilatar o horizonte das reflexões sobre o Brasil, muito estreito por conta de seu conservadorismo. Assim sendo, Sérgio Buarque de Holanda foi um erudito que buscou ampliar suas fontes e influências e criar uma obra original. Seu legado é prova de que, aparentemente, foi bem-sucedido. Seu diálogo com a filosofia foi fundamental.

¹¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.159.

¹¹¹ DIAS, Maria Odila Leite da Silva (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985, p.12-13.

¹¹² BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997, p.103-104.

A abertura intelectual de Sérgio Buarque foi a semente de suas sustentações. Graças à sua profunda erudição, ao seu poder interpretativo e até um rasgo literário, engendraram-se alguns *conceitos*, ainda debatidos, entre os quais está o *homem cordial*. Uma vez plantada a semente, germinada no solo filosófico, é necessário identificar as origens do *conceito*. As raízes do *homem cordial*.

CAPÍTULO II – AS RAÍZES DO *HOMEM CORDIAL*

Na formação do Brasil, as ideias muitas vezes estavam fora do lugar.¹¹³ Uma imagem peculiar da vida colonial brasileira é apontada por Gilberto Freyre (1900-1987): qualquer criminoso que fosse julgado e condenado pela justiça del-Rei, mas tivesse relação cordial com algum grande proprietário poderia facilmente livrar-se dos grilhões da justiça. “Mesmo que passasse preso diante da casa-grande bastava gritar: ‘- Valha-me, seu Coronel Fulano’. E agarrar-se à porteira ou a um dos moirões da cerca.”¹¹⁴ Certamente teria a ajuda de seu grande padrinho.

Essa imagem sugere que, no Brasil, desde o início, os aspectos referentes ao mundo público muitas vezes eram subjugados pelos interesses privados. Esse entendimento original da construção do Brasil foi elaborado por Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), na obra *Raízes do Brasil* (1936), que introduz a sua peculiar e aguçada análise da formação do Brasil recorrendo à famosa tragédia grega de *Antígona* de Sófocles (496 a.C. - 406 a.C.). No enredo Antígona deseja enterrar seu irmão Polinize sem a autorização do Estado, representado por Creonte. Segundo Sérgio Buarque, a tragédia aponta justamente uma questão essencial: “Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade.”¹¹⁵ Assim sendo, a figura de Creonte encarnaria a noção abstrata e impessoal do Estado, em oposição à realidade concreta e tangível da família.¹¹⁶

¹¹³ SCHWARTZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p.63.

¹¹⁴ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013, p.271.

¹¹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.141.

¹¹⁶ Ibidem.

De modo geral, o que Sérgio Buarque expõe é o fato de que na formação do Brasil predominou o caráter pessoal e familiar, em detrimento da impessoalidade do Estado. Assim sendo, surge a figura do “*homem cordial*”, que seria, de certa forma, resultado da formação peculiar do país. O *homem cordial* é aquele que tem o coração como condutor de seus interesses e vontades, notadamente de suas paixões¹¹⁷, em oposição ao homem *racional*, pautado pela frieza e retidão da razão.

Na conceituação de Sérgio Buarque:

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definitivo do caráter brasileiro [...]. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças.¹¹⁸

O *homem cordial* não é capaz de expressar-se por meio de códigos ou mandamentos coercitivos ou que imponham uma conduta que não seja passional, livre, sem nenhuma interferência. A boa educação e a necessidade de estabelecer um vínculo para além das formas de convívio formal são, na verdade, elementos que denotam a questão do excesso de individualismo entre nós. Um tipo de comportamento adequado, demonstrando uma conduta mais impessoal, estaria associado à coerção de determinadas ações, em benefício de certos mandamentos que visam, em última instância, coibir as vontades privadas. A prova dessa subversão do poder privado ante uma atitude mais condizente com o coletivo é o uso dos diminutivos na linguagem, muito difundido no Brasil:

¹¹⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. In: Idem. **Raízes do Brasil**: Edição Crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016, p.400.

¹¹⁸ Idem. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.147.

No domínio da lingüística, para citar um exemplo, esse modo de ser parece refletir-se em nosso pendor acentuado para o emprego dos diminutivos. A terminação “inho”, após as palavras, serve para nos familiarizar mais com as pessoas ou os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-lo mais acessíveis aos sentidos e aproximá-los do coração.¹¹⁹

Algo tão característico do brasileiro, o uso dos diminutivos é exemplo de como se busca a particularização de tudo, pessoas ou objetos. A utilização dos diminutivos é produto da tentativa de apropriação de tudo aquilo que existe de íntimo para cada indivíduo, subjugação de pessoas e coisas que vivem de forma autônoma, controle particular daquilo que não pode ser dominado na sua totalidade.

Outro exemplo marcante é a omissão do nome de família e a prevalência do nome individual no tratamento social.¹²⁰ Sérgio Buarque lembra que “é tão característico, entre nós, essa maneira de ser, que não desaparece sequer nos tipos de atividade que devem alimentar-se da concorrência”¹²¹. Segundo aponta o autor, citando registro de André Siegfried (1875-1959), um comerciante norte-americano dizia que para fazer negócios no Brasil e na Argentina era necessário ser amigo dos clientes.¹²² A justiça, conforme preleção de Gilberto Freyre assinalada anteriormente, também poderia ser mais ou menos eficiente dependendo das amizades dos condenados.

A figura do *homem cordial* é uma tentativa de sintetizar essas características marcantes e ainda predominantes na sociedade brasileira que remontam ao período de formação do país. Os apontamentos sugerem que essa é uma questão válida para análise. Compreender o *homem cordial* é refletir sobre as próprias condições do Brasil, no presente e no passado.

¹¹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.148.

¹²⁰ Ibidem, p.148.

¹²¹ Ibidem, p.148-149.

¹²² Ibidem, p.149.

Possivelmente a formação do *homem cordial* está ancorada em dois aspectos importantes do processo de colonização do Brasil. Seriam tais aspectos as raízes do *homem cordial*, que são profundas, mas não necessariamente constituem a essência do caráter nacional; apenas sustentam um tipo de atitude que permanece como balizadora de muitas ações cotidianas do brasileiro. Para observar melhor a teoria do *homem cordial*, é preciso recuar no tempo e buscar no período colonial os vestígios para conceituar essas raízes citadas. Uma delas é a chamada *personalidade ibérica*, diretamente ligada à origem dos colonizadores do Brasil, a Península Ibérica, especialmente Portugal. Essa *personalidade ibérica* orientou o processo de colonização e, conseqüentemente, as virtudes e os vícios do cotidiano brasileiro.¹²³

A outra raiz diz respeito ao tipo de sociedade construída nos trópicos da América pelos portugueses. Essa sociedade foi completamente assentada na vida rural, nas casas-grandes, isolada, distante das cidades. Essa *herança rural* determinou a formação de uma sociedade patriarcal, centrada na família e francamente marcada por laços de afinidade pessoal.¹²⁴ Ambos os aspectos devem ser analisados para um melhor entendimento do que seria o *homem cordial* e das conseqüências peculiares na formação do Brasil.

A *personalidade ibérica* é apontada como elemento forjador de certo caráter brasileiro que é compartilhado com os povos da Península Ibérica, como também com os demais povos latino-americanos. Sérgio Buarque considera que foi essa *herança* ibérica que predominou sobre as virtudes e os vícios de nosso comportamento, sobrepujando as tradições indígenas e africanas.¹²⁵ Elaborada

¹²³ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.127.

¹²⁴ Ibidem, p.135.

¹²⁵ Ibidem, p.122.

durante o período medieval, a *personalidade ibérica* foi na sua totalidade levada para a América do Sul. Uma de suas características é o individualismo exacerbado, um personalismo extremo:

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum dos seus vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo da evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais.¹²⁶

A cultura da *personalidade* é justamente a capacidade que o ibérico tem de, precocemente, pelo menos em relação aos outros europeus, se libertar da tutela da autoridade, ditar as regras conforme seus interesses pessoais:

Efetivamente, as teorias negadoras do livre-arbítrio foram sempre encaradas com desconfiança e antipatia pelos espanhóis e portugueses. Nunca eles se sentiram muito à vontade em um mundo onde o mérito e a responsabilidade individuais não encontrassem pleno reconhecimento.¹²⁷

Segundo Sérgio Buarque, esse tipo de sociedade foi praticamente transplantado para a América.¹²⁸ Além disso, esse traslado se deu sob o que se poderia chamar de uma obra do *tipo aventureiro*, ou seja, um esforço de colonização que não teve caráter metodológico¹²⁹, que não foi controlado, dirigido, foi esforço individualista. O *aventureiro* português, que, gestado no caráter ibérico, não se sente

¹²⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.32.

¹²⁷ Ibidem, p.37.

¹²⁸ Ibidem, p.40.

¹²⁹ AVELINO FILHO, George. Cordialidade e Civilidade em Raízes do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 5, n. 12, 1990, p.6.

à vontade com teorias que neguem o livre-arbítrio, foi talvez o único capaz de realizar tamanho empreendimento de colonização dos trópicos:

Pioneiros da conquista do trópico para a civilização, tiveram os portugueses, nesta proeza, sua missão histórica. E sem embargo de tudo quanto se possa alegar contra a sua obra, forçoso é reconhecer que foram não somente os portadores efetivos como portadores naturais dessa missão.¹³⁰

O estabelecimento desses homens ibéricos com seus hábitos peculiares num ambiente geograficamente distinto do seu foi bem-sucedido graças ao predomínio do sujeito *aventureiro* na estruturação de uma nova civilização, caso contrário, a empreitada poderia não ter alcançado sucesso.

E, no entanto, o gosto da aventura [...] teve influência decisiva (não a única decisiva, é preciso, porém, dizer) em nossa vida nacional. Num conjunto de fatores tão diversos, como raças que aqui se chocaram, os costumes e padrões de existência que nos trouxeram, as condições mesológicas e climatéricas que exigiram longo processo de adaptação, foi elemento orquestrador por excelência. Favorecendo a mobilidade social, estimulou os homens, além disso, a enfrentar com denodo as asperezas ou resistências da natureza e criou-lhes as condições adequadas a tal empresa.¹³¹

Sendo *elemento orquestrador*, o *sujeito aventureiro* conseguiu evitar toda e qualquer interferência ou força estatal que pretendesse estabelecer padrões de conquista. Não foi o planejamento nem a interferência de qualquer força coletivista que predominou para o estabelecimento desses homens nas atuais terras brasileiras.

¹³⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.43.

¹³¹ Ibidem, p.46.

Levando-se em conta os apontamentos de Buarque, pode-se notar que foi quase uma necessidade para a conquista das terras brasileiras que o feito ocorresse por meio de ação individualista. Além disso, somente uma sociedade como a ibérica, com valores excepcionalmente personalistas, foi capaz dessa proeza. Por isso que Sérgio Buarque aponta a conquista e colonização do Brasil como uma *missão natural* dos portugueses. O planejamento ou a busca por uma uniformidade social controlaria toda a capacidade dos indivíduos e não daria espaço para as vontades singulares se desenvolverem.

O *sujeito aventureiro* criador da sociedade brasileira, longe de qualquer planejamento, espontâneo, personalista e que, por meio de seu individualismo, teve o ímpeto da adaptabilidade, pode ser considerado alguém que foi capaz de abandonar as vontades monopolistas, acreditar na concorrência e colocar seus projetos e vontades acima daqueles impostos. Segundo diz Buarque,

Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.¹³²

Esse foi o resultado do caráter ibérico. O poder de adaptabilidade desse sujeito, por não estar submetido a nenhum tipo de contenção de suas vontades individuais, permitiu-lhe transformar as dificuldades encontradas num ambiente muito distinto do seu em vantagens, transformar obstáculo em trampolim. Um exemplo dessa adaptabilidade foi o uso da mandioca na alimentação dos ibéricos em terras brasileiras: “Onde lhe faltasse pão de trigo, aprendiam comer o da terra, e

¹³² HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.44.

com tal requinte, que [...] a gente de tratamento só consumia farinha de mandioca fresca, feita no dia.”¹³³

Somente pelo fato de ter se distanciado de sua origem, e dos apelos controladores da metrópole, foi possível ao *sujeito aventureiro* interpretar individualmente suas novas relações no processo de colonização e, através de um movimento de livre seleção, escolher aquilo que julgasse melhor para suas necessidades e vontades. O caráter ibérico transplantado para os trópicos foi aquele que se desenvolveu pelas suas vontades e inclinações individualistas, adaptado à diversidade do ambiente tropical.

A tipificação da *personalidade ibérica* e de seu subproduto, o *sujeito aventureiro*, é essencial para se compreender uma das raízes que fundamenta a noção de *homem cordial* para Sérgio Buarque. Nesse sentido, o autor mantém um diálogo constante com outro pensador que também se preocupou em delimitar as origens da relação entre povos e nações: Leopold von Ranke (1795-1886). Ranke, ao seu tempo, procurou observar o relacionamento de diversos povos da Europa Ocidental e a sua experiência histórica, amparado no fato de que todos esses povos possuíam valores e princípios comuns. Para Ranke, espanhóis, franceses e italianos, pela raiz românica, e germânicos, ingleses e escandinavos, pela raiz germânica, tinham engendrado as fundações do Ocidente.

Qual, então, a expressão da unidade a reunir esses seis povos, cada qual dividido em partes distintas, que jamais vieram a constituir um conjunto estatal e quase sempre andaram em guerra em guerra, uns com outros? São eles de ascendência igual ou similar, apresenta, traços comuns, tanto nos costumes, como nas instituições; em sua história interna revelam vínculos

¹³³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.44.

estritamente coordenados e , em esforço comum, deram lugar a algumas das grandes realizações do Ocidente.¹³⁴

Ranke identificou a disposição de espírito comum desses povos como causa de três grandes acontecimentos da história ocidental: as *migrações internas* (invasões germânicas), as *Cruzadas* e a colonização de novos hemisférios.¹³⁵ Nesse sentido, o elemento integrador dos povos ocidentais foi a força original desses movimentos – inicialmente, o encontro entre as duas raízes originárias, românica e germânica ¹³⁶, depois a primeira expansão desses povos para fora da Europa Ocidental sob a égide do cristianismo¹³⁷, e finalmente a criação de novos mundos europeus em outros continentes.¹³⁸ A ideia era demonstrar um elemento em comum entre os diversos povos do Ocidente e a unidade no que diz respeito à sua formação histórica e ao seu expansionismo.

Sérgio Buarque sugere que Ranke “foi um historiador sem pretensões a filosofia, mas teve mais de uma vez o cuidado de definir quase filosoficamente o ofício do estudioso do passado”¹³⁹. Diante dessa afirmação, Buarque também aponta que a grande problemática de Ranke teriam sido as conexões entre os povos:

Não querendo ser apenas um erudito, que visse a História mundial uma soma desconexa de histórias nacionais, importava-lhe primeiramente discernir as grandes conexões entre povos e verificar em que medida elas agem sobre a vida interna das nações.¹⁴⁰

¹³⁴ RANKE, Leopold von. Da unidade essencial dos povos romanos e germânicos e de sua comum evolução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **Leopold von Ranke: história**. São Paulo: Ática, 1979, p.65.

¹³⁵ Ibidem, p.66.

¹³⁶ Ibidem, p.66.

¹³⁷ Ibidem, p.69.

¹³⁸ Ibidem, p.78.

¹³⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.22.

¹⁴⁰ Ibidem, p.29-30.

Na tipificação da *personalidade ibérica*, é possível apontar que existe um diálogo entre Sérgio Buarque e Ranke, uma tentativa de caracterizar atitudes comuns aos povos da Península Ibérica, buscar uma *disposição de espírito* desses sujeitos. A inclinação precoce dessas comunidades para a teoria do livre-arbítrio remontaria a um passado longínquo: “A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, fenômeno moderno. E por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta da tradição [...] a única defesa possível contra nossa desordem”¹⁴¹. Essa *personalidade* específica, assim como sugeriu Ranke, acompanhou os povos ibéricos e seus descendentes na *aventura* da conquista americana. O individualismo extremo e o personalismo exacerbado nasceram na Península Ibérica:

Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e os portugueses muito de sua originalidade nacional.¹⁴²

Sérgio Buarque considera que tamanha empreitada só poderia ter sido realizada pelos povos ibéricos.¹⁴³ Tal característica se manteve com a conquista do Novo Mundo, finamente se estabelecendo no caráter dos povos da América Latina, uma unidade essencial e uma evolução comum. Assim, “à frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e Brasil”¹⁴⁴.

¹⁴¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.33.

¹⁴² Ibidem, p.32.

¹⁴³ Ibidem, p.43.

¹⁴⁴ Ibidem, p.33.

Como já mencionado, duas são as fontes (ou raízes) de onde brota o *homem cordial*: a primeira, o *caráter ibérico* transplantado para as terras brasileiras; e do outro lado, a herança rural. Sua origem é circunstancial, pois a estruturação da sociedade ibérica estabelecida no Brasil conduziu a colonização em direção ao mundo rural. Destarte, a marca da herança rural faz parte da conduta brasileira por escolha, e não por necessidade: “O predomínio esmagador do ruralismo, segundo todas as aparências, foi antes um fenômeno típico do esforço dos colonizadores do que uma imposição do meio.”¹⁴⁵ Nesse sentido, essa escolha ressalta elementos encontrados no caráter ibérico que dificilmente podem ser apagados:

Toda a estrutura de nossa sociedade colonial teve sua base fora dos meios urbanos. É preciso considerar esse fato para compreender exatamente as condições que, por via direta ou indireta, nos governaram até muito depois da proclamação de nossa independência política e cujas reflexões não se apagam ainda hoje.¹⁴⁶

Assim sendo, é preciso perguntar: como a herança rural se faz presente na formação dos hábitos brasileiros? O reflexo desse predomínio rural pode ser visto na privatização da vida comunitária. Aquilo que tradicionalmente pertencia ao mundo coletivo acaba por ser particularizado. Toda a gênese do Brasil se deu sob essa tendência. Para a iniciativa privada foi dada a possibilidade de organizar, gerir e legislar, de forma particular, imensas áreas para a exploração da monocultura:

Tudo deixou-se, porém, à iniciativa particular. Os gastos de instalação. Os encargos de defesa militar da colônia. Mas também os privilégios de mando e de jurisdição sobre terras enormes. Da extensão delas fez-se um chamariz, despertando-se nos homens de pouco capital, mas de coragem, o instinto de

¹⁴⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.92.

¹⁴⁶ Ibidem, p.73.

posse; e acrescentando-se ao domínio sobre terras tão vastas, direitos de senhores feudais gente que fosse aí mourejar. A atitude da Coroa vê-se claramente qual foi: povoar sem ônus os ermos da América. Desbravá-los do mato grosso, defendê-lo dos corsários e do selvagem, transformá-lo em zona de produção, correndo as despesas por conta dos particulares que se atravessassem a desvirginar a terra tão áspera. A estes se deve, na verdade, a coragem da iniciativa, a firmeza de ânimo, a capacidade de organização que presidiam o estabelecimento, no Brasil, de uma grande colônia de plantação.¹⁴⁷

A Coroa portuguesa escolheu favorecer as formas privadas de atuação, como sugere Freyre, buscou povoar sua porção da América *sem ônus*. Desse modo, parcelou suas terras entre privados e delegou a cada indivíduo jurisdição sobre os recursos e os homens relacionados àquelas terras. Se por um lado o caráter ibérico esteve sempre em consonância com hábitos individualistas, levando esses sujeitos a desconfiar e rejeitar qualquer forma de planejamento comunitário, o ruralismo brasileiro, por sua vez, resultado de uma escolha de exploração colonial, garantiu amplo espaço para que a iniciativa particular fosse protagonista no processo de constituição do Brasil.

A metrópole sugeria que o processo de colonização fosse estimulado por privados nos seus engenhos rurais. A delegação particular das forças colonizadoras resultou em um ambiente propício à privatização dos interesses comuns. A *herança rural*, fruto da particularização das terras em grandes unidades de mando individual e independentes umas das outras, criou um cenário altamente individualista e favorável aos interesses particulares.

Claro que daí só poderia resultar o que resultou: de vantajoso, o desenvolvimento da iniciativa particular estimulada nos seus instintos de posse e mando; de maléfico, a monocultura desbragada. O mandonismo dos proprietários de terras e

¹⁴⁷ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013, p.324.

escravos. Os abusos e violências dos autocratas das casas-grandes. O exagerado privatismo ou individualismo dos sesmeiros.¹⁴⁸

A falta de importância das cidades no processo de colonização do Brasil se fez sentir na própria disposição do espaço urbano no país: “[...] as cidades portuguesas confundiam-se com o relevo e a paisagem. [...] Os portugueses são frouxos, indisciplinados. As casas de suas cidades são dispostas segundo o capricho de seus moradores. Tudo é irregular.”¹⁴⁹. A existência de cidades pouco estabelecidas, “mal-acabadas”, acarretou o predomínio do mundo rural. Diferentemente de outras colonizações europeias que valorizaram a cidade como centro de poder da burocracia estatal, a *herança rural* conduziu o Brasil para a autarquia dos domínios rurais.¹⁵⁰

De certo modo, pode-se estabelecer um diálogo entre esses apontamentos de Sérgio Buarque, assim como os de Gilberto Freyre, e algumas formulações do pensador Norbert Elias (1897-1990). Elias percebe nesse contexto um mundo predominantemente rural em que os interesses particulares, notadamente os da autarquia, se sobrepunham à totalidade dos indivíduos. Já em sociedades mais urbanizadas, a integração e a diferenciação social¹⁵¹ impunham uma estrutura mais coletiva e, assim sendo, menos predatória. Para ilustrar esse fato, Elias recorre à imagem dos sistemas rodoviários: “Uma maneira simples de descrever a diferença entre a integração do indivíduo em uma sociedade complexa e em outra menos complexa consiste em pensar nos seus diferentes sistemas rodoviários.”¹⁵² No

¹⁴⁸ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013, p.324.

¹⁴⁹ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.130.

¹⁵⁰ Ibidem, p.129.

¹⁵¹ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. II - Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.195.

¹⁵² Ibidem, p.196.

mundo de predominância agrária, prevalece a simplicidade do desenho das estradas e caminhos interioranos:

Pensemos nas estradas interioranas de uma sociedade simples de guerreiros, com uma economia de troca, sem calçamento, expostas ao vento e á chuva. Com raras exceções há pouco tráfico; o principal perigo é um ataque de soldados ou salteadores. Quando as pessoas olham em volta, para árvores, morros e a própria estrada, fazem isso principalmente porque precisam estar sempre preparadas para um ataque armado, e apenas secundariamente porque tem que evitar colisões. A vida nas estradas principais dessa sociedade exige uma prontidão constante para luta, e dá livre rédea às emoções, em defesa da vida ou das posses contra o ataque físico.¹⁵³

A descrição supracitada pode servir muito bem a uma estrada no Brasil colonial ou muitas das estradas existentes ainda hoje pelos vastos interiores do país, onde as pessoas vagam temerosas dos salteadores ou de algum jagunço associado a um grande plantador local que faça valer a lei do mais forte, daquele que é senhor de terras e pessoas. Elias, imaginando a Europa medieval, pode acabar por descrever um Brasil do passado, como também um Brasil presente. Na outra ponta existe o mundo urbano, onde o coletivo pode impor-se sobre o individual. No mundo urbano, com sua diversidade de avenidas, cruzamentos e atalhos, prevalece o *autocontrole*, para que o interesse de um não solape a liberdade de todos.

Já o tráfego nas ruas principais de uma grande cidade na sociedade complexa de nosso tempo exige uma modelação inteiramente diferente do mecanismo psicológico. Neste caso é mínimo o perigo do ataque físico. Carros correm em todas as direções, e pedestres e ciclistas tentam costurar o caminho através da *mêlée* de veículos; nos principais cruzamentos,

¹⁵³ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. II - Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.196.

guardas tentam dirigir o tráfego, com variável grau de sucesso.¹⁵⁴

A imagem relatada é de uma cidade da Europa ocidental no século XX. Assemelha-se aos aspectos de uma grande cidade brasileira atual, salvo o fato de que o perigo de um ataque físico é bem possível. Mas o que deve ser ressaltado é que a complexidade do espaço urbano, diferentemente da mesmice do mundo rural, gera a necessidade da regulação comportamental, da regulação das pulsões individuais. Caso contrário, nada poderia caminhar em acordo:

Esse controle externo, porém baseia-se na suposição de que todos os indivíduos estão regulando seu comportamento com a maior exatidão, de acordo com as necessidades da rede. O principal perigo que uma pessoa representa para a outra nessa agitação toda é de perder o autocontrole. Uma regulação constante e altamente diferenciada do próprio comportamento é necessária para o indivíduo seguir seu caminho pelo tráfego.¹⁵⁵

A manutenção da *rede* depende da capacidade de todos de abstrair de suas vontades individuais. Num provável diálogo com Elias, Sérgio Buarque, falando sobre a diferença entre o campo e a cidade de um Brasil mais contemporâneo, afirma:

Eram dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como ao racional se opõe o tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o cidadão cosmopolita ao regional ou paroquial.¹⁵⁶

¹⁵⁴ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. II - Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.196.

¹⁵⁵ Ibidem, p.196-197.

¹⁵⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.78.

Sérgio Buarque marca a distinção entre os dois mundos, tal como Elias procurou esboçar. Numa sociedade mais rural, prevalecem os conceitos tradicionais, a valorização do corpóreo e o sentimento paroquial. Numa sociedade predominantemente rural estão *livres as rédeas da emoção*. A *herança rural* da formação do Brasil sugere esse apego ao mundo emotivo devido à sua composição. O Brasil colonial foi uma sociedade rural, particularizada na figura do proprietário rural, o latifundiário. Não existe *autocontrole*, pois não há uma *rede* complexa que deva ser preservada em benefício do cosmopolitismo.

A *herança rural* criou um ambiente em que a *abstração* para a manutenção do coletivo foi substituída pela *sensibilidade* pessoal do grande proprietário: “Nos domínios rurais, a autoridade do proprietário de terras não sofria réplica. Tudo se fazia consoante sua vontade, muitas vezes caprichosa e despótica.”¹⁵⁷ O comando da comunidade está nas mãos de certos mandantes e atende a seus caprichos. Não há um *controle externo* que possa controlar a pulsão das vontades particulares de cada um dos proprietários de terra. No Brasil em formação não havia a figura da cidade, responsável pelo estabelecimento do poder central, monopolizador. O resultado é uma sociedade predatória, em que prevalece a subjugação e a humilhação do submetido:

A maior espontaneidade das pulsões e o grau mais alto de ameaça física que se encontra em todas as situações em que ainda inexistem um monopólio central forte e estável, são conforme pôde ser visto, fenômenos complementares. Nessa estrutura social, o vitorioso tem maior possibilidade de dar livre rédea a suas pulsões e sentimentos, embora também seja maior a ameaça de homem por parte dos sentimentos do outro, e mais presente a possibilidade de ilimitada de subjugação e humilhação se um cair no poder do outro.¹⁵⁸

¹⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.80.

¹⁵⁸ ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. II - Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p.199.

Numa sociedade sem um *monopólio central forte e estável*, sem o poder de centralizador burocrático, racional e que detém certo grau de coerção das *emoções*, prevalece a vontade do vitorioso, aquele que controla todos e subjuga os seus dependentes. O regime dominante é o *emotivo-interesseiro*, em detrimento do *racional-imparcial*.

Levando-se em conta a formação do Brasil como um país rural, assentado no latifúndio, com um mandonismo disperso e caprichoso e, principalmente, *livre de rédeas*, não faltam exemplos de episódios em que a vontade individual exacerbou-se de forma predatória e humilhante. Sérgio Buarque recorda:

Nesse ambiente, o pátrio poder é virtualmente ilimitado e poucos freios existem para sua tirania. Não são raros os casos como de um Bernardo Vieira de Mello, que, suspeitando a nora de adultério, condena-a à morte em conselho de família e manda executar a sentença, sem que a Justiça dê um único passo no sentido de impedir o homicídio ou castigar o culpado, a despeito de toda a publicidade que se deu ao fato o próprio criminoso.¹⁵⁹

Tirania e capricho, esse é o resultado prático da *herança rural*. De uma maneira não tão sistêmica, a *personalidade ibérica*, com seus valores contrários ao controle externo, seu fervor individualista e conquistador, e a *herança rural*, consequência do tipo de colonização portuguesa nos trópicos (e além), exacerbaram o vício da valorização das pulsões individuais e impediram o estabelecimento, pelo menos inicialmente, de uma comunidade, uma *rede sem autocontrole*. Segundo Sérgio Buarque, o *homem cordial* seria uma espécie de síntese desse processo: “O desconhecimento de qualquer forma de convívio que não seja ditada por uma ética de fundo emotivo representa uma aspecto da vida brasileira que raros estrangeiros

¹⁵⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.82.

chegam a penetrar com facilidade.”¹⁶⁰ As dicotomias são muitas: *racional e emotivo; objetividade e subjetividade; cérebro e coração*. No entanto, tudo indica que as condições da formação do Brasil são problemáticas e, segundo Sérgio Buarque, merecem ser pensadas e transformadas para que, minimamente, se possa estabelecer uma comunidade viável.

As análises de Sérgio Buarque fazem com que imediatamente se verifique no seu discurso um diálogo constante com Max Weber (1864-1920). Weber pode ser considerado um autor balizador para o entendimento do mundo contemporâneo e um dos fundadores da sociologia moderna. Sua temática central são “[...] os problemas da racionalização, da secularização, da burocratização das estruturas e dos comportamentos das pessoas como traços específicos da civilização ocidental”¹⁶¹. Nesse sentido, a grande preocupação desse estudioso é marcada pela transição de um mundo mágico (pleno de subjetividade) para um racionalizado (imparcial e objetivo). Assim sendo, Weber identifica a chegada da contemporaneidade com a racionalização do mundo.¹⁶² Logo, estabelece-se o diálogo entre Weber e Sérgio Buarque, abordando a questão da racionalização e imparcialidade das relações e, portanto, criando um vínculo necessário entre racionalidade e modernidade.

Mas a questão se aprofunda. Sérgio Buarque está disposto a apresentar a formação do Brasil como a estruturação de um sistema exploratório completamente oposto ao que Max Weber identifica como moderno:

¹⁶⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.148

¹⁶¹ TRAGTENBERG, Mauricio. Atualidade de Max Weber. In: WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 1. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.12.

¹⁶² WEBER, Max. **Historia Economica General**. México: Editora FCE, 1956, p.298.

Essa primazia acentuada da vida rural concorda bem com o espírito da dominação portuguesa, que renunciou a trazer normas imperativas e absolutas, que cedeu todas as vezes em que as conveniências imediatas aconselharam a ceder, que cuidou menos em construir, planejar ou plantar alicerces, do que em feitorizar uma riqueza fácil e quase ao alcance da mão.¹⁶³

Sem planejamento, sem nenhum tipo de metodologia específica, a fundação da colonização europeia no Brasil estava, como sugere Sérgio Buarque, entregue à *conveniência imediata* dos interesses dos portugueses (e posteriormente dos próprios nacionais na posição de mando).

Retornando-se para Max Weber, é possível identificar algumas categorias propostas por esse autor que mantêm o diálogo com Sérgio Buarque. Na ordenação que Weber apresenta acerca dos vários *tipos puros de dominação*, a identificação com os apontamentos do autor de *Raízes do Brasil* é notável. Segundo Weber, existem três *tipos puros de dominação legítima*:

A dominação, isto é, a probabilidade de encontrar obediência a uma determinada ordem pode ter seu fundamento em diversos motivos de submissão: pode ser determinada diretamente de uma constelação de interesses, ou seja, de considerações racionais de vantagens e desvantagens (referente a meios e fins) por parte daquele que obedece; mas também pode depender de um mero “costume”, ou seja, do hábito cego de um comportamento inveterado; ou pode, finalmente, ter seu fundamento no puro afeto, ou seja, na mera inclinação pessoal do dominado.¹⁶⁴

A dominação exercida por meio da consideração racional de vantagens e desvantagens, conforme propõe Weber, está associada ao tipo de dominação *legal*; aquela exercida através do “costume” pode representar o tipo *tradicional* de

¹⁶³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.95.

¹⁶⁴ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.349.

dominação; e aquela baseada na inclinação pessoal do dominado está ligada ao tipo *carismático* de dominação. Deve-se ter em mente que essas são tipologias *puras*¹⁶⁵, portanto, na prática, podem ser encontrados entrelaçamentos.

A dominação *legal* é aquela amparada no poder da burocracia, baseada num *estatuto* impessoal e na racionalidade. Portanto, segundo Weber, trata-se da tipologia moderna de dominação. A hierarquia burocrática é o seu fundamento:

A burocracia constituiu o tipo tecnicamente mais puro da dominação legal. Nenhuma dominação, todavia, é exclusivamente burocrática, já que nenhuma é exercida unicamente por funcionários contratados [...] É decisivo todavia que o trabalho rotineiro esteja entregue, de maneira predominantemente e progressiva, ao elemento burocrático. Toda a história do desenvolvimento do Estado moderno, particularmente, identifica-se com a moderna burocracia e da empresa burocrática [...].¹⁶⁶

A dominação *legal* tem legitimidade, pois está assegurada pelo *estatuto*, ou seja, uma regulamentação impessoal. Assim sendo, “qualquer direito pode ser criado e modificado mediante um estatuto sancionado”¹⁶⁷. Portanto, o que regula a dominação legal são normas e diretrizes impessoais, desapaixonadas, que mantêm uma estrutura de poder através de noções utilitárias e racionais.

Obedece-se à pessoa não em virtude do seu direito próprio, mas a regra estatuída, que estabelece ao mesmo tempo quem e em que medida se deve obedecer. Aquele que manda também obedece a uma regra no momento em que emite uma ordem: obedece à “lei” ou à um “regulamento” de um norma formalmente abstrata.¹⁶⁸

¹⁶⁵ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.349.

¹⁶⁶ Ibidem, p.351.

¹⁶⁷ Ibidem, p.349.

¹⁶⁸ Ibidem, p.350.

Não é o controle sobre terras e pessoas que estabelece o critério de mandonismo no *tipo legal* de dominação, é o regulamento, a *regra estatuída* que legitima a dominação.

O tipo daquele que manda é o “superior”, cujo direito de mando está legitimado pelas regras estatuídas no âmbito de competência concreta cuja legitimação e especialização se baseiam na utilidade objetiva e nas exigências profissionais estipuladas para a atividade do funcionário¹⁶⁹

Nesse tipo de ordenamento, a submissão dos dominados se dá não pela tirania ou pelo capricho. A relação de mandonismo tem um caráter bastante utilitário, isso quer dizer que a origem do controle está na especialidade daquele que tem a capacidade de controlar, na competência do cargo estipulado pelo mandante na hierarquia social, na posição que ele ocupa na ordem planejada do construto social. Do mesmo modo que o *tipo que manda* está posicionado de maneira racional na estrutura, o *tipo funcionário* também tem seu local específico.

O tipo do funcionário é aquele de formação profissional específica, cujas condições de serviço se baseiam num contrato, com um pagamento fixo, graduado conforme a hierarquia do cargo e não conforme o volume de trabalho e direito de ascensão profissional de acordo com regras fixas.¹⁷⁰

O *tipo funcionário* também está posicionado de acordo com as suas competências específicas. A promoção e as condições de serviço associadas ao seu cargo se dão independentemente da sua relação com o poder e com o próprio indivíduo que ocupa a posição *tipo que manda*. Nada além da utilidade do cargo e

¹⁶⁹ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.350.

¹⁷⁰ Ibidem, p.350.

sua descrição no *estatuto* regem a conduta do subordinado. Racionalidade e impessoalidade são as bases do sistema. A relação de poder entre superior e subordinado deve ser *sem ódio e sem zelo*:

O seu ideal é o seguinte, proceder *sine ira et studio*, ou seja, sem a menor influência possível de motivos pessoais e sem influência de sentimentos de qualquer espécie que sejam, portanto, livre de árbitro e capricho.¹⁷¹

Para resumir seu entendimento do *tipo legal de dominação*, Weber recorre aos apontamentos do antigo historiador romano Tácito (55 d.C. - 120 d.C.)¹⁷², que afirmava que a história não deveria ser escrita por homens com demasiado ódio ou zelo, correndo-se o risco de valorizar determinada personagem em detrimento de outros. No *tipo legal de dominação* deve-se proceder da mesma forma, preservar os caprichos pessoais (empatia ou desacordo pessoal) em detrimento do caráter utilitário das relações de dominação. Além disso, é importante que o indivíduo seja reconhecido na ordem social pública mais pelo seu cargo do que pelos seus interesses pessoais. Portanto, a burocracia eficiente ou a tentativa de determinar padrões impessoais e padronizados para gerir as relações entre indivíduos é apontada por Weber como o caminho para o estabelecimento desse tipo de dominação.

Sérgio Buarque ressalta que no Brasil ainda prevalece, devido às características peculiares da formação do país, uma ideia muito distinta do *tipo legal de dominação*, principalmente no que diz respeito às relações entre o cidadão e o Estado:

¹⁷¹ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.350.

¹⁷² TÁCITO, Públio Cornélio. **Anais**. Livro 1.1. Tradução, prólogo e notas de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

Não é fácil aos detentores das posições públicas de responsabilidade, formados por tal ambiente, compreender a distinção fundamental entre o domínio do privado e do público. Assim, eles se caracterizam justamente pelo que separa o funcionário “patrimonial” do puro burocrata conforme a definição de Max Weber.¹⁷³

O que Sérgio Buarque nota é o fato de que no Brasil, segundo a teoria weberiana, prevaleceu outro *tipo* específico de dominação. Pode-se afirmar que, de certa forma, ainda persiste por aqui um *tipo tradicional* de *dominação*. Segundo a tradição weberiana (corroborada por Sérgio Buarque), este não é um país totalmente moderno, pois mantém alguns *vícios* de uma forma tacanha de dominação arraigada nos *costumes* da especificidade ibérica e no ruralismo predominante da sociedade.

A dominação “tradicional” é a que existe em virtude da santidade das ordenações e dos poderes senhoriais de há muito tempo existentes. [...] O tipo daquele que manda é o “senhor”, e os que obedecem são os “súditos”.¹⁷⁴

O que marca a dominação na formação do Brasil não é tanto a santidade das ordenações, mas a capacidade do *senhor* de comandar o maior número de escravos e sua autoridade no domínio rural. Tudo isso condicionado aos caprichos e às afinidades pessoais do mandatário.

Por outro lado, fora das normas tradicionais, a vontade de senhor somente se acha fixada pelos limites que em cada caso lhe põe o sentimento de equidade, ou seja, de forma sumamente elástica. Daí a divisão do seu domínio em uma área estritamente firmada pela tradição e em outra, da graça e do arbítrio livres, onde age conforme seu prazer, sua simpatia ou sua antipatia, e de acordo com pontos de vistas puramente

¹⁷³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.143-144.

¹⁷⁴ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.351.

personais, sobretudo suscetível de se deixarem influenciar por preferências também pessoais.¹⁷⁵

Em comparação com o *tipo legal de dominação*, a relação de dominação no *tipo tradicional* seria marcada pela fidelidade ao servidor, e não a um quadro administrativo puramente utilitário e dependente de um estatuto. Nesse sentido, é possível falar em uma distinção entre o *funcionário patrimonial* e o *burocrata*, pois o primeiro está posicionado na hierarquia de acordo com a vontade do *senhor tradicional*, com o *privilégio* de possuir boas relações com ele; já o segundo está posicionado de acordo com as competências do seu cargo.

Diante do poder daquele que está no topo da hierarquia tradicional, pode-se inferir que, “Sendo o quadro administrativo inteiramente dependente dele, não há nenhuma garantia contra seu árbitro, cuja extensão possível é, em consequência disso, maior aqui do em qualquer outra parte”¹⁷⁶. A disciplina não é estrita, a última palavra está delegada ao *senhor*, ela se sobrepõe a qualquer forma de regra preestabelecida, pois, na verdade, é dele que emana a legitimidade do poder, não de outro tipo de acordo.

A articulação hierárquica é frequentemente ferida pelo privilégio [...] falta a categoria de disciplina. As relações sociais gerais são reguladas pela tradição, pelo privilégio, pelas relações de fidelidade feudais ou “patrimoniais”, pela honra estamental e pela “boa vontade”.¹⁷⁷

Assim sendo, um aspecto importante da teoria weberiana é o caráter amplamente pessoal e personalista evidenciado no *tipo tradicional* de dominação.

¹⁷⁵ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.351-352.

¹⁷⁶ Ibidem, p.352.

¹⁷⁷ Ibidem, p.353.

Nesse ponto, o intercruzamento com o *conceito* de *homem cordial* de Sérgio Buarque é crucial, pois demonstra a possibilidade das pulsões emotivas como elemento fundante, para ambas as tipologias, no sentido da aparente dicotomia entre racionalidade e irracionalidade. Para Weber, como já apontado, o que prevalece no *tipo tradicional* são as relações pessoais acima de tudo: “No âmbito dessa esfera livre a ação do senhor ou do seu quadro administrativo tem de ser comprada ou conquistada por meio de relações pessoais.”¹⁷⁸ Essa atitude personalista e tirânica, inclusive, permeia o comando da justiça. Fator de isonomia e impessoalidade, a jurisprudência do *tipo tradicional* pode muitas vezes ser submetida ao juízo do capricho do *senhor*.

O patriarca, assim como o senhor patrimonial, rege e decide segundo os princípios da “justiça do Cadi” (islâmico), ou seja, por um lado preso, estritamente à tradição, mas por outro, e na medida em que esse vínculo deixa alguma liberdade, segundo alguns pontos de vista juridicamente informais e irracionais de equidade e justiça em cada caso particular, e “com consideração da pessoa”.¹⁷⁹

Nesse ponto, Max Weber pode ser acusado de *orientalista*¹⁸⁰. A ideia de *justiça do Cadi*, entendida de forma pejorativa, pode ser interpretada como certo desconhecimento da jurisprudência islâmica. No entanto, esse termo serve como uma metáfora para a sujeição da justiça, que se pretende impessoal, aos interesses personalistas do *patriarca* e seus amigos. Retomando o que foi abordado anteriormente, na passagem da obra de Gilberto Freyre sobre o condenado que se agarra ao moirão e pede ajuda ao poderoso local, ou quando Sérgio Buarque

¹⁷⁸ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.353.

¹⁷⁹ Ibidem, p.353.

¹⁸⁰ SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p.348.

relembra como essa justiça *informal* foi aplicada brutalmente por Bernardo Vieira de Mello contra a sua nora, pode-se afirmar com relativa justeza que a *justiça do Cadi* foi amplamente difundida no Brasil (uns diriam, diante de fatos recentes, que ela ainda não foi aplastada totalmente dos *hábitos* da justiça brasileira).

Max Weber assinala que na base de toda essa estrutura do *tradicional* encontra-se a dominação *patriarcal*: “A dominação patriarcal (do pai, do chefe da parentela ou do ‘soberano’) não é senão o tipo mais puro da dominação tradicional.”¹⁸¹ Logo, não se faz distinção entre a família e o Estado, observando-se a prevalência de relações afetivas em ambientes modernamente pautados pelo regime estatutário de uma burocracia impessoal.

A fidelidade inculcada pela educação e pelo hábito nas relações da criança com o chefe da família constitui o contraste mais típico com a posição do trabalhador ligado por contrato a uma empresa. [...] E, efetivamente, a associação doméstica constituiu uma célula reprodutora das relações tradicionais de domínio.¹⁸²

Segundo Weber, as raízes do *tipo tradicional* de dominação estão na possibilidade de extensão do ciclo familiar e suas idiosincrasias em direção à estrutura do Estado, o bem público gerido como um bem particular.

No processo de *modernização* do Ocidente, o *tipo tradicional* foi substituído pelo *tipo legal*. Assim sendo, assenta-se a estrutura de modo que todos tenham assegurados direitos e deveres. “A questão fundamental é que uma dominação fundada unicamente no carisma pessoal de quem quer que seja é instável, daí a necessidade de um estatuto que defina quem manda e quem é mandado, que defina

¹⁸¹ WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.353.

¹⁸² Ibidem, p.353.

um cosmos de direitos e deveres.”¹⁸³ Nesse sentido, existe um diálogo coeso com o trabalho de Sérgio Buarque e a figura do *homem cordial*. Devidamente exposto, o *homem cordial* é aquele que ainda está vinculado com o *tipo tradicional*, notadamente com a *dominação patriarcal*. Marcado pelo excesso de emotividade (pelo coração), é incapaz de pensar de maneira abstrata, impessoal.

No mundo social, nas relações exteriores à família, circula um homem cordial: hospitaleiro ou agressivo, amigável ou hostil, generoso ou mesquinho, amigo eterno ou inimigo terrível, dependendo de pequenos detalhes da relação pessoal. [...] Seu comportamento social, objetivo, é afetivamente transbordante, subjetivo.¹⁸⁴

As relações familiares, fundadas nos laços de afetividade, se sobrepõem aos interesses estatais. O *homem cordial*, impossibilitado de pensar coletivamente, devido à sua *personalidade ibérica*, e *herdeiro* de uma sociedade rural, patriarcal e particularista, não é capaz de perceber que o objetivo do Estado está além dos interesses da família estendida e de suas vontades utilitárias.

A confusão institucional está posta, assim como o patrimonialismo e a incapacidade de perceber a totalidade dos interesses de uma nação, preservando-se apenas o que é válido para as relações afetivas. No contexto do jogo de poder, isso se exacerba, culminando no caráter predatória dos poderosos em detrimento dos não poderosos. Seguindo a sugestão das tipologias weberianas, o resultado foi (e talvez ainda seja) um Estado diagonalmente e hierarquicamente contaminado por essa conduta: “Os funcionários desse Estado exercem as suas funções pessoalmente: promovem, premeiam, bloqueiam. O recrutamento de servidores

¹⁸³ TRAGTENBERG, Mauricio. Atualidade de Max Weber. In: WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 1. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992, p.40.

¹⁸⁴ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.134.

depende da confiança pessoal ou sabe-se lá de que outro elemento afetivo.”¹⁸⁵ Os que têm a autonomia do mando exercem-no de maneira interesseira, particularista e em benefício da família estendida. Os que estão presos na condição de mandados desejam manter sua integridade (notadamente física), não têm outra escolha senão submeter-se aos caprichos interesseiros de um homem *cordial*, mas também *poderoso*.

[...] toda a nossa conduta ordinária denuncia, com frequência, um apego singular aos valores da personalidade configurada pelo recinto doméstico. Cada indivíduo, nesse caso, afirma-se ante os seus semelhantes indiferente à lei geral, onde essa lei contrarie suas afinidades emotivas, e atento apenas ao que os distingue dos demais, do resto do mundo.¹⁸⁶

Os laços emotivos e familiares são, portanto, a tábula rasa do *homem cordial*. O enlace e a confusão entre o que é típico da conduta privada familiar, emotiva e o que é característico do mundo público estatal e racional consiste num problema fundamental, segundo Sérgio Buarque, na construção e estruturação do país. Mais adiante serão analisadas as consequências e os desdobramentos dessa teoria. O fato é que fundamentalmente a *cordialidade* brasileira, de certa forma sintetizada no conceito de *homem cordial*, determinou, para Sérgio Buarque, os maiores vícios da conduta brasileira ao longo dos séculos e contribuiu para muitas mazelas sociais brasileiras enfrentadas na época da elaboração da obra de Sérgio Buarque e, quiçá, ainda hoje.

¹⁸⁵ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.133.

¹⁸⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.155.

A incapacidade de pensar e agir além do mundo do interesse da família estendida faz com que a conduta do *homem cordial* não atenda às necessidades coletivas de uma sociedade plural com amplas demandas, muitas vezes contraditórias.

O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades.¹⁸⁷

Nesse sentido, é possível sugerir que as formas institucionais no Brasil foram em grande parte submetidas aos vícios trazidos por esse *homem cordial*. Se isso ainda é regra ou exceção, o debate está aberto e adiante será analisado. O fato é que, recordando as tipologias weberianas, estabeleceu-se no Brasil uma sociedade sem uma forma *estatutária* de gerir as instituições. Assim sendo, as relações institucionais estão marcadas pelas afinidades particulares daqueles que controlam o poder, que possuem o mandonismo.

Roberto Schwartz lembra que a situação peculiar da formação do Brasil nega toda a estrutura de *modernização ocidental* (tal como havia sido ressaltado por Weber). Nesse ponto, Schwartz lembra que, “Ao longo de sua reprodução social, incansavelmente o Brasil põe e repõe ideias europeias, sempre em sentido impróprio”¹⁸⁸. Logo, é possível falar de um entendimento de *ideias fora do lugar*. No discurso o país se esforça para ser *moderno*, mas na prática ainda mantém características identificadas como *tradicionais*. O país possui instituições moldadas

¹⁸⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.82.

¹⁸⁸ SCHWARTZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p.62.

como as europeias, mas elas estão hierarquizadas e orquestradas de maneira distinta, *original*: “Assim, como método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc.”¹⁸⁹

Analisado esse aspecto fundamental da formação do Brasil, Schwartz aponta que no país prevalece o que ele chama de mediação quase universal do *favor*: “Nem proprietários nem proletários, [...] [o] acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do *favor*, indireto ou direto, de um grande.”¹⁹⁰ Pode-se sugerir que é pela via do *favor* que o *homem cordial* age. O *favor* depende da empatia, da preferência e se efetiva no capricho e na vontade do coração do grande, do mandatário ou do patriarca. Ele é o fomentador das desigualdades e da incapacidade de se estabelecer qualquer critério isonômico nas relações entre comandante e comandado. O *favor*, como efetivação da ação do *homem cordial*, penetra todas as instituições nacionais e transpõe para o mundo público os vícios do mundo da família:

Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência, ressaltava sempre a relação produtiva da base, esta assegurada pela força. Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte etc.¹⁹¹

Como romper essa confusão? Como colocar as ideias de volta no lugar? Deve-se compreender que é preciso acabar com a prevalência da subjetividade perante a objetividade. O Estado e seu caráter impessoal e, portanto, mais

¹⁸⁹ SCHWARTZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014, p.53.

¹⁹⁰ Ibidem, p.51

¹⁹¹ Ibidem, p.51.

democrático deve se sobrepor ao *homem cordial* e seus caprichos emotivos. O *homem cordial* é acima de tudo antidemocrático, pois não compreende que o Estado não é a extensão da família: “Estado não é uma ampliação do círculo familiar e, ainda menos, uma integração de certos agrupamentos, de certas vontades particularistas, de que a família é o melhor exemplo.”¹⁹²

Faz-se necessário refletir corretamente acerca dessa transformação, ou melhor, deve-se buscar efetivar as transformações que poderiam quebrar os vícios estabelecidos do *homem cordial* e lançar as bases para um processo realmente democrático na estrutura social brasileira. Essa mudança estaria relacionada ao processo de urbanização do Brasil. Isso por si só seria uma mudança social forte, quase uma revolução. O sentido dessa revolução: o fim da herança ibérica e dos vícios do ruralismo.¹⁹³ Sérgio Buarque nota que o caminho dessa revolução é tortuoso e demorado: “A grande revolução brasileira não é um fato que se registrasse em um instante preciso; é antes um processo demorado e que vem durando pelo menos há três quartos de séculos.”¹⁹⁴

Nesse sentido, é possível apontar que a urbanização e suas consequências sociais estão, de alguma forma, minando os arroubos caprichosos do *homem cordial*:

Essa transição leva o homem cordial a uma crise – e ele teme e evade-se. A nossa revolução liquida o passado, adota o ritmo urbano e propicia a emergência de camadas oprimidas da população, únicas capazes de revitalizar a sociedade e dar-lhe um novo sentido político. Ela significará a ruptura com as oligarquias rurais e o advento de novos sujeitos urbanos. Esse processo revolucionário é lento e longo começou há muito e está longe de terminar. Suas principais datas: 1808, 1822, 1850, 1870, 1888, 1889, 1930... A continuidade dos padrões

¹⁹² HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.141.

¹⁹³ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.136.

¹⁹⁴ HOLANDA, op. cit., p.171.

coloniais viu-se ameaçada pela primeira vez quando a vinda da família real. Alguns centros urbanos cresceram. Mas sem ameaçar ainda o poder dos senhores rurais. Neles abriu-se um novo horizonte para o Brasil.¹⁹⁵

O que fica claro é que em alguns momentos as raízes do *homem cordial* foram abaladas. A introdução gradual de novos elementos sociais na estrutura hierárquica na formação do país acabou por retirar poder das oligarquias. Começando pela vinda da família real portuguesa para o Rio de Janeiro; a independência política do país; o fim do tráfico escravagista (pelo menos oficialmente); o fim da Guerra do Paraguai; o fim da escravidão; o estabelecimento da república; a amplamente debatida *Revolução de 1930*; enfim, momentos que marcaram a inserção de novas forças sociais no quadro de poder do Brasil.

Nesse sentido, o processo de democratização do Brasil vai de encontro ao *homem cordial*, a uma atitude, um hábito, uma forma de caráter que faz com que o Estado brasileiro seja tratado como a família estendida dos poderosos, quase um *clube de amigos*:

Na tão malsinada primazia das conveniências particulares sobre os interesses de ordem coletiva revela-se nitidamente o domínio do elemento emotivo sobre o racional. Por mais que se julgue achar o contrário, a verdadeira solidariedade só se pode sustentar realmente nos círculos restritos e a nossa predileção, confessada ou não, pelas pessoas e interesses concretos não encontra alimento muito substancial nos ideais teóricos ou mesmo nos interesses econômicos em que se há de apoiar um grande partido.¹⁹⁶

¹⁹⁵ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.136.

¹⁹⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.182-183.

Viu-se a chegada de formas sociais *estranhas*, no sentido amplo da palavra, desconhecidas para esse *homem cordial*, aquele que entende o poder como seu capricho. Os *estranhos* são aqueles fora da família: o habitante da cidade, o burocrata, o estrangeiro, o ex-escravo, o retirante, o morador da periferia. No entanto, “Os portadores do passado ibérico certamente reagirão a esta revolução vertical que os expurga. Ela é necessária, no entanto, pois com a cordialidade não se funda um mundo democrático”¹⁹⁷. Cada vez que o *estranho* adentra o mundo da família estendida do Estado brasileiro, as contradições afloram e há um processo de readaptação. Quando a família estendida do *homem cordial* se tornará um Estado democrático? Quando for capaz de incorporar as diversas formas de sociabilidade do Brasil.

[...] não haveria revolução social plena no Brasil enquanto não se liquidassem os fundamentos personalistas e aristocráticos, ibéricos e rurais, em que se assenta nossa vida social. O processo revolucionário consiste na lenta dissolução das sobrevivências arcaicas da velha ordem colonial e patriarcal. O Brasil vive entre dois mundos: um que ainda não morreu e outro que luta para vir à luz.¹⁹⁸

Disfarçada de uma aparente docilidade, a *cordialidade* brasileira é perversa. Ela impede que interesses pessoais sejam contornados e, portanto, obstrui a criação de uma democracia verdadeira. O poder público ou coletivo é sempre particularizado. Sendo assim, não há possibilidade de existir um poder arbitrário que coíba esses impulsos de interesses individuais sobre interesses individuais. Como afirmou Thomas Hobbes (1588-1679), “[...] se dois homens desejam a mesma coisa, ao mesmo tempo que é impossível ela ser gozada por ambos, eles tornam-se

¹⁹⁷ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.137.

¹⁹⁸ Ibidem, p.137.

inimigos. E no caminho para seu fim [...] esforçam-se por se destruir ou subjugar um ao outro”¹⁹⁹. No final, aquele que tiver mais força vencerá a disputa e subjugará o outro. Nesse sentido, o foco de Sérgio Buarque no processo de delimitar o caráter do *homem cordial* é demonstrar que o caminho para a transformação social no Brasil não seria uma grande revolução retentora, mas o esforço coletivo para se estabelecer o predomínio de uma verdadeira democracia.

Apesar de tudo, a obra de Sérgio Buarque é otimista, acredita que o país pode buscar uma transformação: “A liberação da dominação tradicional, a reaproximação do Estado da sociedade, a criação de novas formas de convívio, com novos valores, que é possível, realizável e não uma utopia inalcançável, abrem os horizontes do Brasil à democracia”²⁰⁰, a uma estrutura política que seja capaz de transcender e coibir os caprichos de alguns em benefício da totalidade de uma sociedade plural e socialmente diversa (e desigual). Sérgio Buarque, de maneira bastante perspicaz, aponta que a maior virtude entre os brasileiros, a sua cordialidade, é na verdade o seu maior vício, a mazela que impede que o país se torne mais igualitário e democrático.

¹⁹⁹ HOBBS, Thomas. **Leviatã ou a Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p.75.

²⁰⁰ REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999, p.141.

CAPÍTULO III – OS RAMOS DO *HOMEM CORDIAL*: O CONCEITO EM PERSPECTIVA

A obra *Raízes do Brasil*²⁰¹ insere-se numa longa tradição de estudos que procuraram conceituar as características do Brasil como uma totalidade. A busca por um *caráter nacional* tem origem no Romantismo alemão, no movimento *Sturm und Drang*²⁰². O impacto da percepção das peculiaridades *nacionais* se fez sentir sobre os alemães, que “[...] renovaram o gosto literário, através de uma volta às fontes populares da poesia e da acentuação do *característico e particular*, impuseram a importância do estudo evolutivo das línguas; à unidade clássica do homem, opuseram a sua diversidade”²⁰³. Nesse sentido, abalou-se o sentido clássico da concepção de humanidade, que até o período da Ilustração era entendida de maneira global e, no século XIX, passou a envolver o entendimento acerca do desenvolvimento heterogêneo das nações.²⁰⁴

Assim sendo, estabelece-se uma distinção entre o *universal*, valorizado pelo classicismo (a tradição estética greco-romana), e o *local* e *nacional*, identificado pelo romantismo. Em meio a esse conflito europeu, os países americanos conquistaram sua independência política. De maneira original, os novos países acabariam por integrar-se ao debate:

Se acompanhamos os escritores brasileiros do século XIX - sobretudo os políticos, os cronistas e os críticos - veremos como aos poucos se construíram os símbolos ou mitos que justificam e explicam a nacionalidade; como Tiradentes aos poucos emergiu para a história e as comemorações patrióticas, como o 7 de setembro acabou por constituir-se em data

²⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

²⁰² Traduzindo, “Tempestade e ímpeto”.

²⁰³ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.21.

²⁰⁴ *Ibidem*, p.22.

nacional, como os brasileiros chegaram a formar uma imagem nacionalista do Brasil.²⁰⁵

Desse modo, o embate travado entre as culturas europeias também foi replicado nos novos países americanos. No entanto, a fundamental diferença era que, enquanto o conflito europeu se dava entre a estética *clássica* e a *nacional*, na América, incluindo o Brasil, se dava (e ainda se dá) entre os modelos *européus* e os *nacionais*.²⁰⁶ Mas, obviamente, as contradições sempre podiam ser apontadas:

Os imitadores dos antigos, nem sempre conseguem esconder as suas peculiaridades; os mais nacionalistas às vezes encontram ecos naqueles que, supostamente, não deveriam entendê-los. Herder foi um dos pais do nacionalismo eslavo; Nietzsche, por mais que bradasse contra a Alemanha, foi frequentemente erguido às alturas de herói nacional alemão. Goethe, espírito universal, para quem “pátria é onde me sinto feliz”, é às vezes considerado tipicamente alemão.²⁰⁷

De qualquer maneira, o fato é que, a partir do aparente conflito gerado pelo *Sturm und Drang*, certo *caráter nacional* começou a brotar dentro da longa tradição da história das ideias. Assim sendo, o exercício de buscar a trajetória das nações ganha força e torna-se uma temática relevante.

No Brasil não foi diferente. No país prevaleceu o entendimento de que havia algo diferente, algo que mantinha as peculiaridades nacionais. Por mais que os modelos fossem europeus, as temáticas eram distintas. O clima tropical, a vegetação exuberante, o passado escravista e a diversidade racial, tudo contribuiu para exaltar a diferença entre Europa e Brasil. Assim, muitos autores partiram para a divagação e análise dessas diferenças.

²⁰⁵ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.24-25.

²⁰⁶ Ibidem, p.25.

²⁰⁷ Ibidem, p.25.

Ao analisar esse processo, Dante Moreira Leite (1927-1976) sistematiza diversos momentos em foi possível essa análise diferenciada entre Europa e Brasil. Segundo a divisão de Moreira Leite, a produção intelectual brasileira poderia ser classificada da seguinte maneira: a primeira fase, a colonial, entre os anos de 1500 e 1822, com uma perspectiva nativista, mas ainda sobre a tutela europeia (portuguesa); o período romântico, independente, entre os anos de 1822 e 1880, que surge sob influência direta do *Sturm und Drang*; o chamado período da chegada das Ciências Sociais, de 1880 até 1950; e o período contemporâneo à obra de Moreira Leite (anos 1950 e 1960), em que ele identifica a superação da ideologia do caráter nacional brasileiro.²⁰⁸ O que interessa desse escopo de Moreira Leite é a caracterização do terceiro momento, período em que as teorias e análises acerca do Brasil foram fortemente influenciadas pelas Ciências Sociais. Foi nesse contexto que Sérgio Buarque de Holanda elaborou *Raízes do Brasil*.

Moreira Leite identifica que, durante a segunda metade do século XIX, notadamente a partir de 1870, houve uma mudança significativa na forma de analisar as peculiaridades brasileiras. O período anterior, marcado pela influência direta do *Sturm und Drang*, caracterizou-se pela predominância de temas do Romantismo e do antirracionálisto. A partir das novas teorias científicas, principalmente relacionadas às ciências naturais, novos paradigmas despontaram no horizonte:

[...] não há mal em dizer, que a partir de 1870, aproximadamente, já se notaram os sintomas de transformação da vida brasileira, através de uma perspectiva que considerasse aspectos até então ignorados. Essa mudança apresentou aspectos muito variados e, de modo geral, quase sempre de oposição aos escritores anteriores. Assim foi na

²⁰⁸ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.152.

poesia- que abandona o lirismo pela exaltação carnal ou física, que abandona a unidade nacionalista dos românticos pela discussão de temas sociais e que, logo depois, tenderá a perfeição e à frieza efetiva [...] assim foi na crítica- em que a análise procura ser mais objetiva e, nos casos extremos proclama-se científica.²⁰⁹

Nesse contexto, através da introdução das perspectivas das ciências naturais, um novo caminho se abre para a análise intelectual acerca do Brasil. Surge a impressão de que é possível atrelar conceitos elaborados pelas ciências da natureza às relações humanas. O que ocorre é a gradual introdução das categorias vinculadas à natureza no que foi chamado de Ciências Sociais, utilizadas para responder questões acerca da formação social e cultural da nacionalidade.

Nesse panorama, o evolucionismo de Darwin tem um lugar muito saliente, sobretudo porque permite colocar o homem, definitivamente, no campo das Ciências Naturais. Se resultava de uma evolução, de que participava juntamente com outros animais, o homem pouco distinguia-se destes, e os processos utilizados para o estudo biológico serviriam também para o estudo psicológico e sociológico. Daí uma vasta literatura, não de ciências propriamente, mas de divulgação ou de especulação científica cujo principal objetivo, era uma explicação *elementarista* do homem e da sociedade.²¹⁰

Assim sendo, estabelece-se um novo paradigma de análise, uma tentativa de observar as questões de nacionalidade de uma maneira distinta do que queria a estética romântica. Levando-se em consideração a tipologia de Moreira Leite, foi nesse contexto que surgiram diversas obras com certo viés científico buscando abordar a formação do Brasil e suas peculiaridades. Uma delas é *Raízes do Brasil*. Através de aproximações com algumas análises produzidas no mesmo período, é possível notar a grande originalidade dessa obra de Sérgio Buarque e suas

²⁰⁹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.192.

²¹⁰ Ibidem, p.193.

propostas inovadoras. *Raízes do Brasil* é certamente uma análise perspicaz que em muitos momentos estende-se além dos paradigmas e categorias do escopo dominante dos vícios das Ciências Sociais, assinalando o seu caráter como obra marcadamente renovadora.

Comparando o trabalho de Sérgio Buarque com os estudos dos seus contemporâneos, o já saudoso intelectual Antonio Candido (1918-2017) afirmou:

Lendo os ensaístas, observa-se que a descendência dos escravos de Joaquim Nabuco do “sertanejo forte” de Euclides da Cunha, da “plebe rural” de Oliveira Viana, dos mestiços valorizados de Gilberto Freyre, do proletário-de-manifesto dos intelectuais de esquerda acabava sem função definida no processo histórico presente. Não lembro de outro, além de Sérgio, que nos anos 30 haja superado aquelas categorias fechadas e atribuído ao povo, concretamente assumido na sua realidade, o papel de substituir as lideranças da sociedade.²¹¹

Para Antonio Candido, na obra de Sérgio Buarque, além das análises feitas no mesmo período ou anteriormente, existe uma genuína tendência de abarcar uma realidade vivida, e não meramente abstrata. Além disso, *Raízes do Brasil* se apresenta como um texto menos elitista que as demais obras contemporâneas. Em última instância, é possível sugerir que a obra de Sérgio Buarque tem um caráter mais democrático que muitas outras obras que se dedicaram à análise da formação do Brasil.

A abordagem metodológica posterior tem como objetivo clarificar esses aspectos indicados por Antonio Candido acerca de *Raízes do Brasil*. Para tanto, o foco deve incidir sobre as características do *homem cordial*, que, como já sugerido, engendra muito da problemática central da análise de Sérgio Buarque sobre a

²¹¹ CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.127.

formação do Brasil. Ele deve ser o ponto central daquilo que será apontado a seguir. A questão que se coloca neste momento é observar essa obra em perspectiva. Uma perspectiva que, relacionada com a cronologia de Moreira Leite, permeia a segunda metade do século XIX e alcança a segunda metade do século XX.

Assim sendo, algumas obras serão examinadas para que se possa abordar *Raízes do Brasil* e o *homem cordial* à luz daquilo que foi escrito por autores contemporâneos de Sérgio Buarque. Três são as obras escolhidas para o estudo, cada uma abordando, de um lado, os aspectos da figura do *homem cordial* e, de outro, a análise geral de *Raízes do Brasil*. A primeira, *Os Primeiros Troncos Paulistas*, de Alfredo Ellis Jr. (1896-1974), de 1936²¹², coloca em pauta a *personalidade ibérica* do *homem cordial* através de aproximações e distanciamentos em relação às análises da *formação eugênica* dos paulistas. A segunda obra examinada trata-se de *Populações Meridionais do Brasil*, de Oliveira Viana (1883-1951), de 1920, que aponta as dinâmicas entre a *herança rural* da formação do Brasil e os virtuosos *nobres da terra*. E a terceira consiste em *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre (1900-1987), de 1933, que observa a relação entre o próprio *homem cordial* e a doce *democracia racial* existente no Brasil na otimista análise do autor.

Assim sendo, o trabalho de Sérgio Buarque será abordado juntamente com essas obras para que seja possível apontar algumas características que tornam *Raízes do Brasil*, notadamente a figura do *homem cordial*, em muitos aspectos mais original e menos elitista no entendimento do que seria a *formação* do Brasil:

²¹² A primeira edição dessa obra é de 1926 e chama-se *Raça de Gigantes*.

Num momento em que os intérpretes de nosso passado ainda se preocupavam sobretudo com os aspectos de natureza biológica, manifestando, [...] a fascinação pela “raça”, herdada dos evolucionistas, Sérgio Buarque puxou a sua análise para o lado da psicologia e da história social, com um senso agudo das estruturas. Num tempo ainda de indisfarçável saudosismo patriarcalista, sugeria que, do ponto de vista metodológico, o conhecimento do passado deve estar vinculado aos problemas do presente. E, do ponto de vista político, que, sendo o nosso passado um obstáculo, a liquidação das “raízes” era um imperativo do desenvolvimento histórico.²¹³

Nessa perspectiva saudosista se insere a obra de Alfredo Ellis Jr., pesquisador da história de São Paulo. Muitas das categorias saturadas que formavam o jargão das Ciências Sociais do início do século XX estão presentes em sua obra, como também uma grande valorização de uma Era de Ouro passada. O autor assume uma abordagem regionalista, fazendo distinção entre a *formação paulista* e a *brasileira*:

Sei que, lá fora, irei ser acoimado de regionalista e de construtor do edifício de um imperialismo intramuros, perigoso para a solidez da nacionalidade brasileira, ou de sonhador de um panpaulistanismo, que vem mesmo a talhe de foice, no momento em que nosso idolatrado São Paulo sangra com as artérias abertas por golpes rijamente vibrados contra ele pelo brasileiros.²¹⁴

A abertura queixosa da obra se refere às consequências das revoltas de 1930 e, posteriormente, de 1932, quando o Estado de São Paulo perdeu muito de sua influência nacional.²¹⁵ Não era a primeira vez que um paulista se queixava do resto do país. O fato é que, a partir da Primeira República (1889-1930), e culminando com a revolta de 1932, tomou vulto em São Paulo uma produção

²¹³ CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002, p.20.

²¹⁴ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.12.

²¹⁵ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.256.

intelectual que visava diferenciar o Estado mais articulado do país e os outros.²¹⁶ Assim, começava a se delinear uma distinção entre o que seria o paulista e o que seria o brasileiro.

Ellis Jr. é um dos pioneiros desse processo. A saída encontrada por ele para marcar a peculiaridade paulista foi essencialmente a eugenia: a crença, já abandonada, de que existiriam diversas raças humanas e seria possível um *melhoramento racial*. Ellis Jr., em conformidade com muitos de seus contemporâneos, acreditava no método científico eugênico. Segundo ele,

[...] as raças antropológicas se foram constituído e fixando atributos de cada uma. Umas e outras adquiriram, por circunstâncias que não importa investigar aqui, um determinado formato de crânio, de face, de nariz, de órbitas, uma certa cor de pele, de olhos, uma determinada estatura, uma determinada proporção anatômica entre as partes do corpo, etc. coisa que era fixada pela hereditariedade, e sobretudo de acordo com o meio geográfico.²¹⁷

Para Ellis Jr., esse processo de formação das *raças* é ponto central para identificar as características dos paulistas e sua adaptação ao meio em que se estabeleceram. O autor ressalta a composição *racial* distinta dos paulistas em relação ao resto do Brasil (notadamente o Nordeste):

Os cruzamentos euro-americanos foram em São Paulo em número muitíssimo mais avantajado do ordinariamente se supõe. A influência do elemento ameríndio, na constituição das nossas populações, foi muitíssimo mais vultuosa do que vulgarmente se tem julgado. O número das gentes das selvas americanas que se incorporou à massa do paulista foi muito maior do que tem sido de uso pensar.²¹⁸

²¹⁶ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.255.

²¹⁷ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.39.

²¹⁸ *Ibidem*, p.13.

Tamanha incorporação do indígena na composição paulista teria sua origem na atividade dos bandeirantes, mais especificamente no sequestro de nativos no sertão para o trabalho forçado no planalto paulista. “Milhares e milhares de indivíduos de brônzea raça, trazidos com ânsia dos sertões bravios, aqui tapetaram o nosso incipiente povoado de espessa camada étnica.”²¹⁹ Comparando com o que ocorreu em outras antigas áreas de colonização do Brasil, Ellis Jr. é categórico: “Naturalmente, nesse Nordeste, abrasado e ressequido, o europeu não soube penetrar em tão magnas proporções, quando para cá. Lá não houve cruzamento. O índio é puro, mas é semi-civilizado e fala português.”²²⁰

Isso é de fundamental importância para Ellis Jr., pois seu escopo reside na afirmação de uma *raça* paulista, distinta do resto do país. Uma *raça* virtuosa que, por meio de seleção do meio, pôde estabelecer uma cultura própria, mais laboriosa e obstinada que os demais *brasileiros*. Segundo Ellis Jr., a chave eugênica do paulista estaria na *sub-raça* mameluca, como consequência da miscigenação entre os portugueses e os indígenas originais do planalto ou sequestrados no interior:

Trata-se aqui de um cruzamento *homogênico*, *eugenésico*, formador de uma sub-raça, a paulista, a qual só agora está ameaçada de ser modificada por novo cruzamento com o braquicéfalo italiano e outros, da grande corrente migratória que nos tem procurado.²²¹

Na linguagem eugênica, isso significa dizer que a *sub-raça* paulista, herdeira dos mamelucos, é uma comunidade *racial* fechada em si própria, contendo, segundo o autor, uma mesma proporção de sangue ameríndio e sangue branco (*homogênica*), que teria proporcionado um *melhoramento racial* (*eugenésico*). Esse perfeito

²¹⁹ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

²²⁰ Ibidem, p.15.

²²¹ Ibidem, p.47-48.

equilíbrio eugênico estava ameaçado, segundo Ellis Jr., pela chegada de novos elementos *raciais*.

Para exemplificar o caráter eugênico da formação da *sub-raça* paulista, Ellis Jr. recorre à genealogia das primeiras famílias mestiças, procurando demonstrar a fertilidade e longevidade desses indivíduos. O autor cita como exemplo os descendentes do cacique Tibiriçá (1470-1562), famoso líder indígena que cooperou com o estabelecimento dos portugueses na colonização do Estado de São Paulo. Muitos dos filhos e filhas de Tibiriçá casaram-se com colonos europeus. Segundo Ellis Jr., o casamento de uma das filhas de Tibiriçá com um português resultou em nove filhos; o casamento de outra filha, também com um europeu, resultou em treze filhos; uma descendente de Tibiriçá, Bernarda Luís, já no século XVII, casou-se com um espanhol e teve nove filhos; e um destes casou-se com uma mameluca paulista e gerou uma prole de treze indivíduos.²²² Segundo Ellis Jr., a larga descendência desses casamentos prova a fertilidade dos primeiros troncos familiares.

Outro aspecto relevante para Ellis Jr. é a longevidade dos primeiros paulistas. O autor menciona a idade de falecimento de algumas figuras coloniais para provar seu ponto de vista. Assim, lembra que Baltasar Fernandes, fundador de Sorocaba, com um quarto de sangue indígena, morreu com mais de 85 anos; Isabel da Costa, trineta de Tibiriçá, faleceu com 90 anos, enquanto sua irmã viveu até os 80; Fernão Ortiz de Camargo, outro descendente de Tibiriçá, morreu com mais de 75 anos; e recorda que o famoso sertanista Anhanguera tinha mais de 50 anos quando fez sua famosa expedição para Goiás (1682) e mais de 65 quando se casou pela segunda vez.²²³

²²² ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.49-50.

²²³ Ibidem, p.52-53.

Diante desses dois aspectos – longevidade e fertilidade –, Ellis Jr. conclui que a *sub-raça* paulista passou por um processo eugênico: “Seja, porém, como for, a verdade inconcussa é que os mamelucos paulistas constituíram uma sub-raça fixa, eugênica, com os seus atributos inigualáveis de grande fecundidade, magnífica longevidade e espantosa varonilidade.”²²⁴ Assim sendo, do ponto de vista *racial*, os paulistas, segundo Ellis Jr., já teriam a peculiaridade de possuir atributos eugênicos, ou seja, sua composição *racial* seria melhor do que a de outros *brasileiros*. Comentando acerca do Nordeste, Ellis Jr. afirma:

[...] nos Estados do Nordeste, temos o cruzamento entre negro e branco, produzindo o mulato, nos Estados da Bahia, Minas, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Este cruzamento entre branco e negro parece ser do tipo *homogênico disgenético*, isto é fecundo os primeiros cruzamentos entre o branco e o negro, produzindo o mulato, que, por sua vez cruzado com o branco, é fecundo até uma determinada geração, quando se esteriliza, coisa que está acontecendo com a gradual eliminação seletiva do mulato, que vai desaparecendo da nossa população.²²⁵

Diante das afirmações de Ellis Jr., pode-se avaliar que grande parte de seu trabalho tem caráter extremamente racista, pois não só acredita na existência de raças humanas como crê na possibilidade do *melhoramento racial* e, portanto, na *superioridade racial*, distinguindo os grupos humanos em mais bem selecionados ou não. Assim sendo, as percepções de Antonio Candido acerca do trabalho de Sérgio Buarque se tornam mais relevantes, propondo que *Raízes do Brasil* abarcaria um tipo de análise mais complexa, menos simplista e preconceituosa.

²²⁴ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.53.

²²⁵ Ibidem, p.47.

Porém, existem mais questões a serem examinadas no texto de Ellis Jr. Para além dos aspectos eugênicos, o autor destaca o próprio ambiente em que seria estabelecida a futura *civilização paulista*:

Aí os homens teriam de enfrentar as seleções naturais, que se exerciam mais intensamente do que qualquer outra, e ao primeiro passo dado por esses europeus, nas praias vicentinas, já deveriam ter sentido o tórrido efeito do bafo cadente desse clima de fogo do nosso litoral a deprimir-lhes as forças e a diminuir-lhes as energias.²²⁶

Essas articulações entre a formação racial e as especificidades do meio de estabelecimento desses colonizadores criariam, segundo Ellis Jr, “[...] um bloco granítico ligado pelo sangue, por uma mentalidade comum”²²⁷, elaborando uma espécie de *Psicologia do paulista*.²²⁸ Nesse sentido, essa *mentalidade* específica, distinta da mentalidade dos demais brasileiros, poderia ser entendida como um contraponto da *personalidade ibérica* definida por Sérgio Buarque. Enquanto a *personalidade ibérica* seria uma das vertentes do *homem cordial*, já identificado como uma conduta permeada de vícios, a *psicologia paulista* seria um tipo de síntese da conduta dos habitantes dos campos de Piratininga valorada pelas virtudes dessa *raça* especial. Para Ellis Jr., a virtude *racial* se confunde com a virtude moral. Desse modo, é preciso observar a *psicologia paulista* em perspectiva e, de certa forma, aproximá-la ou distanciá-la da *personalidade ibérica*.

A sofrida gente paulista, segundo Ellis Jr., é resultado de um grupo modesto de intrépidos portugueses que conheciam muito bem a fatalidade de seu destino, “cada um sabia que, uma vez com sua família estabelecido arriba da serra, nunca

²²⁶ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.83.

²²⁷ Ibidem, p.8.

²²⁸ Ibidem, p.124.

mais veriam o Reino”²²⁹. De origem humilde e isolados no interior de um continente perigoso, os primeiros paulistas tiveram de estabelecer eles próprios a condução de seu governo:

A sociedade por eles constituída necessitava, porém de uma orientação governativa, que deveria ser própria em razão da insignificância da colônia e do muito afastamento em que se achava dos centros de civilização e da governança. Então os poderes criados para preencher essa função necessariamente tinham de ser formados por gente escolhida, por qualquer forma, dentre os moradores.²³⁰

Essas características peculiares do planalto de Piratininga fizeram brotar entre os paulistas verdadeiro sentimento patriótico e de particularismo.

Esses fenômenos foram gerando um estado de alma que não podia evoluir paralelamente ao existente em Portugal, fazendo com que um ideal diferente iluminasse o ambiente do planalto, onde teria forçosamente que nascer mais rapidamente do que nas outras regiões da colônia a ideia de pátria, se os acontecimentos de várias naturezas não viessem perturbar essa evolução.²³¹

Um sentimento exclusivista que tinha em sua própria base um tipo especial de governo. Segundo Ellis Jr., um governo democrático: “[...] está claro que esta sociedade do planalto, dirigido por gente escolhida, vitalícia ou periodicamente da massa de povoadores, tinha de ser calcada em bases mais democráticas.”²³² Essa democracia paulista calou fundo na sua *psicologia* e diferenciou os habitantes do planalto dos demais *brasileiros*:

²²⁹ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.137.

²³⁰ Ibidem, p.144.

²³¹ Ibidem, p.133.

²³² Ibidem, p.144.

Esse regime, pois, era de verdadeiro *self government*, saturado da democracia, na mais ampla acepção da palavra. Isso é o que ressalta clara e positivamente da leitura da documentação de publicação oficial. A governança assim constituída era muito raramente perturbada pela intervenção da metrópole, ou pelos poderes mais centralizados da colônia.²³³

Segundo Ellis Jr., o governo próprio dos habitantes do planalto fez com que os primeiros paulistas, para além de sua formação eugênica privilegiada, pudessem desenvolver uma comunidade especial, ciosa de suas liberdades e de seu espírito de cooperação:

Ora, isso resultaria para o planalto de um governo próprio, com muita independência da ação exercida por elementos democraticamente tirados do próprio povo. Muito raras vezes aí se inculciam os poderes centrais, de modo que esse governo autônomo paulista criou uma mentalidade popular altiva, independente, liberal, que dirigia-se aos governantes da terra de igual para igual.²³⁴

Assim sendo, verifica-se que a *psicologia paulista* se distancia em muitos aspectos do que seria a *personalidade ibérica* e seu individualismo extremado: “Em terra onde todos são barões não é possível um acordo coletivo durável.”²³⁵ Segundo Sérgio Buarque, essa *personalidade* específica foi transportada na sua totalidade para os trópicos e, portanto, produziu na *formação* do Brasil a quase incapacidade de assumir uma conduta colaborativa.

Tanto a competição como a cooperação são comportamentos orientados, embora de modo diverso, para um objetivo material comum: é, em primeiro lugar, sua relação com esse objetivo o que mantém os indivíduos respectivamente separados ou unidos [...] Em sociedades de origens tão nitidamente

²³³ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

²³⁴ Ibidem, p.148.

²³⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.32.

personalistas como a nossa, é compreensível que os simples vínculos de pessoa a pessoa, independentes e até exclusivos de qualquer tendência para a cooperação autêntica entre os indivíduos, tenham sido quase sempre os mais decisivos.²³⁶

Comparativamente, à primeira vista, a *personalidade ibérica* e a *psicologia paulista* parecem irreconciliáveis. Enquanto a primeira é a encarnação do individualismo lusitano, a segunda seria caráter avançado da nova sociedade estabelecida nos planaltos do Novo Mundo. A *personalidade ibérica* seria o vício herdado mais danoso para o estabelecimento de uma verdadeira *sociedade* colonial. A *psicologia paulista*, ao contrário, é a prova de que um povo, submetido aos mais rigorosos perigos de um ambiente hostil ao seu estabelecimento, pode se reinventar e criar uma *comunidade* digna do nome.

No entanto, cabe lembrar os apontamentos de Antonio Candido sobre a originalidade de Sérgio Buarque em relação aos seus contemporâneos. Nesse sentido, é importante analisar com perspicácia o que seria essa *psicologia paulista* e o seu caráter *democrático*.

Diante do que já foi apontado por Ellis Jr., pode-se sugerir que no planalto paulista se produziram algumas especificidades: “Ora, dotado desse espírito comunitário reconhecido o paulista não se adaptaria aos latifúndios isolados das grandes propriedades, cuja imensidão territorial as distancia muito da comunidade.”²³⁷ Segundo o autor, o regime de ocupação das terras do planalto paulista foi diferente em relação aos demais locais da colônia. No entanto, algumas formas de sociabilidade e de estrutura social não foram tão distintas. O próprio Ellis Jr. lembra a natureza básica do trabalho na *civilização paulista*:

²³⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.61.

²³⁷ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.178.

Os filhos dessa gente rude, pobre, curtida pelos sofrimentos e misérias, com o desenvolvimento da sua cultura agrícola ao redor das vilas paulistas, por esse motivo forçados, tiveram que lançar os olhos para o sertão, ávidos não de descobrimentos, mas do braço abundante que alimentasse a lavoura.²³⁸

Os paulistas e sua *psicologia* democrática não foram capazes de se ajudarem mutuamente nos esforços da lavoura, saíram pelo sertão em busca de braços escravos que pudessem suprir a falta de ânimo para o trabalho coletivo: “Daí o nascimento do bandeirismo de preia, ou a criação da indústria dos apresamentos e descimentos.”²³⁹ Nem tanto apresamento, melhor sequestro. O resultado, talvez, não foi uma sociedade de latifundiários, proprietários de grandes extensões de terra, mas uma sociedade de pequenos patriarcas escravocratas.

Descrevendo as *casas-grandes paulistas*, os domínios da orgulhosa *raça de gigantes*, Ellis Jr. aponta que:

Naturalmente muito vasto, era assobradado como rezam os documentos para poder abrigar o número elevado de pessoas, que formavam a família, quase sempre constituída pelo casal de velhos, 10 ou 12 filhos, do primeiro matrimônio (os muitos casamentos contraídos por uma só pessoa em São Paulo eram extremamente abundantes), outros tantos do segundo matrimônio, além de copioso acervo de índios e índias de serviços, estas quase sempre carregadas de filhos bastardos do dono da casa ou de outrem. Assim sendo, a habitação paulista precisava ter um grande número de quartos, alcovas, etc. que dessem teto a toda essa imensa “gens”.²⁴⁰

Novamente se encontra a figura do velho senhor de gentes e terras. O pai de família, dono de diversos escravos, a cabeça de todo um *clã*²⁴¹. Mandatário austero e caprichoso, não muito distinto de outros espalhados pelo Brasil. O *self-*

²³⁸ ELLIS JR., Alfredo. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976, p.135-136.

²³⁹ Ibidem, p.135.

²⁴⁰ Ibidem, p.179.

²⁴¹ Ibidem, p.178.

government da psicologia paulista parece ser a autonomia de alguns sobre uma maioria (dependentes e escravos), e o espírito cooperativo parece aflorar somente diante de afinidades pessoais, entre amigos de uma mesma condição. Tais sugestões diminuem a distância entre a *psicologia paulista* e a *personalidade ibérica*, uma das raízes do *homem cordial*. O caráter verdadeiramente antidemocrático daquela sociedade planaltina, que até certo ponto é elaboração de Ellis Jr., a torna incapaz de compreender a alteridade, tudo aquilo que não é bandeirante paulista, todos aqueles que não pertencem à *raça eugênica paulista*.

Ellis Jr. está preocupado em estabelecer uma distinção entre os *paulistas*, notadamente aqueles que foram desalojados do poder depois da revolta de 1932, e os demais *brasileiros*. Um *nacionalismo paulista* elitista, que, segundo Moreira Leite, “nunca chegou a atingir todas as classes”²⁴². Nesse sentido, Ellis Jr. sugere que não há virtude fora do pequeno grupo dos descendentes dos *primeiros troncos paulistas*. Em outra obra sua, *Populações Paulistas*, de 1934, falando sobre a grande imigração europeia para o Estado no início do século XX, aponta a ameaça do *outro*, daquele que não é um *paulista eugênico*:

Não devemos porém incentivar a continuação da vinda de gente exótica. Se ainda não estamos com todas as zonas territoriais cheias de gente, mostrando um mesmo índice demográfico, devemos reservá-las para irem adensando com o nosso crescimento vegetativo o qual, como vimos igualmente não é pequeno. Precisamos prever para o futuro não muito remoto, para os paulistas que terão de vir depois de nós.

[...]

Se tivermos de experimentar a tendência de caminhar para uma quantidade de gente em demasia, para a nossa área territorial, teremos de sofrer as mesmas consequências que afligem os países da velha Europa.²⁴³

²⁴² LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.256.

²⁴³ ELLIS JR., Alfredo. **Populações Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934, p.361-362.

Ellis Jr. se apresenta como verdadeiro defensor dos valores da suposta *democracia paulista* e atualiza suas condições. Sugere que o espaço do Estado deve ser reservado aos paulistas originais (talvez os descendentes daqueles *pequenos escravocratas*), negando a incorporação do *outro*, o imigrante europeu, asiático ou brasileiro. De fato, mais uma vez é possível notar a perspicácia das palavras de Antonio Candido sobre o caráter democrático da obra de Sérgio Buarque, se comparada às análises de seus contemporâneos.

O trabalho de Ellis Jr. se coloca como bastante elitista nessa abordagem em perspectiva. Na sua concepção, a *psicologia paulista* não seria muito diferente da *personalidade ibérica* e a sua negação da alteridade, de valores verdadeiramente coletivos baseados nos direitos e deveres de um *outro*, um *estranho*, não *familiar*. Direitos que, muitas vezes, são contrários aos meus caprichos ou dos meus parentes e amigos.

Para que não haja dúvida sobre o caráter racista e antidemocrático da obra de Ellis Jr., vale ressaltar esta notável passagem de *Populações Paulistas*: “[...] mas apesar de tudo não posso ser adepto do extremado democratismo racial [...] estou convencido que o negro, mesmo educado, não pode nivelar-se ao branco.”²⁴⁴ Tanto suas opiniões como suas obras sugerem que Alfredo Ellis Jr. sofre dos mesmos vícios dos grupos dominantes no Brasil: caprichoso em suas vontades, afetivo com seus *iguais*, implacável com os *outros*.

Uma perspectiva semelhante à de Ellis Jr. pode ser encontrada em outro autor, considerado clássico estudioso da *formação* do Brasil: Francisco José de Oliveira Vianna. Na sua obra mais destacada, *Populações Meridionais do Brasil*, ele

²⁴⁴ ELLIS JR., Alfredo. **Populações Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934, p.100.

destaca a importante contribuição do meio rural para a composição da sociedade brasileira:

Nada mais surpreende do que o estudo da vida e dos costumes da aristocracia rural do Sul e do Norte, durante os primeiros séculos coloniais, principalmente nos seus dois centros mais vivazes: Pernambuco e São Paulo. Dir-se-ia um recanto da corte europeia transplantada para o meio de selvageria americana. Tamanhas as galas e as louçanias da sociedade, o seu maravilhoso luxo, o seu fausto espantoso, as graças e os requintes do bom-tom e elegância.²⁴⁵

O foco do trabalho de Vianna é analisar esse grupo e, de forma contraditória, apontar esses *nobres da terra*²⁴⁶, filhos do tipo de colonização eminentemente rural do Brasil, como os grandes protagonistas das *peculiaridades* brasileiras:

Pela elevação dos sentimentos, pela hombridade, pela altivez, pela dignidade, mesmo pelo fausto e fortuna que ostentam, esses aristocratas, paulistas ou pernambucanos, mostram-se muito superiores à nobreza da própria metrópole. Não são eles somente de cabedais, com hábitos de sociabilidade e de luxo; são também espíritos do melhor quilate intelectual e da melhor cultura.²⁴⁷

Nos apontamentos de Vianna é admitido que grande parte das condições que estruturaram a *formação* do Brasil tinha ligação com a profunda influência da vida rural sobre a vida urbana. Nesse sentido, existem pontos em comum com as análises de Sérgio Buarque:

²⁴⁵ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.933.

²⁴⁶ Ibidem, p.948.

²⁴⁷ Ibidem, p.936.

Neste ambiente de florestas e campos, essa nova sociedade em formação é, e há de ser por muito tempo ainda, uma sociedade de estrutura fundamentalmente rural, assentado por inteiro sobre uma base exclusiva de latifúndios agrícolas. Portanto uma sociedade de hábitos e costumes caracteristicamente rurais.²⁴⁸

No entanto, analisando a direção da influência dessa *herança rural* em nossa *formação*, Vianna sugere um caráter pleno de virtudes benevolentes:

O meio rural é, em toda parte, um admirável conformador de almas. Dá-lhes a têmpera das grandes virtudes e as modela nas mais formas puras da moralidade. O caráter dos que nele se educam e vivem contrasta de maneira inequívoca, com dos tipos formados nas grandes cidades.²⁴⁹

Vianna caracteriza o predomínio do meio rural como elemento que contribuiu de maneira positiva para a estruturação do país, e os proprietários rurais seriam verdadeiros agentes dessa ação benigna. Sérgio Buarque, ao contrário, sugere que essa predominância do mundo rural sobre o urbano trouxe problemas para o Brasil: “Os centros urbanos brasileiros nunca deixaram de se ressentir fortemente da *ditadura* dos domínios rurais.”²⁵⁰ Entretanto, ambos concordam que a questão da formação de uma sociedade eminentemente rural foi uma marca indelével no processo de estabelecimento da sociedade brasileira.

Num primeiro momento, Oliveira Vianna tem clareza dos benefícios da implantação do latifúndio e de seus dirigentes como os retentores das grandes virtudes morais:

²⁴⁸ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.938

²⁴⁹ Ibidem, p.956.

²⁵⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.89.

Essa aristocracia constitui, como veremos, o centro de polarização dos elementos arianos da nacionalidade. Nos seus sentimentos e volições, nas suas tendências e aspirações, ela reflete a alma peninsular nas suas qualidades mais instintivas e estruturais. São realmente essas qualidades que formam ainda hoje o melhor de nosso caráter. Com as tintas das suas peculiaridades é que se colorem, na intimidade da nossa consciência coletiva, os nossos mais recônditos ideais.²⁵¹

Essa aristocracia rural virtuosa tem na figura do senhor do latifúndio, o *pater familia* rural brasileiro, o seu norteador, tal como havia identificado Sérgio Buarque. Também para Vianna é esse potentado que dita as regras de sua família estendida e de seus agregados:

É imensa a ação educadora do *pater-familias* sobre os filhos, parentes e agregados, adscritos ao seu poder. É o *pater-familias* que, por exemplo, dá noivos às filhas, escolhendo-o segundo as conviências da posição e da fortuna. Ele é quem consente no casamento do filho, embora já em maioridade. Ele é quem lhe determina a profissão, ou lhe destina uma função na economia da fazenda. Ele é quem instala na sua vizinhança, os domínios dos filhos casados, e nunca deixa de exercer sobre eles a sua absoluta ascendência patriarcal.²⁵²

Para Vianna, a austeridade na condução da família estendida pelo latifundiário é sinal de uma boa condução moral:

Esses costumes rústicos e austeros são os moldes em que se educam as novas gerações no culto da honradez, da dignidade, da probidade, do respeito à velhice e nesse precioso zelo pela moralidade do lar, tão característicos das nossas gentes rurais.²⁵³

²⁵¹ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.955.

²⁵² Ibidem, p.957.

²⁵³ Ibidem, p.958.

Para além do círculo imediato da família estendida e dos dependentes próximos, o patriarca rural influenciava as próprias relações da comunidade que comandava:

Entre nós, o homem do povo, o plebeu, o peão, o campônio não possui essa confiança interior e profunda [...] que é a fibra central do caráter de qualquer homem. O homem que não tem terras, nem escravos, nem capangas, nem fortunas, nem prestígio, sente-se aqui, praticamente, fora da lei. [...] Daí essa educação histórica, esses espírito do clã, que domina por inteiro a mentalidade de nossas classes inferiores. O camponês, por força do mesmo instinto de conservação, acerca-se do homem forte local, faz-se o seu cliente, torna-se seu protegido, o seu camarada, o seu companheiro, o seu amigo incondicional na boa e na má fortuna.²⁵⁴

O patriarca rural torna-se, portanto, o condutor de toda uma população, a totalidade das suas funções depende dos caprichos do potentado. Para Oliveira Vianna, isso acarretaria a transmissão das virtudes da *aristocracia rural* para a comunidade.

A falta de variabilidade dos grandes centros, ou de diversidade social, condiciona o mundo rural brasileiro aos valores e vontades dos *nobres da terra*, buscando evitar qualquer tipo de *instabilidade*:

Essa estabilidade dos grupos familiares superiores permite que se forme, no meio rural, uma trama de relações sociais também estáveis, permanentes e tradicionais. Esses grupos se conhecem mutuamente nas suas qualidades, gênios, tendência e idiosincrasias, ou tradicionalmente se odeiam. Sociedade rarefeita, de círculo vicinal limitado, todos por isso mesmo, se nomeiam, se cumprimentam e mantêm entre si uma certa comunidade de simpatias e afeições. É mesmo uma das praxes mais encantadoras de nossas aldeias o saudarmos todos os que encontramos nas estradas, como se todos os

²⁵⁴ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.1048-1049.

viajantes e transeuntes fossem conhecidos velhos da vizinhança, ou amigos de longa data.²⁵⁵

Nesse sentido, Oliveira Vianna acredita que a *aristocracia rural* teria a função de impor a *civilização* e ordem às camadas inferiores, mestiças, aborígenes e negras.²⁵⁶ Sendo assim, estabelece-se uma sociedade que se dirige perigosamente para uma tentação autoritária. Como lembra Sérgio Buarque, na disputa entre campo e cidade, entre *aristocratas* e os demais habitantes da colônia, prevaleciam sempre os interesses dos ruralistas:

São comuns em nossa história colonial as queixas dos comerciantes, habitantes das cidades, contra o monopólio das poderosas câmaras municipais pelos lavradores. A pretensão dos mercadores de se ombrearem com os proprietários rurais passava por impertinente, e chegou a ser tachada de absurda pela própria Corte de Lisboa, pois o título de senhor de engenho, segundo refere o cronista, podia ser considerado tão alto como os títulos de nobreza dos grandes do Reino de Portugal.²⁵⁷

O quadro de relações exposto por Sérgio Buarque é bem menos harmonioso do que aquele sugerido por Oliveira Vianna. O que Sérgio Buarque pretende esclarecer é o fato de que esses *nobres da terra*, louvados por Vianna, eram “praticamente os únicos verdadeiros ‘cidadãos’ na colônia”²⁵⁸, apontando uma notável falta de coletividade jurídica ou legislativa da formação do Brasil colonial em diante.

²⁵⁵ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.956.

²⁵⁶ CANDIDO, Antonio. A Visão Política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p.85.

²⁵⁷ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.89.

²⁵⁸ Ibidem, p.89.

No entanto, Oliveira Vianna também apresenta argumentos muito próximos dos apontamentos de Sérgio Buarque. Assim, é possível sugerir que existe uma grande contradição no trabalho de Vianna:

Há, ao longo do livro, nítida mudança valorativa na avaliação que o autor faz da nobreza rural e da sua obra. Nos capítulos iniciais, a nobreza é vista com simpatia e admiração. A própria palavra nobreza já denuncia o viés da análise. Ela é ainda promovida gratuitamente a excelência ariana, sua obra de conquistas e ocupação do território é elogiada. Até mesmo o latifúndio aparece com alguns traços positivos: além de promover a miscigenação, ele foi escola de educação moral [...] Mas isto é apenas parte da história. Logo a seguir, esta mesma aristocracia começa a ser chamada de caudilhagem, de potentados, de promotores da anarquia branca, de obstáculo à formação de um povo e de uma comunidade política.²⁵⁹

Segundo afirma José Murilo de Carvalho, a obra de Oliveira Vianna parece marcada por uma ambiguidade. Se num primeiro momento a *herança rural* da formação do Brasil, na figura dos *nobres da terra*, produziu uma sociedade virtuosa, estática e ordeira, essa mesma *herança* é apontada como tão maléfica quanto na obra de Sérgio Buarque, pois sufoca os centros urbanos e enseja uma coletividade impessoal característica das sociedades *modernas*. Nesse sentido, cabe notar a afirmação de Vianna:

Nós somos latifúndio. Ora o latifúndio isola o homem; o dissemina; o absorve; é essencialmente antiurbano. Nesse insulamento que ele impõe aos grupos humanos, a solidariedade vicinal se estiola e morre. Em compensação, a vida da família se reforça progressivamente e absorve toda a vida social em derredor. Dentro dele passa a existência como dentro de um microcosmo ideal: e tudo é como se não existisse a sociedade.²⁶⁰

²⁵⁹ CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: SANTIAGO, Silvano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.910-911.

²⁶⁰ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, op. cit., p.956-957.

De fato, o caminho tomado por Oliveira Vianna nesse segundo momento de sua obra é uma guinada radical. As virtudes da *nobreza rural* tornam-se os mesmos vícios apontados por Sérgio Buarque na sua análise da *herança rural*:

Nas zonas agrícolas, onde se difunde o tipo do grande independente, [...] a insolidariedade é completa. Não se descobre ali nenhum traço de associação entre vizinhos para fins de utilidade comum. Tudo nos dá a impressão desolante de desarticulamento e desorganização.²⁶¹

As consequências desse processo são semelhantes às apontados por Sérgio Buarque, analisadas anteriormente. O poder imenso dos potentados particulares, em detrimento de qualquer elemento coletivo societário que possa, em última instância, fazer valer os direitos e deveres de todos, cria uma situação em que prevalecem os caprichos de alguns poucos.

Oliveira Vianna, nesse novo momento, expressa este entendimento: “O que impele a nossa população inferior dos campos a congregar-se sob senhores territoriais é a *necessidade de defesa contra a anarquia branca*, dominando de alto a baixo, desde os primeiros séculos, toda a sociedade rural.”²⁶² A imagem mencionada anteriormente do foragido agarrado ao moirão de um senhor poderoso em busca de proteção contra a justiça *del-Rei* de Portugal parece ser restabelecida nessa última passagem de Oliveira Vianna. O poder público submetido aos laços *cordiais* dos grandes senhores, dos *nobres da terra*.

²⁶¹ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.1051.

²⁶² *Ibidem*, p.1031.

Essa falta de estabilidade, ou de algo que se sobreponha aos interesses dos particulares, intriga Vianna: “Problema como se vê, de estruturação e ossificação da nacionalidade: trata-se de dar, ao nosso agregado nacional, massa, forma, fibra, nervo, ossatura, caráter.”²⁶³ Nesse sentido, o que preocupa Oliveira Vianna é a total falta de organização da sociedade brasileira, uma sociedade sem fibra, forma ou caráter. Nesse novo momento de sua obra, Vianna sugere a seguinte solução para os grandes malefícios que atingem o país:

[...] instituição de um Estado centralizado, com um governo nacional poderoso, dominador, unitário, incontestável, provido de capacidades bastantes para realizar, na sua plenitude, os seus dois grandes objetivos capitais- a consolidação da nacionalidade e a organização da sua ordem legal.²⁶⁴

No final da análise de Oliveira Vianna, tudo parece contraditório. Se o Brasil era dominado por aquela aristocracia cheia de qualidades morais, teria sentido uma ditadura moral?²⁶⁵ Vianna acredita que é pelo combate à liberdade que se poderá alcançar o verdadeiro *patriotismo*:

Para a sua efetuação, esta solução exige, porém, têmperas feitas para as grandes abnegações do patriotismo, isto é, capazes dessa coragem infinita: a de contravir ostensivamente às ideias de liberdade, que clareiam com a sua alvorada o horizonte da política europeia e que são como o próprio oxigênio da atmosfera mental, que todos sofregamente respiramos.²⁶⁶

²⁶³ VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p.1167.

²⁶⁴ Ibidem, p.1167-1168.

²⁶⁵ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.249.

²⁶⁶ VIANNA, op. cit., p.1168.

A conclusão parece bastante simples: o Brasil precisa de um governo autoritário que ponha ordem nas desavenças dos interesses particulares. Lembrando que *Populações Meridionais* foi uma obra publicada em 1920, essa conclusão parece indicar que as nuvens do fascismo estavam rodando o Brasil.²⁶⁷

Desse modo, podem-se notar aproximações entre os apontamentos de Vianna e Sérgio Buarque, como também certos afastamentos. Se por um lado a *herança rural da formação* do Brasil é entendida por Sérgio Buarque como uma das origens do *homem cordial* e, portanto, uma grande problemática para o país, por outro, os *nobres da terra*, produto dessa ruralização da sociedade colonial, são apontados por Oliveira Vianna como o centro de *civilização* de toda a *formação* do Brasil. Todavia, no segundo momento da obra de Vianna, de condenação dessa *herança rural*, pode-se sugerir que há uma aproximação com Sérgio Buarque, quase uma identificação. No entanto, é preciso cuidado. Se Moreira Leite considerou profascista o trabalho de Vianna, a obra de Sérgio Buarque está muito distante dessa categoria. Sobre como se deve conduzir o Estado brasileiro, Sérgio Buarque afirma:

O Estado entre nós, não precisa e nem deve ser despótico- o despotismo condiz mal com a doçura de nosso gênio-, mas necessita de pujança e compostura , de grandeza e solicitude [...] Mas é indispensável que as peças de seu mecanismo funcionem com certa harmonia e garbo.²⁶⁸

Assim sendo, a proposta de Sérgio Buarque tem uma direção completamente contrária àquela assumida por Oliveira Vianna. Buarque identifica um Estado solícito e harmonioso para conter os disparates de caprichos dos

²⁶⁷ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.250.

²⁶⁸ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.176.

poderosos, enquanto que Vianna preocupa-se com a natureza repressora do Estado. Se não houvesse consenso, ou meio-termo, a solução seria forçar uma situação de modo a criar uma pretensa harmonia. Mas Sérgio Buarque recorda que “Não faltam exemplos de ditadores que realizam atos de autoridade perfeitamente arbitrários e julgam, sem embargo, fazer a obra democrática”²⁶⁹. Uma pequena lembrança para aqueles que acreditam que somente a força pode criar estabilidade, decência e justiça. Nesse sentido é que a obra de Buarque se sobrepõe às análises de seus contemporâneos. Mas isso será tratado com mais atenção ao final deste capítulo.

O fato é que, segundo Sérgio Buarque, a verdadeira transformação do Brasil, o estabelecimento de uma sociedade, no sentido concreto da palavra, passa pelo entendimento de que ela deve ser construída por todos os seus membros. Não por eleitos caprichosos, colocados como guias de uma população barbarizada, ou um Estado arbitrário e moralista. A verdadeira democracia brasileira sairá do conjunto dos brasileiros e das suas idiossincrasias:

O espírito não é força normativa, salvo onde pode servir à vida social e onde lhe corresponde. As formas superiores da sociedade devem ser um contorno congênito a ela e dela inseparável: emergem continuamente das suas necessidades específicas e jamais das escolhas caprichosas.²⁷⁰

Como já mencionado, esse entendimento acerca da necessidade de democratização do Estado brasileiro, para além de um círculo de poderosos caprichosos, é um entendimento original.

²⁶⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.186.

²⁷⁰ Ibidem, p.188.

Dando continuidade à proposta do capítulo, outro pensador do Brasil que se distancia de Sérgio Buarque em muitas de suas análises seria Gilberto Freyre. Em sua obra *Casa-Grande & Senzala*, Freyre formulou o entendimento de que a escravidão foi fundamental para se estabelecer uma *democracia racial* entre os brasileiros, e a miscigenação teria sido o agente desse processo:

A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações - a dos brancos com as mulheres de cor - de “superiores” com “inferiores” e, no maior número dos casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessa circunstância e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que outro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical e; entre a casa-grande e a senzala.²⁷¹

Desse modo, a violenta relação de sadismo e abuso sexual entre senhores e suas escravas teria sido, segundo Freyre, *adocicada* pela miscigenação. O fato de essa relação desigual (e abusiva) ter frutificado é sugerido por Freyre como a verdadeira gênese de uma *democracia racial e social*:

A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornaram-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil.²⁷²

Significa sugerir que a mulher indígena ou afrodescendente colocada em situação de submissão, primeiro como concubina e depois como esposa num

²⁷¹ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013, p.33.

²⁷² Ibidem.

sistema patriarcal, foi agente de miscigenação e, conseqüentemente, de *democratização*. Estranha democracia essa em que uns servem e outros são servidos:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se delicias nossos sentidos, na música, no andar, no fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi nosso primeiro companheiro de brinquedo.²⁷³

Sérgio Buarque salienta que muitos dos conceitos associados às verdadeiras transformações sociais entre os teóricos brasileiros se tornam palavras com pouco sentido: “As palavras mágicas Liberdade, Igualdade e Fraternidade sofreram a interpretação que pareceu ajustar-se melhor aos nossos velhos padrões patriarcais e coloniais, e as mudanças que inspiraram foram antes de aparato do que de substância.”²⁷⁴

A visão *democrática* de Freyre parece reforçar muitos dos velhos preceitos da sociedade patriarcal brasileira. Talvez seja o próprio Freyre um verdadeiro *homem cordial*, no sentido de que é alguém que pensa as suas relações pela via do coração, que se recorda da infância e que tem saudades da casa-grande onde cresceu e dos mimos que escravos e ex-escravos dispensaram para contribuir na sua formação. Dessa experiência afetiva Gilberto Freyre elaborou seus conceitos e teorias. O futuro intelectual, nascido menino do engenho, confunde o bom trato que

²⁷³ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013, p.367.

²⁷⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.179.

recebeu de seus subalternos (talvez de forma genuína) com expressão de uma verdadeira democracia entre homens de *raças* distintas. ´

Um indício da origem do sociólogo como membro autêntico da casa-grande pode ser encontrado na passagem em que lembra, afetivamente, que sua pesquisa foi muito mais do que a ida aos arquivos:

Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro; a nossa continuidade social [...]. Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar: é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”. Outro meio de nos sentirmos nos outros - nos que vieram antes de nós; e em cuja vida se antecipou a nossa. É um passado que se estuda tocando em nervos; um passado que emenda com a vida de cada um; uma aventura de sensibilidade não apenas um esforço de pesquisa em arquivos.²⁷⁵

Sérgio Buarque recorda que uma democracia plena só pode florescer se os arroubos cordiais forem contidos e se houver o entendimento do equilíbrio dos egoísmos: “É claro que um amor humano sujeito à asfixia e à morte fora do seu círculo restrito não pode servir de cimento a nenhuma organização humana concebida em escala mais ampla. Com simples cordialidade não se criam os bons princípios.”²⁷⁶

A questão é que essa visão *adocicada* de uma democracia de miscigenados, elaborada na mente saudosista de Freyre, mitiga algumas questões. Moreira Leite lembra que, para o sociólogo pernambucano,

[...] o negro vivia melhor sobre a escravidão do que no regime de liberdade de trabalho; a alimentação do escravo seria melhor até do que o senhor branco. No entanto, embora diga, a certa altura, que a vida do escravo “não era apenas alegria”, dá

²⁷⁵ FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013, p.45.

²⁷⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.185.

elementos da vida concreta do escravo a não ser nos aspectos em que esse se ligava à vida dos senhores.²⁷⁷

Nesse sentido, estamos diante de uma compreensão pouco democrática de sociedade, uma visão unilateral sob a perspectiva dos senhores, e não dos escravos. Em suma, o que Moreira Leite aponta sobre a obra de Gilberto Freyre é que:

[...] revela uma profunda ternura pelo negro. Mas pelo escravo, aquele que “conhecia a sua posição” – como o moleque da casa-grande, como saco de pancadas do menino rico, como cozinheira, como ama de leite ou mucama da senhora moça. Nesses casos o branco realmente não tinha preconceito contra o negro, podia até estimá-lo.²⁷⁸

A *doce democracia* de Freyre, segundo aponta Moreira Leite, de fato parece ser a do *homem cordial*. Havendo estima, confiança e submissão, o escravo (o *outro*) estaria *na sua posição correta*, do contrário não merecia toda a ternura e disposição de seu senhor. Na submissão do senhor moraria a verdadeira virtude do escravo e, portanto, a sua aceitação no seio da família expandida do potentado, a sua inclusão, ainda que de forma subalterna. Nenhuma reclamação, nenhuma revolta, o *doce* da vida na casa-grande, segundo sugere Freyre, é a atenção dos escravos (e na maior parte das vezes das escravas) aos caprichos e ordens de seu senhor. Estranha democracia.

Assim sendo, encontra-se na obra de Sérgio Buarque de Holanda um entendimento destoante daquele de seus contemporâneos:

²⁷⁷ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.311.

²⁷⁸ *Ibidem*.

Pensando na natureza das “explicações”, é possível interpretar a nostalgia da raiz portuguesa em Oliveira Vianna e Gilberto Freyre, como uma atitude intelectual de cunho conservador. Não apenas isso é claro, mas isso também. Incluso porque é um modo de ver que se prende a uma perspectiva da classe dominante.²⁷⁹

Enquanto muitos arvoraram explicações que valorizavam a escravidão, o racismo, o autoritarismo e o elitismo, Sérgio Buarque, em *Raízes do Brasil*, preferiu um caminho diferente, apontando certos problemas das especificidades brasileiras, mas sem perder o rumo de uma saída democrática. Antonio Candido resume de maneira bastante precisa a questão:

De fato, o livro é ao mesmo tempo uma análise do passado (que pegou mais) e uma proposta revolucionária de transformação no presente (que pegou menos). Ora, a articulação de ambos momentos é essencial e constitui a motivação de toda a obra. O desfecho solidamente plantado nas proposições anteriores, tinha por isso mesmo uma validade que ainda permaneceu, ao contrário, da maior parte dos numerosos ensaios político-sociais daquele tempo, que o vento levou. Os da direita porque representavam um agravamento dos traços individualistas e oligárquicos, que Sérgio denunciava. Os de esquerda, porque eram uma repetição mecânica e ritualizada do marxismo oficial. (Só mais tarde Caio Prado Júnior começaria a usar com espírito aberto o método marxista para interpretar de maneira original as condições locais)²⁸⁰

Sérgio Buarque denuncia o caráter altamente antidemocrático da *formação* do Brasil. Assim sendo, almeja também uma solução democrática, uma transformação paulatina da sociedade que busque incluir os que estão além do ciclo restrito dos poderosos. Exige que as instituições sejam autônomas da vontade

²⁷⁹ CANDIDO, Antonio. A Visão Política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p.85.

²⁸⁰ CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p.125-126.

arbitrária dos mandatários e que não estejam submetidas aos seus ditames, mas aos interesses da totalidade da sociedade.

Buarque considera fundamental a entrada das massas populares na vida nacional em substituição às elites, já gastas.²⁸¹ De forma sintética isso aparece em *Raízes do Brasil*, quando Sérgio Buarque relembra alguns apontamentos do naturalista americano Herbert Huntington Smith (1851-1919). Para este pensador, seria necessária uma mudança significativa na estrutura do Brasil, não uma revolução vertical, que manteria o protagonismo das camadas poderosas, mas uma revolução horizontal, que fosse inclusiva e trouxesse ares novos:

De que maneira se efetuará essa revolução? “Espero”, respondeu Smith, “que, quando vier, venha placidamente e tenha como remate a amalgamação, não o expurgo, das camadas superiores; camadas que com todas as faltas e os seus defeitos, ainda contam com homens de bem. Lembrai-vos de que os brasileiros estão hoje expiando os erros de seus pais, tanto quanto os próprios erros. A sociedade foi mal formada nesta terra, desde as raízes. Se as classes cultas se acham isoladas do resto da nação, não é por culpa sua, é por sua desventura. Não ousa afirmar que, como classe, os operários e tendeiros sejam superiores aos cavaleiros e aos grandes negociantes. A verdade é que são ignorantes, sujos e grosseiros; nada mais evidente para qualquer estrangeiro que visite. Mas o trabalho dá-lhes boa têmpera, e a pobreza defende-os, de algum modo, contra os maus costumes. Fisicamente, não há dúvida que são melhores que as classes mais elevadas, e mentalmente também seriam se lhes fossem favoráveis as oportunidades”.²⁸²

Falta às classes menos privilegiadas a entrada verdadeira no mundo da cidadania. *Raízes do Brasil* foi um texto escrito em 1936, marcou época pela sua originalidade e pela defesa intransigente dos valores democráticos e populares, contra qualquer tipo de saída autoritária ou moralista para os muitos dos problemas

²⁸¹ CANDIDO, Antonio. A Visão Política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p.86.

²⁸² HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.181.

que afligiam o Brasil daquele tempo. Sua perspectiva ainda é original e ressoa com certa atualidade. Inúmeras foram as mudanças vividas pelo país desde a publicação dessa importante obra e, no entanto, muitas das questões levantadas ainda são atuais. Existe um ranço que não desapareceu, muitas vezes o Estado brasileiro ainda é tratado como extensão da família de um poderoso. Diversas vezes a jurisprudência oficial foi branda com os amigos e implacável com os inimigos. As raízes do Brasil são profundas. Mas é preciso analisá-las e criticá-las para de fato serem modificadas.

CONCLUSÃO

Diante dos apontamentos sugeridos, deve-se ter em mente que a proposta do trabalho foi abordar uma análise multifacetada do conceito de *homem cordial*, muito cara à história das ideias no Brasil. Fruto da mente de Sérgio Buarque de Holanda, solo irrigado pela contribuição do pensamento filosófico, notadamente de Giambattista Vico. A semente do *homem cordial* germinou e criou raízes. Duas dessas raízes são profundas.

A chamada *personalidade ibérica*, segundo Buarque, traduz os hábitos dos povos da Península Ibérica, engendrados durante séculos num espaço isolado do resto da Europa Ocidental e marcados pela constante mudança de fronteiras na guerra contra os muçulmanos. A *personalidade ibérica* criou um sentimento de autoconfiança entre os povos da península e de negação à autoridade, um livre-arbítrio desenfreado, impedindo qualquer forma de associação menos interesseira: “Na verdade, as doutrinas que apregoam o livre-arbítrio e a responsabilidade pessoal são tudo, menos favorecedoras da associação entre os homens.”²⁸³ Um quase *irracionalismo individualista*. Essa primeira raiz profunda é consequência de uma espécie de essência ibérica que foi transplantada para uma natureza exótica, para os territórios da América tropical, que futuramente daria origem ao espaço geográfico do Brasil. A forma como o ibérico e sua personalidade moldaram o espaço americano é o ponto de partida de outra raiz do *homem cordial*.

²⁸³ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.37-38.

“Essa exploração dos trópicos não se processou, em verdade, por um empreendimento metódico e racional, não emanou de uma vontade construtora energética: fez-se antes com desleixo e certo abandono.”²⁸⁴ O estabelecimento dos portugueses na América tropical foi inteiramente voltado para o mundo rural. A exploração da terra em benefício da criação da grande lavoura comercial de produtos tropicais conduziu, como apontou Sérgio Buarque, a uma sociedade sem cidades, centrada na unidade produtiva do campo: primeiro o engenho de açúcar, depois a fazenda de café (até a agroindústria da soja). Nesse sentido, o mundo rural se sobrepôs ao urbano, mesmo, como sugeriu Sérgio Buarque, que a sociedade brasileira tenha se urbanizado ao longo dos séculos após a independência e, principalmente, após a abolição do flagelo da mão de obra escrava.

A herança rural, portanto, é uma raiz profunda do Brasil e do *homem cordial*. O mundo rural, fundado na figura do chefe local, em que os laços de dependência são quase que exclusivamente afetivos, distancia-se do mundo urbano, onde prevalece a impessoalidade da segmentação social própria da urbanidade. Diante disso, semelhante observação à de Frei Vicente Salvador²⁸⁵ foi feita pelo governador do Maranhão em 1735: “[...] não vivia gente em comum, mas em particular, sendo a casa de cada habitante ou cada régulo uma verdadeira república.”²⁸⁶ A predominância de uma *herança do mundo rural*, em que o mandonismo está nas mãos de alguns, somada ao individualismo exacerbado da *personalidade ibérica* formaram as raízes do *homem cordial*.

²⁸⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.43.

²⁸⁵ Ver *Introdução*.

²⁸⁶ HOLANDA, op. cit., p.81.

O *homem cordial*, desse modo, seria o resultado de uma reflexão de Sérgio Buarque de Holanda no sentido de pensar acerca de um caráter brasileiro. No entanto, é necessário ter cautela com afirmações muito rígidas quando se aborda esse autor. Sérgio Buarque é um autor original, grande parte de sua originalidade está no constante uso das metáforas. Metáforas essas que têm como objetivo juntar a experiência passada e atualizar as questões latentes da atualidade.

Assim, a própria história é entendida como uma metáfora, uma vez que liga o mundo do presente ao mundo do passado, permite a passagem de um mundo para outro, um transporte do mundo da experiência imediata para o mundo das verdades estabelecidas e da tradição.²⁸⁷

Nesse sentido, a metáfora do *homem cordial* marca uma tentativa de síntese de aspectos específicos do passado brasileiro que, de alguma forma, demonstram uma permanência em nossa conduta. Algo difícil de ser explicado de maneira objetiva, mas de fácil entendimento, uma vez que a metáfora busca evidenciar o agir do *brasileiro* e a dificuldade do país de separar os caprichos privados do indivíduo e a necessária imparcialidade da democracia.

As atitudes do *homem cordial*, como aponta Buarque de Holanda, incidem sobre todos os brasileiros, mas podem sintetizar as relações da classe dominante do país.²⁸⁸ Esse conceito, apesar de suas ambiguidades, deve ser destrinchado, pois possui um potencial imenso e foi (e ainda é) o aspecto mais discutido da obra de Sérgio Buarque.²⁸⁹

²⁸⁷ DECCA, Edgar Salavador de. Decifra-me ou Te devo: as metáforas em Raízes do Brasil. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008, p.211.

²⁸⁸ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.323.

²⁸⁹ Ibidem, p.321.

O *homem cordial* é, segundo sugere Sérgio Buarque, fruto das estruturas básicas da sociedade brasileira, ele seria consequência das *raízes do Brasil*:

Formado nos quadros da estrutura familiar, o brasileiro recebeu o peso das “relações de simpatia”, que dificultam a incorporação normal a outros agrupamentos. Por isso, não acha agradáveis as relações impessoais, características do Estado, procurando reduzi-las ao padrão pessoal e afetivo. Onde pesa a família, sobretudo em seu molde tradicional, dificilmente se forma a sociedade urbana de tipo moderno.²⁹⁰

Assumindo-se que essa conduta do *homem cordial* pode expandir-se para as elites brasileiras, então a *cordialidade* seria um entendimento entre *iguais*, ou seja, entre as pessoas dessa elite. Como se todos os membros da classe patriarcal brasileira fossem velhos conhecidos, quase um *clube de amigos*. Os demais membros da sociedade são *estranhos* ou vistos de maneira condescendente:

[...] como a distância entre as classes sociais é muito grande, a classe superior tem atitude de condescendência para com a inferior, desde que esta não ameace o seu domínio. Nem é difícil concluir que esta mesma distância mascarou o preconceito racial no Brasil: os negros colocados em situação que não ameaça os brancos, são tratados cordialmente. No entanto, quando os negros ameaçaram essa posição, foram tratados com crueldade.²⁹¹

O Estado brasileiro está completamente *aparelhado* por essa grande *família* de poderosos. Existe um esforço constante em manter os privilégios e evitar ao máximo qualquer tipo de intromissão nos caprichos do *clube*. Não foi somente Sérgio Buarque que sugeriu esse entendimento, o pensador gaúcho Raymundo Faoro (1925-2003) também apontou semelhante conclusão:

²⁹⁰ CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.16-17.

²⁹¹ LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983, p.323-324.

Na peculiaridade histórica brasileira, todavia, a camada dirigente atua em nome próprio, servida dos instrumentos políticos derivados de sua posse do aparelhamento estatal. Ao receber o impacto das novas forças sociais a categoria estamental as domestica embotando-lhes a agressividade transformadora, para incorporá-las a valores próprios, mediante a adoção de uma ideologia diversa, se compatível com o esquema de domínio.²⁹²

Quando falta entusiasmo para a *incorporação* das novas forças, a atitude do grupo dominante é de confronto, até que os *estranhos*, os não familiares, sejam extirpados do poder. Nesse sentido, a proposta de Sérgio Buarque parecer ser a da negação da *cordialidade*. Aquilo que muitas vezes é identificado como uma virtude da *personalidade* brasileira é, na verdade, o seu maior vício.

No entanto, há um grande mal-entendido acerca daquilo que é apontado como *cordialidade*. A negação dessa aparente virtude parece um contrassenso para aqueles que imaginam que *cordialidade* é uma categoria plena de virtude. Esse entendimento equivocado dos apontamentos de Sérgio Buarque surgiu desde a primeira edição da obra. Cassino Ricardo (1895-1974), ensaísta e professor paulista, após a leitura de *Raízes do Brasil*, ficou bastante intrigado com a metáfora *homem cordial*. Assim sendo, publicou, em 1948, longo ensaio sobre o tema, em que elencou alguns aspectos que seriam exclusivos da *formação* do Brasil, tentando se contrapor a Sérgio Buarque:

- a) Que estamos elaborando uma civilização de fundo mais emotivo que a dos outros povos – não há dúvida.
- b) Que o brasileiro se deixa levar, ou consegue vencer, mais pelo coração do que pela cabeça, é coisa que me parece incontestável.
- c) Que somos mais propensos a ideologias do que a ideias – quem negará?

²⁹² FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**: formação do patronato político brasileiro. Vol.II. Porto Alegre: Globo, 1976, p.745.

- d) Que detestamos a violência porque nosso estilo de vida é da mansidão – certíssimo.
- e) Que até a inimizade e mesmo na hostilidade o brasileiro é *menos cruel* que os outros povos – muito bem. Menos odioso – nada mais verdadeiro.
- f) Que a história nos demonstra esse *menos cruel*, como acontece na própria conquista da terra – é ponto pacífico.
- g) Que a bondade (ao invés da cordialidade) é a nossa contribuição ao mundo – é uma verdade que a observação dos fatos confirma plenamente.
- h) Que o brasileiro (quanto mais polido) sabe tirar partido da própria bondade, e que seu *ricorso* se poderia chamar *técnica de bondade* – é a tese que me pareceu não só procedente, como original.
- i) Que essa bondade, no plano social, é o primeiro fundamento de nossa democracia social – sempre me pareceu certo.
- j) Que somos individualistas, mas que nosso individualismo encontra, em grande parte, o seu corretivo natural na bondade específica do brasileiro – nada mais justo.
- k) Mas que *cordialidade* seja, no sentido em que tomamos e praticamos essa palavra (polidez), nossa contribuição ao mundo, não se me afigura aceitável, nem cabível.²⁹³

Diante dessa maneira aforística de elaborar uma teoria geral da *personalidade* brasileira, Cassiano Ricardo parece que se preocupou em estender o entendimento de *homem cordial* ao seu caráter virtuoso:

Vê-se, portanto, a procedência de minhas dúvidas a respeito do *homem cordial* como expressão que designasse especificamente o brasileiro [...] em suma, que *cordial* quer dizer, para nós, muito mais polido que *homem de coração*; que ao contrário do que diz Sérgio, para o brasileiro, o coração não significa fonte tanto de ódio como de bondade, mas aquilo que Bertrand Russel denominou de “soma dos impulsos benévolos”; que a bondade como traço cultural específico do brasileiro, nada tem com cordialidade, distinção essa que os próprios viajantes ilustres fizeram com agudeza.²⁹⁴

O que Cassiano Ricardo esforça-se para apontar quando se refere à metáfora do *homem cordial* diz respeito ao *homem de coração*. Esse homem não é cordial

²⁹³ LEITE, Cassiano Ricardo. Variações sobre o *homem-cordial*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: edição crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016, p.380-381.

²⁹⁴ Ibidem, p.379-380.

porque não é polido, mas é, no sentido apontado por Cassiano Ricardo, cheio de benevolência. Para tanto, recorre ao pensador britânico Bertrand Russel (1872-1970), que acreditava que esse sentimento estava marcado pelas atitudes altruístas.²⁹⁵ O *homem cordial* recebe uma explicação equivocada:

Não será demasiado insistir um pouco: não a bondade em sentimento de simples cordialidade [...] Não o cordial de salão, mas o homem representativo de um modo de ser especificamente brasileiro; ou de um tipo de cultura original e plástico [...] Trata-se pois de uma bondade envolvente, mais política, mais assimiladora. Força secreta e invisível que tudo domina e que tudo submete com doçura, fazendo mais que todas a tiranias ou técnicas de Sorel que dividem os homens e que só os submetem com violência e à custa de sangue. [...] E que cria raízes efetivas de solidariedade no jogo múltiplo e promíscuo dos interesses rivais.²⁹⁶

Evidentemente que os apontamentos de Cassiano Ricardo sugerem um *homem cordial* infestado de bondade. Uma bondade que teria no seu caráter mediador seu maior trunfo:

O tipo mediador que nunca deixou de existir nos menores atos, nos mais obscuros momentos de nossa formação social, racial, política. Nosso atavismo mediador continua vivo. Em todos nós há uma tendência irreversível para apartar brigas. Apaziguar os ânimos; aí está uma frase famosa para a aplicação que tem tido.²⁹⁷

²⁹⁵ Para Bertrand Russel, a benevolência é um sentimento de bondade desapaixonada, puramente altruísta. Segundo Russel, o amor é um sentimento que se move entre dois polos: o deleite contemplativo, de um lado, e a pura benevolência, do outro. “[...] for love ‘on principle’ does not seem to me genuine- moves between to poles: on one side, pure delight in contempletion; on the other pure benevolence.” RUSSEL, Bertrand. What I Believe. In: Idem. **The Basic Writings of Bertrand Russel**. Londres/Nova York: Routledge, 2009, p.350.

²⁹⁶ LEITE, Cassiano Ricardo. Variações sobre o *homem-cordial*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: edição crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016, p.389-390.

²⁹⁷ Ibidem, p.388.

Completamente o contrário daquilo que foi sugerido por Sérgio Buarque de Holanda. Assim sendo, o *homem cordial* seria aquele que é bondoso, mediador, promotor da concórdia social. Para Cassiano Ricardo, a metáfora serviria melhor se adaptada de outra forma: “O que pretendi foi apenas demonstrar que o conteúdo específico da expressão *homem cordial* calhava melhor em *homem bom*, ou *bom homem* – denominação mais modesta e... legal.”²⁹⁸

O que os apontamentos de Cassiano Ricardo pretendem é calar a grande originalidade do trabalho de Sérgio Buarque e perceber apenas um lado do espectro do *homem cordial*. Ricardo considera que a *cordialidade* brasileira é sinônimo de mediação, incorrendo no entendimento de que a desigualdade extrema e a falta de democracia histórica no Brasil são mitigadas pela bondade inata de sua população. Muitos desses apontamentos acabaram encontrando respaldo no senso comum, seja porque muitos verdadeiramente concordam com essas sugestões, ou pelo cinismo de alguns.

O fato é que as palavras de Cassiano Ricardo desvelam a compreensão, quase que geral, de que a *cordialidade* é uma virtude completa, e negá-la parece ser um contrassenso. A relação entre *cordialidade* e *bondade*, no entanto, não é necessária, e Sérgio Buarque compreendia muito bem isso. Numa carta de resposta a Cassiano Ricardo, ele esclarece:

Não precisarei recorrer ao dicionário para lembrar que essa palavra – *cordial* –, em seu verdadeiro sentido, e não apenas, no etimológico, como você quer presumir, se relaciona ao coração e exprime justamente o que eu pretendi dizer. Como além disso se acreditou, mal ou bem, que o coração é a sede dos sentimentos, e não apenas dos bons sentimentos, minha nova explicação, ao lembrar que a inimizade “bem pode ser tão

²⁹⁸ LEITE, Cassiano Ricardo. Variações sobre o *homem-cordial*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: edição crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016, p.396.

cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração”, seria se você quiser, uma ampliação, não seria retratação.²⁹⁹

Para Sérgio Buarque, o sentido de *cordial* vai muito além de bondade ou polidez, é aquilo que vem do coração, a morada das paixões. Com esse sentido a *cordialidade* pode ser uma conduta viciosa, fruto do individualismo exacerbado do brasileiro (melhor, talvez, de sua elite), que, devido à sua *herança ibérica* e à sociedade formada no campo, em espaços isolados, controlada por alguns poucos mandantes, criou um grande mal-entendido entre o mundo público e o mundo privado. Caprichos individuais e as afinidades afetivas, típicas da vida privada, invadem a esfera do Estado, espaço coletivo, mediador dos interesses gerais e, portanto, imparcial. Sérgio Buarque entende que a contaminação das vontades pessoais no espaço das questões públicas é consequência de muitos sentimentos, mas, com certeza, não da *bondade*: “Cabe-me dizer-lhe ainda também que não creio muito na tal *bondade* fundamental dos brasileiros.”³⁰⁰

A *cordialidade* torna-se uma problemática central para Sérgio Buarque, é ela apontada como grande flagelo do Brasil. A *cordialidade*, sintetizada na metáfora do *homem cordial*, simboliza os vícios da sociedade brasileira do tempo de Buarque: a dificuldade do Estado brasileiro de ser verdadeiramente democrático, ou seja, capaz de atender a demandas, se não de todos, pelo menos da maioria da população. Ao contrário disso, esse Estado está capturado por um pequeno grupo que o conduz de maneira *cordial*, quer dizer, de acordo com o seu coração, com suas paixões e seus caprichos. O Estado torna-se extensão da família e, assim sendo, é gerido como tal.

²⁹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: edição crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016, p.400.

³⁰⁰ Ibidem, p.401.

O esforço está em negar essa *cordialidade*, forçar o fim dos caprichos. A diluição do *homem cordial* é a sugestão que permeia *Raízes do Brasil*. Para Sérgio Buarque, muito desse esforço passa pelo fim dos vícios da *formação* do Brasil: a *personalidade ibérica*, potencializada ao máximo pela *herança rural*. Buarque de Holanda acredita que a gradual urbanização do Brasil será um dos fatores mais importantes para o fim do flagelo da *cordialidade*:

Com a progressiva urbanização, que não consiste apenas no desenvolvimento das metrópoles, mais ainda e sobretudo na incorporação de áreas cada vez mais extensas à esfera de influência metropolitana, o homem cordial se acha fadado provavelmente a desaparecer, onde ainda não desapareceu de todo.³⁰¹

Nesse sentido, Sérgio Buarque aponta que a urbanização será o verdadeiro *processo civilizatório*³⁰² do Brasil. A substituição do mundo rural pelo mundo urbano seria uma gradual passagem do despotismo do coronel para a democracia cidadina. De certa maneira, o advento da indústria e o crescimento dos centros urbanos brasileiros ao longo do século XX introduziram na sociedade brasileira novos grupos sociais que eram inexistentes ou inexpressivos politicamente durante o período colonial e nas décadas iniciais após a independência. Operários, intelectuais, membros da burocracia estatal, camadas médias em geral acabaram por ampliar os grupos de pressão sobre o Estado. Obviamente que o fim da mão de obra escrava é outro elemento fundamental nessa transformação social, pois fez com que a maior parte da população do país deixasse de ser propriedade, emergindo como indivíduos de direitos plenos, mesmo que em alguns casos, talvez na maioria, os ex-

³⁰¹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. Carta a Cassiano Ricardo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: edição crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016, p.401.

³⁰² Apontamentos do capítulo 2.

escravos e seus descendentes fossem considerados cidadãos de segunda classe. Mas o ranço *cordial* persiste.

Esse processo não parece ser uma necessidade. De fato pode-se dizer que a urbanização do Brasil, de maneira bem indireta, acabou por abrir mais a representação política, e novas vozes passaram a compartilhar suas angústias e seus anseios, mas o entendimento de que o Estado brasileiro está sob os ditames de alguns caprichosos ainda é recorrente. Ainda hoje, quando todas as regiões do país têm a maioria de sua população vivendo nas cidades, o arbítrio daqueles que enxergam o Estado como extensão de suas vontades individuais persiste. Muitas vezes são as vontades emotivas dos poderosos que são levadas em conta na criação, condução e cumprimento da lei, às vezes de forma violenta.

A interpretação de Sérgio Buarque de Holanda que sugere no Brasil um divórcio histórico entre Estado e sociedade é um problema compreendido também por outros pensadores latino-americanos. A questão de um governo a serviço de poucos é um tema caro à América Latina. Apontamentos semelhantes aos de Sérgio Buarque foram realizados por Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888), intelectual e presidente argentino. Ainda no século XIX, Sarmiento percebeu a latente influência que a *herança rural* (e talvez a *personalidade ibérica*) havia deixado na Argentina. Sua mais famosa obra, *Facundo: civilização e barbárie* (1845), procura, num contexto meio ensaístico, meio literário, apontar as mazelas que certo *homem cordial* argentino causava.

Para Sarmiento, a questão da diferença entre o mundo rural e o mundo urbano também é uma problemática central – esse parece ser seu fundamento. Existe uma questão latente para a Argentina recém-criada, depois de se liberar do domínio espanhol: poucas cidades e a vasta lhanura pampiana, quase desabitada.

La inmensa extension del pais que esta em sus extremos es enteramente despoblada, y los rios naveables posee que há surcado aun frágil barquichuelo. El mal que aqueja a la República Argentina es la extension [...] la soledade, el despoblado, sin una habitacion humana, son, por lo general, los limites incuestionables entre unas y otras provincias. Allí la inmensidad por todas las partes: inmensa llanura, inmensos bosques, inmensos rios, el horizonte siempre incierto, siempre confundiendo con la tierra.³⁰³

Segundo Sarmiento, as grandes lhanuras são uma geografia propícia para o despotismo, assim como, ao contrário, as regiões montanhosas são de difícil controle.³⁰⁴ Some-se também o fato de que a imensidão da lhanura despovoada era marcada por inúmeros perigos: um ataque indígena ou de animal selvagem.³⁰⁵ Como sugere Sarmiento, a dispersão populacional, o isolamento e a insegurança constante faziam com que a vida argentina, nos seus inícios, tivesse o predomínio da força bruta:

Asi es como en la vida argentina empieza a establecerse por estas peculiaridades el predominio de la fuerza brutal, la preponderancia del más fuerte, la autoridad sin limites y sin responsabilidad de los que mandan, la justicia administrada sin formas y sin debate.³⁰⁶

Essa descrição da Argentina feita por Sarmiento remete a muitas das passagens de Sérgio Buarque em *Raíces do Brasil*. Ambos, aparentemente, têm questões semelhantes nos debates que propõem. Para além do mundo rural, existe o mundo urbano identificado com a diversidade e os aspectos mais impessoais de poder. Assim como Sérgio Buarque valorizou a cidade como um espaço mais

³⁰³ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**: Civilizacion y Barbarie. Madri: Cátedra/ Letras Hispánicas, 2016, p.58.

³⁰⁴ Ibidem, p.63.

³⁰⁵ Ibidem, p.59.

³⁰⁶ Ibidem, p.64.

democrático, apontando, no entanto, a sua esguia existência nos anos *formadores* do Brasil, Sarmiento é um entusiasta do mundo urbano:

La ciudad es el centro de la civilizacion argentina, española, europea; ali estan los talleres de las artes, las tiendas del comercio, las escuelas y colégios, los juzgados, todo lo que caracteriza, en fin, los pueblos cultos. La elegancia de los modales, las comodidades del lujo, los vestidos europeos.³⁰⁷

Entre o mar de barbárie existem as ilhas de civilização, nominalmente as escassas cidades da antiga Argentina. Mas a existência desses oásis está ameaçada. O mundo rural insiste em penetrar na cidade:

La ciudad capital de las provincias pastoras existe algunas veces ella sola sin cuidados menores [...]. El desierto las circudas a más o menos distancia, las cerca, las oprime; la naturaleza salvaje las reduce a unos estretechos oásis de civilizacion enclavados en un llano inculto de centenares de millas cuadradas, apenas interrumpido por una que outra villa de consideracion.³⁰⁸

De fato essa é uma questão latente para Sarmiento. Em seu tempo existe a figura do *caudilho*, que também assustava Sérgio Buarque³⁰⁹, indivíduo poderoso que subjugava com mão de ferro os habitantes do país. Esses poderosos do campo, com seus exércitos particulares de gaúchos montados, os *montoneras*, aterrorizavam e submetiam as cidades da jovem república:

Cuanro son las ciudades que han sido aniquiladas ya por el dominio de los caudillos que sustienen hoy a Rosas; a saber: Santa Fé, Santiago del Estero , San Luis y La Rioja. Santa Fé,

³⁰⁷ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**: Civilizacion y Barbarie. Madri: Cátedra/ Letras Hispánicas, 2016, p.68.

³⁰⁸ Ibidem.

³⁰⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.179.

situada em la confluencia del Paraná, y otro rio naveglabe que desemboca em sus inmediaciones, es uno de los puntos mas favorecidos de la América, y sin embargo, no cuenta com dos mil almas. San Luis, capital de uma provincia de cincuenta mil habitantes, y donde no hay mas ciudad que la capital, no tiene mil quinientas.³¹⁰

De todos os *caudillos* existentes na Argentina do século XIX, nenhum, segundo Sarmiento, foi tão perigoso quanto Juan Manuel Rosas (1793-1877). Este, juntamente com seus *montoneras*, foi capaz de conquistar a própria capital do país: Buenos Aires. Ligado ao mundo rural platino, Rosas implantou em seu governo (1829-1852) um regime considerado como ditatorial e despótico.³¹¹ Sarmiento, talvez seu maior detrator, lembra que:

El estanciero D. Juan Manuel Rosas, antes de ser hombre público, habia hecho de su residencia una especie de asilo de los homicidas, sin que jamas consintiese em su servicios los ladrones; preferencias que se explicarian facilmente por sua caracter de gaucho propietario.³¹²

Todos os vícios das Ihanuras penetraram a República, o modo citadino e democrático, fraco e disperso, foi substituído pelo despotismo rural. O poder absoluto de alguns poderosos se sobrepôs à maioria da população. Os *caudillos* gaúchos também são caprichosos. Acabaram por sujeitar a conduta dos assuntos públicos às vontades particulares:

Con esta sociedad, pues, em que la cultura del espíritu es inútil o imposible donde los negocios municipales no existen, donde el bien publico es uma palabra sin sentido, porque no hay

³¹⁰ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilizacion y Barbarie**. Madri: Cátedra/ Letras Hispánicas, 2016, p.117.

³¹¹ HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p.182.

³¹² SARMIENTO, op. cit., p.102.

público, el hombre [...] adopta para ello los médios y los caminos que encuentra.³¹³

A Argentina apresentada por Sarmiento parece bastante semelhante, em muitos aspectos, ao Brasil apresentado por Sérgio Buarque. Uma sociedade controlada por alguns poucos, que forjaram sua personalidade no isolamento do campo, onde, de alguma forma, os mais fracos se submetem aos mais fortes. O *caudilho* gaúcho comanda conforme os ditames de seus sentimentos, seu coração é o foco de sua arbitragem:

El caudillo argentino es un Mahoma que pudiera a su antojo cambiar la religion dominante y forjar una nueva. Tiene todos los poderes: su injusticia es una desgracia para su victima, pero no um abuso de su parte; porque el ha de ser injusto necessariamente, siempre lo ha sido.³¹⁴

A injustiça para o *caudilho* argentino, segundo Sarmiento, não existe, pois é pautada pelas suas afinidades afetivas. Como acontece com o *homem cordial* brasileiro. A questão é que essa arbitrariedade sentimental reside nas mãos de poucos, e tornar-se a lei irrefutável em muitas regiões, oprimindo e vitimando os mais fracos socialmente.

A lembrança da obra de Sarmiento sugere que as questões apontadas por Sérgio Buarque existem para além das fronteiras do Brasil. De certa forma, a dificuldade de pequenos grupos poderosos em perceber o Estado não como extensão da família é algo que permeia a *formação* da América Latina. As categorias apresentadas por Sérgio Buarque acerca do Brasil podem muito bem servir para o continente.

³¹³ SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo**: Civilizacion y Barbarie. Madri: Cátedra/ Letras Hispánicas, 2016, p.104.

³¹⁴ Ibidem, p.105.

Não é só com Sarmiento que é possível um paralelo analítico. Em alguns aspectos, a obra de Octávio Paz (1914-1998), ensaísta mexicano, ganhador do prêmio Nobel de 1990, também se aproxima da de Sérgio Buarque. Ambos os pensadores são contemporâneos e suas obras principais estão próximas cronologicamente. *Raízes do Brasil*, repetindo, é de 1936 e *O Labirinto da Solidão* é de 1950. Ambos os ensaios discutem aspectos da *formação* de seus países: Brasil e México. Octávio Paz, relatando sobre o passado e o presente da América Hispânica, recorda que essa região, assim como Brasil, está cindida: entre os aspectos *reais* das sociedades do continente e o caráter *oficial* das repúblicas latino-americanas.

O império espanhol dividiu-se numa quantidade de repúblicas, por obra das oligarquias nativas, que em todos os casos, favoreceram ou impulsionaram o processo de desintegração. [...] A imagem do “ditador hispano-americano” já aparece em embrião, na do “libertador”. Assim as novas repúblicas foram inventadas por necessidades políticas e militares do momento, não porque expressassem uma verdadeira peculiaridade histórica. Os “traços nacionais” se formaram mais tarde; em muitos casos, são apenas consequência da predica nacionalista dos governos. Mesmo agora, um século e meio depois, ninguém, pode explicar satisfatoriamente em que consiste as diferenças “nacionais” entre argentinos e uruguaios, peruanos e equatorianos, guatemaltecos e mexicanos. E também nada – salvo a persistência das oligarquias locais, mantidas pelo imperialismo norte-americano – explica a existência, na América Central e nas Antilhas, de nove repúblicas.³¹⁵

Paz percebe que os Estados latino-americanos nada mais são do que a extensão dos caprichos da oligarquia. A formação das diversas repúblicas, muitas vezes, nada mais foi do que uma disputa entre poderosos regionais. O povo assistiu bestializado à formação de Estados que iriam controlar o seu modo de vida. Mudaram apenas de senhor: antes o distante rei da Espanha, agora a associação de

³¹⁵ PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.111.

poderosos de Lima, Quito ou México. Os apontamentos de Paz são semelhantes aos de Sérgio Buarque, pois sugerem, como o autor brasileiro, a captura do Estado por um pequeno grupo em detrimento do interesse da maioria. Assim como Sérgio Buarque, Octávio Paz explicita que o Estado não deve ser a extensão dos interesses privados de um grupo, e sim servir à totalidade da comunidade.

O *Labirinto da Solidão* propõe que, para transformar as Repúblicas latino-americanas em verdadeiras democracias, é necessária a inclusão da maior parte da comunidade desses países, que sempre estiveram à margem das decisões. Resgatar o Estado das mãos dos poucos e colocá-lo a serviço dos muitos. Para Octávio Paz, na época da publicação de sua obra, esse momento transformador foi a Revolução Mexicana (1910):

A Revolução é uma súbita imersão no México no seu próprio ser. Das suas profundezas e entranhas extrai, quase às cegas os fundamentos de um novo Estado. [...] Nossa Revolução é a outra face do México, ignorado pela Reforma e humilhada pela Ditadura. [...] É um estouro de realidade: uma revolta e uma comunhão, um remexer nas velhas substancias adormecidas, um vir á tona de muitas ferocidades, muitas ternuras, muitas delicadezas ocultas pelo medo de ser. E com quem comunga o México nessa festa sangrenta? Consigo mesmo, com seu próprio ser. O México se atreve a ser.³¹⁶

Sérgio Buarque também identifica a necessidade de um processo de transformação que aponte para um reencontro entre o país *real* e o *oficial*.³¹⁷ Boa parte do último capítulo de *Raízes do Brasil (Nossa Revolução)* dedica-se a essa questão. No entanto, diferentemente de Paz, o pensador brasileiro imagina uma *revolução* gradual, que acabe por integrar a maioria da população³¹⁸, mas deve-se

³¹⁶ PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.134.

³¹⁷ Apontamentos do capítulo 3.

³¹⁸ Apontamentos do capítulo 2.

ter em mente a necessidade do encontro entre Estado e pluralidade social. Mesmo assim, são nítidas as aproximações entre Paz e Buarque de Holanda, sugerindo que muitas das problemáticas refletidas em um ponto do continente, quase que na mesma época, são semelhantes às questões postuladas num outro. O fato é que as elites latino-americanas são um problema para os seus respectivos países, e Sérgio Buarque de Holanda soube apontar isso com maestria.

Assim sendo, Sérgio Buarque de Holanda é um pensador aguçado, que foi capaz de apreender problemáticas que estão no horizonte não só do Brasil, mas também da América Latina. Suas questões abarcam tanto temas *locais* como, em certa medida, *universais*. Sua obra contribui para a reflexão da possibilidade de um *pensar filosófico* brasileiro. Novidade cercada de desconfiança, já apontada pelo professor Cruz Costa: “Desconfiamos das nossas empresas, das nossas interpretações e preferimos sempre nos apoiar no pensamento alheio.”³¹⁹ Nesse esforço pela importação dos conceitos alheios, abandonaram-se as questões propriamente brasileiras:

Ora, quase sempre no passado, ou mesmo sempre, o nosso filosofar não foi outra coisa, como dizia Mário de Andrade, que “exposição sedentária das doutrinas alheias”, não levando em conta a História. Os sistemas eram importados e estudados como dogmas a seguir e daí, o ridículo dos combates com armas emprestadas, a irrisão das escolas *teuto*, *italo*, *anglo* ou *galo-brasileiro*. Faltava no exame das ideias filosóficas, mais uma perspectiva: aquela que resulta do impacto dos sistemas de origem europeia, com a nossa realidade histórica, impacto esse que criava, e cria, novas e curiosas relações.³²⁰

³¹⁹ COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.8.

³²⁰ Idem. **Panorama da história da filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960, p.75.

A questão sugerida pelo professor Cruz Costa demonstra a estranheza referente à importação, pura e simples, do *filosofar* europeu. Apela para algo mais, uma perspectiva original que leve em consideração a experiência vivida e as *peculiaridades* brasileiras. Obviamente que as *filosofias europeias* contribuem, a própria obra de Sérgio Buarque se valeu delas. Mas é necessário ir além, se existe alguma reflexão sobre o Brasil.

Como lembra Cruz Costa: “A filosofia não é mera especulação no vácuo ou simples jogo de conceitos abstratos. É trabalho sobre a experiência real e que cumpre levar a cabo sem perder esse sentido do concreto.”³²¹ Parece que Sérgio Buarque de Holanda tinha esse horizonte teórico quando resolveu elaborar *Raízes do Brasil*. Esse trabalho procurou sugerir isso, apontando o *conceito* de *homem cordial* e um entendimento original acerca de aspectos formativos marcadamente brasileiros (e, quem sabe, até latino-americanos), mas que possui lastro nas diversas contribuições da filosofia europeia. Talvez como quisesse Cruz Costa:

A inquietação de que é possuído hoje o intelectual brasileiro – e que não se resolve graças apenas às soluções de uma angústia de importações ou pelo malabarismo de um neofilosofismo – só poderá encontrar a *salvação*, se tivermos olhos para ver, ouvidos para ouvir e, sobretudo, sabedoria para resolver. Sabedoria no sentido que os gregos davam a esta palavra que significa, ao mesmo tempo, *saber* e *virtude*.³²²

A metáfora escolhida para este trabalho, uma espécie de *árvore do conceito*, buscou sugerir esse caminho. Apontou que o *homem cordial*, como conceito, foi uma semente plantada e germinada no chão fértil da filosofia. Enraizou-se na terra profunda da *formação* especificamente brasileira: a *personalidade ibérica* e a

³²¹ COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.11.

³²² Ibidem, p.419.

herança rural. O conceito cresceu e deitou seus ramos, e tornou-se mais uma planta exótica na mata das interpretações do Brasil. Mas, visto em perspectiva, parece ser uma das mais belas e resistentes árvores dessa mata, pois seus ramos apontam para o fim das desigualdades e do domínio dos mais fortes sobre os mais fracos. Apontam para uma democracia verdadeira assentada na vontade popular. Pede o fim do capricho mesquinho dos mandantes. Enfim, pede o fim da cordialidade.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AVELINO FILHO, George. Cordialidade e Civilidade em Raízes do Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 5, n. 12, 1990.

BARBOSA, Francisco de Assis. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

BURKE, Peter. **Vico**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

CANDIDO, Antonio. Introdução. In: BARBOSA, Francisco de Assis. **Raízes de Sérgio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

_____. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

_____. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

_____. **Introdução à Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. Introdução. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

COSTA, João Cruz. **Panorama da história da filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960.

_____. **Contribuição à História das Ideias no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

DECCA, Edgar Salavador de. Decifra-me ou Te devoro: as metáforas em *Raízes do Brasil*. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Ícone, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Sila (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda**. São Paulo: Ática, 1985.

_____. Negação das Negações. In: MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy (Orgs.). **Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. UNICAMP e Ed. UERJ, 2008.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Vol. II - Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

ELLIS JR., Alfredo. **Populações Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1934.

_____. **Os Primeiros Troncos Paulistas**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro**. Vol.II. Porto Alegre: Globo, 1976.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou a Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/ Publifolha, 2000.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____. Carta a Cassiano Ricardo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**: Edição Crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

_____. **Raízes do Brasil**: Edição Crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

KOYRÉ, Alexandre. **Considerações sobre Descartes**. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

LEITE, Cassiano Ricardo. Variações sobre o *homem-cordial*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**: edição crítica. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983.

LEMOES, Miguel. 10ª Circular Anual do Apostolado Positivista do Brasil. Rio de Janeiro, 1892, p.15. Apud: COSTA, João Cruz. **Panorama da História da Filosofia no Brasil**. São Paulo: Cultrix, 1960.

LUKÁCS, György. **História e Consciência de Classe**: estudos sobre dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MELO, António Moreira Barbosa de. Palavras preliminares. In: VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.

NETTO, José Paulo. Lukács: Tempo e Modo. In: NETTO, José Paulo (Org.). **Lukács**. São Paulo: Ática, 1981.

PAZ, Octávio. **O labirinto da solidão e post-scriptum**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PRADO, Antonio Arnoni. *Raízes do Brasil* e o modernismo. In: CANDIDO, Antonio (Org.). **Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

RANKE, Leopold von. Da unidade essencial dos povos romanos e germânicos e de sua comum evolução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (Org.). **Leopold von Ranke: história**. São Paulo: Ática, 1979.

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 1999.

RUSSEL, Bertrand. What I Believe. In: RUSSEL, Bertrand. What I Believe. **The Basic Writings of Bertrand Russel**. Londres/Nova York: Routledge, 2009.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SALVADOR, Frei Vicente. **História do Brasil: 1500-1627**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

SARMIENTO, Domingo Faustino. **Facundo: Civilizacion y Barbarie**. Madri: Cátedra/Letras Hispánicas, 2016.

SCHWARTZ, Roberto. **As ideias fora do lugar**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

TÁCITO, Públio Cornélio. **Anais**. Livro 1.1. Tradução, prólogo e notas de Leopoldo Pereira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

TRAGTENBERG, Mauricio. Atualidade de Max Weber. In: WEBER, Max. **Metodologia das Ciências Sociais - Parte 1**. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. Populações Meridionais do Brasil: populações rurais do centro-sul. In: SANTIAGO, Silviano (Org.). **Intérpretes do Brasil**. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

VICO, Giambattista. **Princípios de Ciência Nova**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2005.

WEBER, Max. **Historia Economica General**. México: Editora FCE, 1956.

_____. **Metodologia das Ciências Sociais** - Parte 2. São Paulo; Campinas: Cortez; Editora da UNICAMP, 1992.